

UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA
PRÓ-REITORIA DE POS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM HISTÓRIA

CHRISTOVÃO MOREIRA DA CRUZ FILHO

**A RELAÇÃO DO REGIME MILITAR COM A SELEÇÃO BRASILEIRA DE
FUTEBOL NAS COPAS DO MUNDO DE 1970 E 1974**

NITERÓI
2018

CHRISTOVÃO MOREIRA DA CRUZ FILHO

**LINHA DE PESQUISA
IDEOLOGIA E POLÍTICA**

**A RELAÇÃO DO REGIME MILITAR COM A SELEÇÃO BRASILEIRA DE
FUTEBOL NAS COPAS DO MUNDO DE 1970 E 1974**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO, Rio de Janeiro, para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Professora Doutora Marly Vianna.
Co-orientadora professora Doutora Janaina Cordeiro.

**NITERÓI
2018**

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universo
Campus Niterói

C957r Cruz Filho, Christovão Moreira da .

A relação do regime militar com a seleção brasileira de futebol nas copas do mundo de 1970 e 1974 / Christovão Moreira da Cruz Filho. - Niterói, 2018.

133 p.

Bibliografia: p. 129-133.

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em História - Universidade Salgado de Oliveira, 2018.

Orientador: Dsc. Marly de Almeida Gomes Vianna.

1. Brasil - História. 2. Brasil - Política e governo - 1964-1985. 3. Governo militar -

Pois Deus não nos deu espírito de covardia, mas de poder, de amor e de equilíbrio. 2 Timóteo 1:7

AGRADECIMENTOS

A conclusão desse trabalho foi um desafio, pois muitas vezes estive pressionado e pensei até em desistir. Um dia estava assistindo um culto e uma menina, devia ter uns 18 anos, falou uma frase que mexeu comigo “Não devemos desistir de nada que começamos”, por isso, em primeiro lugar agradeço a Deus que fortaleceu meu ânimo e entendimento nesta caminhada.

À professora Regina Lema, que desde o dia que pensei em cursar o Mestrado, estava presente com uma palavra de incentivo. A professora Marly Viana, que apostou nesse projeto, e mesmo, nos momentos em que fraquejei e perdi prazos e a decepcionei, não deixou de confiar e partilhar seu conhecimento e experiência. A professora Janaina Cordeiro, que aceitou o convite para ser co-orientadora e desde o primeiro contato contribuiu com sugestões importantes para o trabalho.

Os amigos Ronaldo Oliveira, Anderson Freire, Jaqueline Taranto, Kátia Falcão, Marcus Meneses, Clenecir Coimbra, Dayse Martins, Karina Coutinho, Michele Madeira e Paulo Roberto Moniz foram muito importante, pois estavam sempre preocupados e transmitindo palavras positivas e encorajadoras.

A minha esposa Danielle Cruz que ouviu minhas lamentações e não deixou que o desânimo me esmorecesse. Seu carinho, dedicação e cobrança foram fundamentais para a conclusão desse objetivo. Ao meu filho Daniel Cruz que com um olhar já era o bastante para recarregar minhas energias e renovar minhas forças. A meus pais Christovão e Zizalda Cruz que com amor acompanharam de longe mais essa etapa vencida.

Muito obrigado.

RESUMO

A relação do regime militar com a seleção brasileira de futebol nas Copas do Mundo de 1970 e 1974 é um trabalho que tem como objetivo identificar os mecanismos que permitiram uma interação entre o governo militar e a população através do futebol. O futebol possui grande popularidade no Brasil e mexe com o imaginário criando sua própria identidade e ser relacionando com a sociedade. Como fonte de pesquisa é utilizada o *Jornal do Brasil*, o *Jornal dos Sports* e a revista *Placar* e pesquisas referências sobre o assunto buscando associar o futebol e a política e a forma de utilização ideológica da ditadura. No capítulo inicial trabalhamos o surgimento e o conceito de futebol, suas características e sua popularidade na Copa do Mundo de 1950, realizada em território brasileiro. No segundo capítulo destacamos a Copa do Mundo de 1970, a demissão do técnico João Saldanha, a paixão do presidente Médici pelo futebol a participação da seleção brasileira e como o governo usufruiu do título. No terceiro capítulo, traçamos como o regime trabalhou com o futebol depois de 70 até a Copa do Mundo de 1974, o governo Ernesto Geisel, a candidatura de João Havelange para presidência da FIFA, a Copa da Independência e participação da seleção brasileira na Alemanha. Ao final concluímos que o regime militar fez uso do futebol como mecanismo de consolidação de ideais, mas não de forma premeditada ou planejada e sim, naturalmente aproveitando o carisma e a simpatia que o esporte alcança em todos os setores da sociedade brasileira.

Palavras chave: Futebol, Copa do Mundo, Regime Militar, Ditadura.

ABSTRAT

The relationship between the military regime and the Brazilian soccer team in the World Cups of 1970 and 1974 is a work that aims to identify the mechanisms that allowed an interaction between the military government and the population through soccer. Football has great popularity in Brazil and moves the imagination creating its own identity and being related to society. As a research source is used *Jornal do Brasil*, *Jornal dos Sports* and the magazine *Placar* and research references on the subject seeking to associate football and politics and ideological use of the dictatorship. In the initial chapter we worked on the emergence and the concept of football, its characteristics and its popularity in the 1950 World Cup, held in Brazil. In the second chapter we highlight the 1970 World Cup, the dismissal of coach João Saldanha, the passion of President Medici for football's participation of the Brazilian national team and how the government enjoyed the title. In the third chapter, we outline how the regime worked with football after 70 until the 1974 World Cup, the Ernesto Geisel government, the candidacy of João Havelange for FIFA's presidency, the Independence Cup and the participation of the Brazilian national team in Germany. In the end, we conclude that the military regime made use of football as a mechanism to consolidate ideals, but not in a premeditated or planned way, but, naturally, taking advantage of the charisma and the sympathy that the sport achieves in all sectors of Brazilian society.

Keywords: Soccer, World Cup, Military Regime, Dictatorship.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
DITADURA E FUTEBOL.....	15
1.1. O futebol e a sociedade.....	17
1.2. A prática e a consolidação do futebol no Brasil.	23
1.3- Afirmação do futebol no Brasil.....	27
1.4. Futebol e Identidade Nacional	33
1.5. A Copa do Mundo de 1950: o povo e o futebol	35
1.6. Brasil nas Copas de 1954 a 1966.....	44
OS MILITARES E O FUTEBOL: A COPA DO MUNDO DE 70.....	48
2.1 Os governos militares: de Castelo Branco a Médici.....	48
2.2. A reorganização do futebol brasileiro depois de 1966.	65
2.3 A passagem de João Saldanha pela seleção de 1970.	70
2.4 A paixão de um presidente por futebol.....	79
2.5. A Copa do mundo de 1970.	83
CAPÍTULO III.....	93
O FUTEBOL DEPOIS DE 70 E A COPA DO MUNDO DE 1974	93
3.1. A criação do Campeonato Brasileiro de 1971	93
3.2 – Taça da Independência.....	103
3.3 – A eleição da FIFA	109
3.4. A Copa do Mundo de 1974.	112
CONCLUSÃO	127
REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA	129

INTRODUÇÃO

Esse trabalho foca a relação existente entre o regime militar brasileiro (1964-1988) e o futebol e, como base de estudos, a Seleção Brasileira e sua preparação para disputa das Copas do Mundo de 1970 e 74, realizadas, respectivamente, no México e na República Federal da Alemanha.

Sobre o golpe, hoje, com mais de 50 anos, redefiniu-se a discussão e não é mais considerado um golpe estritamente realizado por militares, mas, como afirma grande parte dos historiadores, um golpe civil-militar, com apoio importante de agentes civis, não apenas na figura de grandes personalidades políticas da direita, como também de empresários, latifundiários, órgãos de classes, igreja.

Os pronunciamentos do presidente causaram grande comoção em setores conservadores que desejavam sua derrubada do governo. O medo da radicalização dessas medidas e de um suposto “perigo comunista” levou milhares de pessoas às ruas nas “Marchas da Família com Deus pela Liberdade”, organizadas por clérigos e entidades femininas, realizadas em várias cidades do país, sendo em algumas delas apoiadas pelos seus governantes. Assim como esses setores da classe média, a burguesia industrial ligada ao capital externo temia que medidas nacionalistas e progressistas de Goulart se recrudescessem, uma vez que contrariavam seus interesses econômicos. O apoio desses setores da sociedade civil fez com que vários historiadores e demais pesquisadores caracterizassem o golpe de 1964 como “civil-militar” e não somente¹

O trabalho tem como parâmetro cronológico, o ano de 1969 até o de 1974. A escolha por esse recorte é a intenção de avaliar quando realmente começou a relação entre o regime militar e o futebol. O objetivo é identificar os mecanismos que permitiram a criação de uma empatia entre o governo militar e a população.

Assim em disputas internacionais, consegue-se uma quase “união nacional” em torno da equipe que estaria representando todos os brasileiros, encarando-se então o Brasil como algo monolítico e univocamente representável. Ou melhor, quando uma seleção nacional atua há uma superposição de símbolos do país; a bandeira hasteada, os uniformes - que são das cores da bandeira - e a própria seleção. Tudo isso mais ressaltado pelo contraste com os símbolos da “outra” seleção. Algumas das então consideradas “melhores qualidades do povo brasileiro” são exigidas dos atletas: “raça”, “garra”, “malícia”, “sentimento”, além da capacidade de jogo propriamente técnica e da sorte. A derrota em tais competições é frequentemente atribuída ao atraso do país, a seu subdesenvolvimento (especialmente quanto à organização esportiva e a excelência corporal dos atletas).²

No primeiro capítulo, o trabalho propõe uma discussão sobre o futebol, no Brasil, considerado uma paixão nacional, principalmente porque, o esporte movimentava as massas e aglutina pessoas provenientes de diversas classes sociais. A intenção é estudar o futebol, como esse esporte surgiu e firmou raízes em nosso país e como a paixão pela “bola” criou uma identidade única com os brasileiros. Por isso não poderia deixar de falar sobre a participação da seleção brasileira nas diversas Copas do Mundo, maior torneio esportivo do mundo, a partir e com destaque para a edição de 1950 no Brasil, aonde acompanhamos intensamente a interação dos brasileiros com o futebol.

O segundo e terceiro capítulos tiveram a mesma proposta que era estudar a seleção brasileira e sua participação nos mundiais e o paralelo entre o futebol e a política, que no momento era comandada pelo regime militar.

Como fonte de pesquisa utilizamos três veículos de comunicação que contribuíram para a produção do trabalho: o *Jornal do Brasil*, *Jornal dos Sports* e a revista *Placar*. Eles serviram como o guia para montagem dos capítulos, pois as notícias relatavam os fatos conforme aconteciam. Os

¹ ARAUJO, Maria Paula. SILVA. Izabel Pimentel e SANTOS. Desirée dos Reis. *Ditadura militar e democracia no Brasil : história, imagem e testemunho* - 1. ed. – Rio de Janeiro : Ponteio, 2013, p. 15 e 16.

² DA MATTA, Roberto, *Universo do Futebol*: Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982, p. 49 e 50.

materiais evidenciavam a importância do futebol para a sustentação ideológica do governo, alcançando todo o território e atingindo todas as classes sociais do país e como isso foi trabalhado pelo poder.

No decorrer do trabalho, tive a preocupação, isso de forma intencional, de contar os fatos apenas com a visão transmitida pelas fontes, mesmo sabendo que essas sofriam interferências da ditadura, com censura e informações “maquiadas” pelo regime. O objetivo era retratar o sentimento daquela época, sem colocar os conhecimentos que já adquiri com as versões conhecidas e debatidas depois do acontecido.

A demissão do técnico João Saldanha esclarece o que tentei dizer anteriormente. Hoje o senso comum diz que o treinador foi demitido por ser comunista e por ingerência direta dos militares. Mas, acompanhando a trajetória pelos veículos de comunicação e estudos como o da professora Lívia Magalhães podemos ver que a saída era mais do que natural, pois as divergências e problemas que Saldanha criou no início de 1970 colaboraram para a mudança.

O Brasil é um país apaixonado por esporte. E quando falamos do futebol, essa paixão é ainda mais marcante e evidente. O futebol faz parte da história e desenvolve uma identidade que evidencia a imagem e a cultura da sociedade. Por isso, o futebol foi um dos principais mecanismos utilizado pelo regime militar para a manutenção de sua ideologia e de manutenção no poder.

*Por seu forte caráter mobilizador e por ser parte da cultura e da identidade nacional do brasileiro, o futebol não escapou de ser objeto de interesse de governos e políticos. Este não é um fenômeno exclusivo do Brasil, ao contrário, ele é bastante comum em diversas partes do mundo. Diferente do que é comum pensar-se não são somente regimes autoritários que utilizam o esporte a seu favor, existem também os casos de governos democraticamente eleitos que não perderam a oportunidade de se beneficiar com a imagem futebolística.*³

³ MAGALHÃES. Lívia Gonçalves. *Futebol em tempos de ditadura civil-militar*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, 2011, p.1.

Aproveitando a fama do futebol e a paixão do povo pela seleção brasileira, que iria participar das Copas do Mundo de 1970 e 1974, o regime militar empenhou-se em tirar proveito desse esporte nacional, no intuito de promover o governo e manter a nova ordem, em um dos períodos considerados dos mais violentos da nossa história? Resposta que encontraremos no segundo e terceiro capítulos deste trabalho.

Podemos notar ainda claramente essa união entre futebol e regime, pela entrevista do então presidente da CBD, João Havelange, à *Revista Placar* de março de 1970, que tinha como título “Havelange, o político”:

A CBD não é só Guanabara. É Brasil. Sempre que possível, devemos reconhecer os esforços dos que trabalham e criam para o futebol obras gigantes como o Beira-Rio e o Estádio de Manaus. Quanto ao Amazonas, precisamos nos lembrar de que aquele povo, já tão sacrificado por estar longe dos centros mais adiantados, merece, após, quinhentos anos de vida, ver a seleção. Isso representa uma espécie de integração nacional do esporte.

Minha hipótese para o trabalho é de que o regime militar utilizou a seleção brasileira de futebol, como mecanismo de consenso e consentimento para a manutenção de ideologia dos militares no poder. Não de forma premeditada, mas como opção natural, devido o que o esporte representava para o brasileiro. Como sabemos, em qualquer ditadura de militares pelo mundo são utilizados mecanismos que unificam e aproximam o ditador da população. Segundo Roberto Da Matta, o futebol, por ser um esporte nacional, e com grande popularidade e aceitação, seria um artífice, mais do que eficaz, para a formatação de um consenso social e de um consentimento coletivo.

A análise dos veículos de comunicação nos anos estudados, buscando matérias que foram publicadas referentes ao futebol-governo militar, ajuda entender como foi a participação efetiva do regime no esporte mais popular do Brasil.

Muitos trabalhos que têm relação com o tema proposto já foram produzidos, principalmente porque o regime militar e o futebol são amplamente discutidos, não só academicamente, mas também nos veículos de comunicação. Acredito que o diferencial na minha proposta é não apenas falar da Copa de 1970 e como o regime utilizou essa vitória, mas sim apresentar os anos seguintes que culminaram na derrota em 1974.

A professora Janaina Cordeiro, em seu livro *A Ditadura em tempos de milagre*, que utilizo como referência teórica do trabalho, enfatiza os conceitos de consenso e consentimento como fundamentais para a criação e a manutenção de uma ditadura. Embora o consenso não seja unânime, existe e mantém as ideologias, características e pensamentos utilizados por aqueles que são os agentes garantidores do poder. E para que essa ideologia de manutenção de poder permaneça unificada e estabelecida é necessário o consentimento de grande parte da população. Para isso, os regimes ditatoriais utilizam-se de mecanismos como festas, feriados, esportes, entre outros, que aproximem as duas pontas, os que estão no poder e os que não estão no poder.

A ideia de que consenso designa um acordo baseado em princípios, valores e normas partilhados por determinada unidade ou grupo social é de extrema importância para as propostas deste trabalho, à medida que nos permite compreender a ditadura também a partir das relações de continuidade que ele conseguiu estabelecer com a sociedade, partilhando e fazendo –se representante de determinados valores e tradições caras ao imaginário coletivo nacional.⁴

O Brasil vivia o período considerado o mais “duro” da ditadura, entre 1970 e 1974, quando o regime decidiu impor e ampliar suas características ditatoriais e fortalecer o poder conseguido em 1964. Para isso deveria, conter o avanço de oposições e resistências que interferissem diretamente

⁴ CORDEIRO, Janaina Martins. *A ditadura em tempos de milagres: comemorações, orgulho e consentimento*. Rio de Janeiro: FGV. 2015. p.14.

na conjectura implantada pelo golpe. Embora existisse essa necessidade de coibir não só personagens civis, mas oposições políticas, imprensa, artistas, era necessário que o regime utilizasse mecanismos que cooptassem a população de uma forma geral. Para isso, os militares que estavam no poder aproximaram-se da seleção, conforme podemos notar na *Revista Placar*, com a matéria com o seguinte título “Intervenção no futebol, depois da Copa”:

O futebol brasileiro pode matar ou morrer, na Copa do Mundo, não importa: seja qual for o resultado, o governo federal, já decidiu intervir na CBD (Confederação Brasileira de Desporto) através do CND (Conselho Nacional de Desporto) para investigar os muitos anos de denúncia e a causa de tantas crises e brigas no comando da seleção.⁵

A conquista da seleção na Copa de 70 ampliou o clima de euforia nacional e fez com que os militares efetivamente se beneficiassem com a vitória nos campos do México. Música, como “Prá Frente Brasil”, configuravam o sentimento de felicidade e harmonia gerada pelo título. O futebol, aproveitando o momento do país, que viviam o “milagre econômico”, com crescimento exponencial em diversas áreas, permitiu que o regime militar pudesse aproximar o povo dos governantes e com isso criar um consenso entre a população favorável à ditadura, apoiando as vitórias fossem no campo esportivo, como do campo econômico.

Portanto, seguindo os conceitos utilizados pela professora Janaina Cordeiro, notamos que o Regime Militar Brasileiro aproveitou a seleção brasileira de futebol e sua participação na Copa do Mundo, como importante mecanismo de consenso e consentimento visando o apoio popular. O conceito de consenso, estabelecido pela professora significa um acordo entre as partes, que determina valores e normas unificadas entre os diversos grupos sociais e que permitiram a continuidade e aceitação dos valores impostos, à sociedade. O consentimento nasce a reboque desse acordo

criado com o consenso, como podemos notar. Mesmo vivendo os “anos de chumbo” do regime militar, a grande massa aplaudiu e ovacionou os líderes militares em diversas solenidades e atividades onde estes estiveram presentes.

*Ou seja, consenso não é sinônimo de unanimidade e não será analisado como tal neste livro. Ao contrário, trata-se, antes, de observar as formas, diversas, a partir das quais as sociedades se expressam com relação a determinados acontecimentos ou regimes, bem como de compreender o universo de referências simbólicas – e materiais – acionado em determinadas situações e com o qual setores expressivos da sociedade puderam se identificar em certos momentos.*⁶

O que podemos perceber é que embora se vivesse em um período de grande repressão, quando o regime foi brutal e autoritário, a população comemorou junto com a seleção, vibrou junto com os jogadores e foi às ruas cantar músicas e festejar a vitória. Mesmo com restrições de festas populares, o que se viu foi um consentimento para que o futebol mostrasse que o povo estava vencendo, que o nacionalismo estava ressurgindo, que o povo venceu com os jogadores.

A interferência do regime militar, na seleção brasileira de futebol foi usada como mecanismo de consenso e consentimento para a manutenção de ideologia dos militares no poder. Isso porque, os militares precisavam utilizar mecanismos que unificassem e aproximassem a cúpula governista da população. O futebol, por ser um esporte nacional, o número um de popularidade e aceitação, seria o artífice, mas do que eficaz, para a formação de um consenso social e de um consentimento coletivo.

⁵ Revista Placar. 27 de março de 1970, p. 7

⁶ CORDEIRO, Janaina Martins. *A ditadura em tempos de milagres: comemorações, orgulho e consentimento*. Rio de Janeiro: FGV. 2015. p. 14 e 15.

Capítulo I

DITADURA E FUTEBOL.

O mundo tem bilhões de anos e a vida na terra cerca de cem milhões de anos e encontramos discussões que versam sobre temáticas econômicas, sociais, antropológicas, culturais e políticas que criaram, modificaram e transformaram a vida de civilizações, Estados, sociedades e indivíduos.

Ditadura, palavra que vem do latim *dictatura* significa ter os poderes concentrados na mão de apenas um indivíduo ou grupo, de uma assembleia, partido ou classe. Este tipo de regime tem como característica a repressão das liberdades coletivas e individuais e age com excesso de autoritarismo, despotismo e tirania.

Sabe-se, para usar formulações de Max Weber (1999 [1922]), que a dominação só alcança alguma estabilidade se não se restringir ao uso da força. Qualquer regime só pode durar ao longo do tempo se construir alguma base de legitimidade. Nos termos de Antonio Gramsci (2004 [1948]), a política envolve aspectos de força e convencimento. A relação entre dominantes e dominados, mesmo em regimes autoritários, deve ser compreendida não só com base no confronto, mas também na negociação ou ao menos em concessões aos adversários, sem as quais não se constrói uma base de legitimidade. Negociar e conceder implicam o reconhecimento do outro, levando em conta a oposição, que assim precisa ser entendida em seu encadeamento com a situação. Em suma, as oposições e a ditadura na sociedade brasileira devem ser compreendidas de modo relacional, envolvendo zonas intermediárias entre colaborar e resistir.⁷

Historicamente, as ditaduras formadas nas diversas regiões do mundo utilizaram diversos mecanismos para consolidar e perpetuar a sua posição,

⁷ MOTTA, Rodrigo Patto Sá; Reis, Daniel Aarão; Ridenti, Marcelo; (org.). *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014

entre eles, a violência e a força bruta. Para isso, usava a propaganda institucional, política, criava eventos, produzia festividades mantendo sua ideologia fortalecida no meio da opinião pública, criava normas e legislações para censura de comunicação e liberdade de expressão, diminuindo direito e deveres, dizimando a oposição, enfraquecendo os partidos de oposição. Com todos esses ingredientes colocados na mesa, a receita do bolo estava pronta: falta de oposição, propaganda positiva excessiva, silêncio e apoio popular.

A vitória da seleção brasileira na Copa do Mundo em 1970, como consequência do apoio do governo, e a utilização da propaganda para a construção de um país em constante crescimento, refletido na melhoria de vida do povo, expressavam-se em jingles ufanistas – “90 milhões em ação, pra frente Brasil do meu coração” – e slogans publicitários – “Brasil – ame-o ou deixe-o” e “Ninguém mais segura este país”, “Você constrói o Brasil”. Centradas nos temas amor, solidariedade, família, civismo patriotismo, prosperidade, as propagandas enalteciam o papel do cidadão e colocava-o como coparticipante do ‘milagre econômico’.⁸

A ditadura brasileira, que teve início em 1964, durou mais de 20 anos, trazendo ao país uma série de acontecimentos e episódios que culminaram em transformações marcantes para o Brasil. Em um regime em que os militares administravam o poder, encontramos tortura, violência, “milagre econômico”, futebol, censura e repressão e um emaranhado de atores escrevendo a história.

O regime autoritário que aqui se instalou apresentou algumas particularidades. Em primeiro lugar, juntou o alto comando das Forças Armadas e elites civis em torno de um projeto ambíguo tanto em sua configuração institucional quanto em seu cronograma; logo essas contradições seriam percebidas, dentro e fora do regime, nos processos sucessórios e no alcance da

⁸ NAPOLITANO. C.; LUVIZOTTO, C. GONZALES. L. Censura à liberdade de expressão e propaganda política: estratégias para legitimação do regime militar. “O Golpe de 1964 e a Ditadura Militar em Perspectiva”. São Paulo, Cultura Acadêmica, 2014, p. 258.

'abertura'. Em segundo lugar, sempre buscou alguma base legal para justificar sua autoridade, ou seja, a legitimidade foi uma preocupação permanente em sua agenda. Decorrencia disso, em terceiro lugar, institucionalizou-se, e para tanto basta relembrar a sucessão de Atos Institucionais e as reformas constitucionais operadas em situações mais críticas. Por último, foi um regime que não só conservou como aperfeiçoou o modelo desenvolvimentista herdado dos tempos do populismo, além de manter uma relação permanentemente tensa com as estruturas descentralizadas próprias do sistema federativo.⁹

1.1. O futebol e a sociedade.

As sociedades de todo o mundo buscam em objetos do cotidiano uma forma de extravasar suas necessidades e emoções. Com isso, o ser humano, aproveitando sua característica única que é ser criativo, vem criando coisas que permitem alcançar esse objetivo. Os esportes, a música, o teatro, o cinema, as festas populares, os shows, os festivais, são alguns desses exemplos que evidenciam constante procura por satisfação pessoal, ou até mesmo por felicidade.

E parte do meu entendimento que quando eu ganho uma certa compreensão sociológica do futebol praticado no Brasil, aumento simultaneamente minhas possibilidades de melhor interpretar a sociedade brasileira. Creio, por outro lado, que este enfoque permite descobrir como uma certa atividade é apropriada diferenciadamente em sociedades diversas, ponto que me parece importante quando se trata de submeter ao crivo do estudo sociológico uma instituição moderna marcada pelo cosmopolitismo, como é o caso do futebol.¹⁰

⁹ GOULART, Jefferson O. Crônica de uma centralização anunciada: concentração de poder e dinâmica federativa sob a ditadura. "O Golpe de 1964 e a Ditadura Militar em Perspectiva". São Paulo, Cultura Acadêmica, 2014, p. 34 e 35.

¹⁰ MATTA, Roberto da e outros. *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke. 1982, p. 21.

Em meio a esses diversos mecanismos de contentamento, encontramos o objeto do nosso estudo: o futebol, que é certamente o esporte mais popular e praticado em diversas regiões do mundo. Esse esporte chegou a Brasil, há controvérsia¹¹, em 1895 pelas mãos do inglês Charles Miller¹² e tornou-se o mais popular em nosso território sendo praticado de Norte a Sul do país.

...dada a extensão que tem o futebol no Brasil, a imersão na vida futebolística se faz de uma maneira tal que não passa por uma atividade refletida, ou então passa tanto que todo mundo se considera mais na posição de ensinar futebol do que de aprender sobre ele. Afinal, trata-se do fenômeno em relação ao qual parecemos estar sempre ou muito por dentro ou muito por fora, obnubilados por ele ou desconectados da sua verdade sob a espécie de uma “superioridade” crítica.¹³

Pouco depois, aos 20 anos, Charles Miller voltou de uma temporada de estudos - na Inglaterra carregando um par de chuteiras, uma bola, uma bomba para enchê-la e o livro de regras do esporte - que, por sinal - pouco mudaram desde então. Em menos de um ano, partidas começaram a ser disputadas nas várzeas paulistanas. A primeira de que se tem notícia aconteceu num domingo, 14 de abril de 1895, e antes da virada do século o Brasil já estava apaixonado pelo “football”. Nasceram, daí, os primeiros clubes.

Os times que disputaram a primeira partida eram compostos de um lado pela equipe formada por Charles Miller e por estrangeiros ingleses que viviam e trabalhavam no país. Os times ganharam o nome de Companhia de Gás e São Paulo Railway , sendo que a segunda equipe venceu o jogo por uma diferença de dois gols, um placar de 4 a 2. Foi só então que a

¹¹ Historiadores como José Moraes Neto, entre outros consideram que o futebol já existia no Brasil antes da chegada de Charles Miller. A prática era realizada por marinheiros da França, Holanda, imigrantes, que jogavam como recreação.

¹² Charles William Miller (São Paulo, 24 de novembro de 1874 — 30 de junho de 1953) foi um esportista brasileiro, considerado o "pai" do futebol e do rúgbi^[1] no Brasil.

Associação Athletica do Mackenzie College¹⁴ fundou o primeiro clube brasileiro criado por e para brasileiros. No início eles chutavam bolas de basquete, no ano de 1898, a equipe vencia as vezes, mas nunca foi considerado uma boa equipe de futebol.

O início do futebol no Brasil tem uma face visível e outra invisível. Imediatamente visível é o futebol de elite, introduzido, segundo a ver são oficial, por Charles Miller em 1894, antecedido aqui e ali por marinheiros ingleses, por funcionários da São Paulo Railway e por alguns colégios que modernizavam eventualmente os hábitos ginásticos (seguindo proposição de Rui Barbosa feita já em 1882) como o São Luis de Itu. Implantado e praticado regularmente entre sportsmen nos clubes chics, com status de importação inglesa, assumido como prerrogativa de classe e separado da plebe por uma espécie de cor d'ão sanitário, esse futebol torna-se logo a vitrine de um modo de vida europeizado, cosmopolita, e um índice de civilização e progresso, além de um traço de distinção social. Pondo-se como um esporte vocacionado congenitamente para gente fina, seja na plateia ou no gramado, o futebol dos grandes clubes do Rio de Janeiro (Rio Cricket, Paysandu Cricket, Fluminense, Botafogo, América, Bangu) e de São Paulo (São Paulo Athletic, Paulistano, Germânia, Palmeiras, Ipiranga) consolida-se como moda elegante ao longo já da primeira década do século.¹⁵

Isso fez com que no início, a história do futebol no Brasil fosse confundida com a história da elite paulista, já que apenas esses grupos de homens conseguiam jogar as partidas. Na época, em uma sociedade recém-saída de um período de escravidão os negros eram proibidos de jogar e por isso, o futebol nasceu como um esporte exclusivo de brancos e ricos.

A Primeira Liga de futebol criada foi a Paulista, no ano de 1901, por isso foi também pioneira na hora de organizar um campeonato, que ganhou o nome de Campeonato Paulista. O pai do futebol participou da competição

¹³ WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil*. São Paulo: Conquista das Letras. 2008. p. 12 e 13.

¹⁴ Associação Atlética Mackenzie College foi uma equipe brasileira de futebol da cidade de São Paulo. Fundada em 18 de agosto de 1898 por alunos da Universidade Mackenzie, participou por 13 vezes do Campeonato Paulista.

¹⁵ WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio. O futebol e o Brasil*. São Paulo. Companhia das Letras. 2008. p. 200.

e seu time foi tricampeão paulista, o que fez com que seus jogadores se tornassem verdadeiras sensações.

As primeiras equipes de futebol profissional começaram a se organizar 18 anos mais tarde e nessa época todos os estados já tinham participações, ainda que esporádicas na história do futebol no Brasil. Nesse ano já existiam clubes e federações e campeonatos regionais, assim como a Confederação Brasileira de Desportos, ou como era conhecida CDB¹⁶, cinco anos antes e que era responsável por administrar diversas outras modalidades de esporte no país.

O futebol teria numa sociedade como a brasileira, em grande parte formada de elementos primitivos em sua cultura, uma importância toda especial. E era natural que tomasse aqui o caráter particularmente brasileiro que tomou. O desenvolvimento do futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura.¹⁷

O sociólogo Gilberto Freyre descreveu a importância do futebol para a história contemporânea do Brasil em 1947. Relacionou a transformação da sociedade desde o início da República, tornando-se cada vez mais urbana, com a incorporação do futebol como paixão nacional a partir de 1895. O esporte trazido da Inglaterra pelas elites se arraigou na população que tomava as cidades. Tornou-se um elo em comum para as massas. Mais do que isso, ajudou a quebrar barreiras sociais e raciais, nas arquibancadas e nos campos.

¹⁶ Confederação Brasileira de Desportos foi a entidade brasileira responsável pela organização de todo esporte no país. Antes de cada esporte ter a sua confederação própria, todos tinham como referência a CBD, que era a entidade com voz máxima no Brasil. Somente após a extinção da CBD, em 1979, foi criada a atual Confederação Brasileira de Futebol - CBF.

...o futebol funciona no Brasil como importante elemento de ruptura da sólida hierarquização social. Aliado a isso, esse esporte representa a materialização de um traço cultural crescentemente vitorioso e competente em meio a tantas derrotas. O futebol é, finalmente, o local da vitória dentro do respeito mais ou menos generalizado às regras, o que torna ainda mais importante para o orgulho nacional. Por meio do futebol, o brasileiro médio se encontra, identificando ali um estilo efetivamente “brasileiro”, indistinguível em outras áreas, dominadas por elementos externos.¹⁸

As agremiações hoje consideradas tradicionais, como o Flamengo (Rio de Janeiro) e o Vitória (Bahia), foram criadas nos anos 1890, mas como clubes de regatas, no caso do time carioca, e clube de críquete, no caso do Vitória. O gaúcho Rio Grande, em 1900, foi o primeiro clube criado para a prática do futebol, seguido pela Ponte Preta, de Campinas, no mesmo ano. O primeiro campeonato - o paulista - aconteceu em 1902 e é disputado até hoje. Três anos depois, o campeonato baiano teve sua primeira edição e, no ano seguinte, o carioca debutou. Assim, os estaduais foram nascendo pelo país: o mineiro, em 1915, e o gaúcho, em 1919. Em 1922, organizado pela Confederação Brasileira de Desportos – CBD , acontece o primeiro campeonato entre seleções estaduais. Antes, em 1917, o Brasil organizou sua primeira seleção, ainda sem negros, e disputou o primeiro sul-americano, mas não conquistou o título.

A profissionalização começou em 1916, com apoio de Bahia, Minas Gerais, Pará, Paraná e Rio Grande do Sul. No mesmo ano, a entidade se filiou à Confederação Sul-americana de Futebol - CONMEBOL e - à Federação Internacional de Futebol – FIFA. O esporte era ainda elitista, já que somente jogadores da alta sociedade, apenas sócios, jogavam nos clubes. O futebol foi ficando cada vez mais popular nos anos 1920, quando alguns clubes aceitaram que jogadores de outras classes, inclusive negros,

¹⁷ FILHO, Mário. *Negro no Futebol Brasileiro*. 2ª ampliada. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

¹⁸ GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 29.

atuassem por seus times. Vem daí o termo “pó-de-arroz”¹⁹, produto aplicado na pele dos jogadores negros, para disfarçar sua cor.

Por volta dos anos 1930/40, o futebol já era considerado um fenômeno popular de massa e passou a ser visto pelas elites governantes como um componente fundamental a ser atingido na sua intenção de disciplinar uma sociedade. Em 1933, aproveitando popularidade desse esporte, que movimentava as massas, e vendo o as lutas e disputas que os atletas travavam junto aos clubes para receberem salários, o governo de Getúlio Vargas aproveitou para regularizar a profissão de jogador de futebol, obrigando a sindicalização, para que esses profissionais fossem assalariados.

A regulamentação da profissão de jogador de futebol deveu-se a um movimento cultural e político, que visava disciplinar a sociedade, seguindo regras que eram criadas pelo Estado, propiciando assim o início da criação de uma nova identidade nacional, focada no esporte. Essa normatização era importante para nivelar a prática amadora com a tradição etilista, permitindo a efetiva popularização do futebol e a regulamentação da prática em todo o Brasil.

O futebol tem papel fundamental na construção de uma identidade nacional brasileira, na medida em que foi se transformando numa “paixão nacional”, compondo de maneira significativa o mosaico da cultura política nacional. Assim como o carnaval e o samba, o futebol foi um dos patrimônios culturais brasileiros.

¹⁹ MATTOS, Cláudia. *Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 51.

1.2. A prática e a consolidação do futebol no Brasil.

O futebol, no Brasil, é um importante elemento que serve para a formação de uma identidade nacional, sendo inserido no processo de formação cultural do brasileiro e influenciando às relações políticas, sociais, econômicas e jurídicas de toda a sociedade. O jornalista Osvaldo Bertolino²⁰ afirmou que “a história do futebol guarda simetria com a formação do povo brasileiro” - aqui a citação, tanta é a identificação entre o esporte e a população.

Os esportes em destaque no mundo atual surgiram como recreação para depois ganhar a dimensão política e economia. Concentrados nas principais cidades brasileiras, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo, esses imigrantes contribuíram direta ou indiretamente para a disseminação dos esportes em geral e para a fundação de clubes esportivos, em especial de futebol.

*Surgido na Inglaterra, o futebol já seria aqui praticado, em fins de século XIX, por imigrantes europeus e empregados de companhias estrangeiras, especialmente ingleses, mas também portugueses, italianos, e alemães (Souza, 2002, p.25). Reconhece-se, porém, que sua introdução formal, acompanhado das respectivas regras, coube a jovens filhos de famílias ricas, de origem anglo-saxã, que foram estudar naquele país. O jogo logo atraiu brasileiros da elite, que acreditavam compartilhar, através de sua prática, a civilização e a modernidade dos ingleses. No início seu maior desenvolvimento ocorreu em São Paulo, pois a imigração estrangeira ali foi mais intensa. Não tardou, contudo, sua rápida difusão no Rio de Janeiro.*²¹

²⁰ Osvaldo Bertolino nasceu em 1962, em Maringá, noroeste do estado do Paraná, e mora atualmente na cidade de São Paulo. Foi diretor de imprensa do Sindicato dos Metroviários de São Paulo e trabalhou oito anos como editor de economia do Portal Vermelho, do qual foi um dos pioneiros. Foi ainda assessor de imprensa na Câmara dos Vereadores de São Paulo, na Central Única dos Trabalhadores (CUT) e na Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB). Escreveu os livros Testamento de luta - a vida de Carlos Danielli (2002) e a primeira edição da biografia de Maurício Grabois (2004). Atualmente é editor-executivo do Portal Grabois e pesquisador da Fundação Maurício Grabois.

²¹ FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano. Vol.2.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 290.

O esporte era praticado no Brasil pela elites no início do século XIX e a partir daí surgiram os primeiros clubes, como o Fluminense em 1902 e o Botafogo em 1904, e com isso, popularizou-se, que já por volta dos anos 30 e 40 alcançou as classes inferiores da sociedade, consolidando-se como um esporte popular de massa. Mesmo com todas as mudanças, a população do Rio de Janeiro demorou em praticar o futebol no espaço público, o que é uma realidade histórica e cultural no Brasil. Trazidas pelo europeu, as atividades esportivas começaram a ganhar força com a participação de todas as classes da sociedade. A aceitação do futebol foi boa graças a afirmação dos outros esportes.

*Flamengo e Vasco não nasceram do futebol. Os dois foram fundados, respectivamente, em 1895 e 1898, para serem clubes de remo, o esporte nobre da época...Somente em 1916, quando o campeonato carioca já se multiplicava em divisões inferiores, para dar conta de atender aos muitos times que acabaram surgindo, os imigrantes portugueses adotaram o futebol.*²²

O futebol no Rio de Janeiro não ficou restrito apenas aos clubes que existiam na capital do Estado do Rio de Janeiro, Segundo Glauco José da Costa, os habitantes do subúrbio, também, praticavam o esporte, com uma liga organizada, grande público nos jogos e formação de futuros jogadores para os principais clubes.

No ano seguinte, foi criada a Liga Suburbana de Futebol, da qual tomaram parte o Riachuelo, que foi o vencedor dos 1º e 2º quadros, o Sport Club Mangueira (da Tijuca), fundado em 27 de julho de 1906 – vice-campeão no 2º quadro; o Nacional Football Club (do Riachuelo), fundado em 1º de agosto de 1906; o Pedregulho Football Club (de Benfica), fundado em 03 de maio de 1906 – vice-campeão no 1º quadro; e o Sampaio Football Club (do Sampaio), fundado em 17 de junho de 1906, mas que não chegou a terminar o torneio, pois se retirou por falta de jogadores (Jornal

²² MATTOS, Cláudia. *Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 27.

do Brasil, em 17/06/1907). Além dessas competições, diversas outras “Ligas Alternativas” entraram em cena no cenário carioca, indicando, não só a difusão do futebol entre a população do Rio de Janeiro, como também uma tentativa de, ainda na primeira década do século XX, dar-lhe um caráter organizado.²³

Como exemplos da participação de outros esportes na consolidação do futebol têm o remo e o turfe que foram fundamentais para a afirmação do esporte na cidade. Através deles é das mudanças socioculturais do Rio de Janeiro, o esporte ganhou a força necessária para crescer. Com a chegada do major João Guilherme Suckow²⁴, o turfe carioca começou a se espalhar por todas as classes sócias, não ficando mais centrada apenas na elite.

Na verdade, as mudanças na estrutura sociocultural da cidade (onde articulavam-se saúde e estética) também estavam relacionadas com modificações no âmbito das elites e foram determinadas nos diferentes tempos de desenvolvimento dos diferentes esportes.²⁵

O Remo surgiu no Rio de Janeiro, após uma mudança de estrutura sociocultural na cidade. O carioca começou a procurar os esportes aquáticos, quando os líderes político da cidade começaram a ter uma maior preocupação com o saneamento básico, fazendo com que a elite começasse a buscar o mar.

O fluminense mais esclarecido, no entanto, se preocupa com a saúde. Recorre aos meios que podem preservá-la: os passeios campestres, a equitação, o banho de mar e a ginástica, que se introduz, pouco a pouco, nos seus hábitos.²⁶

²³ SOUZA, Glauco. “Cá em casa é só amor”. O Profissionalismo Marrom nos Subúrbios Cariocas. XXIX Simpósio de História Nacional, 2017, pág. 5.

²⁴ - Proprietário de uma empresa que prestava serviços urbanos.

²⁵ MELO, Vitor de Andrade. *Cidade Esportiva- primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro. Relume Dumará:FAPERJ,2001.

²⁶ RENAULT, 1978, op.cit.

Um fato importante para a afirmação do remo no Rio de Janeiro foi a nova mentalidade corporal da população, que começava a se preocupar com a saúde do corpo. Com isso começaram a surgir os clubes de ginástica, criando assim exercícios específicos para a prática do Remo.

O futebol tornou-se popular no final de 1910. As atividades esportivas dependiam exclusivamente da participação do público e da organização da cidade. A criação de uma cidade moderna com vida externa e ativa facilitou a afirmação do esporte em todas as classes da sociedade. O esporte foi uma manifestação cultural inventada e copiada do europeu, mas no Brasil ganhou sua própria identidade.

Apesar das dificuldades impostas por aqueles que se consideravam os verdadeiros desportistas, cresce a cada dia o prestígio do futebol, não só incrementando-se a torcida como se ampliando o leque entre seus jogadores, garantindo-se, inclusive, a presença de trabalhadores nos campeonatos da liga. Nosso sujeitos passam a praticá-lo, multiplicando-se os clubes, dando lugar a novas ligas e campeonatos. Os populares, portanto, nessa luta cotidiana, em nenhum momento abrindo mão da prática do jogo, asseguram seu espaço e crescente participação. Tomava vulto a escalada em termos de transformação do futebol em um grande fenômeno de massas (Pereira, 2000, p. 127.).²⁷

Uma destas criações foi a identidade nacional. A palavra identidade quer dizer “equação cujo os membros são identicamente os mesmos”²⁸, ou seja, onde a maioria pensa ou age da mesma maneira. Enquanto nacional quer dizer “Relativo ou pertencente à nação”²⁹.

²⁷ FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano. Vol.2*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 294.

²⁸ - Dicionário da Língua Portuguesa, O Globo

²⁹ ARAUJO, Maria Paula. SILVA. Izabel Pimentel e SANTOS. Desirée dos Reis. *Ditadura militar e democracia no Brasil : história, imagem e testemunho* - 1. ed. – Rio de Janeiro : Ponteio, 2013, p. 15 e 16.

1.3- Afirmação do futebol no Brasil

O futebol adquiriu, ao longo da história contemporânea do Brasil, um significado muito forte para a nossa cultura. O futebol tornou-se em nossa sociedade uma atividade que mexe com o sentimento de preocupação do brasileiro. A chegada do futebol no Brasil é apresentada por acadêmicos e jornalistas como tendo, nos seus primeiros anos, três momentos distintos. Todos eles marcados pela questão da raça. “O Futebol foi utilizado na construção de uma identidade nacional e esta, por sua vez, foi construída em cima de pressupostos racistas”³⁰

O primeiro momento destacado pela bibliografia trata da incorporação ao futebol de negros e pobres. Um segundo momento seria aquele das lutas e resistências a isso por parte das elites e o terceiro momento seria a da ascensão do negro como “marco de qualidade” do futebol brasileiro.

*De esporte considerado próprio da elite, que pelo exercício aproximar-se-ia do modelo “civilizado” europeu, passa, na década de 1930, a ser valorizado pela influência negra, que teria dado ao futebol brasileiro um estilo nacional e uma mestria, que, de longe, o fizeram superar aquele próprio dos seus locais de origem.*³¹

A identidade que nosso futebol criou, muito tem a ver com os problemas raciais do país que no esporte ficavam mais explícitos. A história do futebol brasileiro tem a questão racial dentro de sua criação. As origens negras e indígenas deixam de ser a vergonha nacional e passam a se transformar na principal característica do povo que acaba por definir um estilo próprio de futebol, com base na ginga, leveza e criatividade do povo brasileiro. O mito da mistura de raças tem papel importante para a criação

³⁰ SOARES, Antônio Jorge G. 1999. *Futebol, Raça e nacionalidade no Brasil*. Releitura da história oficial. UGF, tese de doutorado.

³¹ FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano*. Vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 290.

da identidade democrática da sociedade brasileira. O futebol, nos seus primórdios, era limitador, preconceituoso e praticado apenas por alguns grupos sociais.

Deste modo, acreditamos que a denominação futebol-arte está intimamente ligada à formação da identidade nacional nos anos de 1930, em que o traço mestiço do brasileiro ganhou força na narrativa do que viria a ser nossa brasilidade. O futebol se tornou uma cristalização daquele pensamento, principalmente após a Copa do Mundo de 1938. A ideia de democracia racial encontrou no futebol um exemplo de fácil assimilação e compreensão, principalmente pelo potencial mobilizador que o esporte exercia na sociedade.³²

Os primeiros estudos sobre o futebol brasileiro diziam que o negro era peça fundamental para a prática do esporte, pois o negro brasileiro utilizava características individuais para um melhor desempenho no futebol, como a dança, a capoeira que fizeram com que criasse uma maneira pessoal de jogar futebol. O estilo do futebol brasileiro teria sido construído não pelas habilidades corporais negras, mas também em função da mistura das diversas raças, da miscigenação que é predominante na sociedade brasileira e que se reflete no futebol:

O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com os dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de Nilo Peçanha, que foi até hoje a melhor afirmação da arte política.³³

A questão da identidade nacional é um campo largo para os estudos e pesquisas nas ciências sociais e humanas. A identidade nacional é resultante de conhecimentos que estão sempre sendo modificados:

³² MOSTARO, Felipe Fernandes Ribeiro. *O futebol-arte na imprensa nacional: a construção de um estilo de jogo*. Artigo publicado dia 24/10/2014, p. 358.

Nós no Brasil, e certamente em todo o terceiro mundo, o futebol é um registro vivo de potencialidades da sociedade. Mas que isso, o futebol também é uma área onde se pode ter experiência de igualdade e de respeito as leis, algo que inexiste no mundo real. Neste sentido, o caso brasileiro é muito revelador. Aqui se podemos falar de futebol como ópio, temos que dele falar como instrumento de cidadania e de uma confiança em nós mesmos que nenhuma outra atribuição chegou a dar ao Brasil na mesma proporção³⁴

O futebol brasileiro como elemento de construção de uma identidade nacional pensada como “miscigenação” se deve, em grande parte, às lutas raciais e de classes e a consequente entrada de negros no futebol, bem como a superação da perspectiva “racialmente seletiva” das primeiras interpretações sobre a entrada dos setores brancos e elitizados da sociedade brasileira. Ao mesmo tempo em que consideram o futebol como elemento central da identidade nacional, consideram a raça e a miscigenação, como partes fundamentais para a criação desta identidade através do esporte.

O futebol tornou-se uma indústria nacional, no fim da Segunda Guerra Mundial, fortemente regulada pelo governo. Jornais e rádios continuaram a manter sua popularidade. A urbanização produziu uma grande mudança: enquanto a diretoria permanecia no campo sagrado das elites, os associados eram da classe média, que foram atraídos ao clube por suas atividades sociais (bailes de carnaval, restaurantes, piscinas) e pelo status a eles oferecidos pela primeira vez. Os associados passaram de algumas centenas a milhares no início dos anos 40, e uma geração depois o Flamengo tinha 65.000 pessoas e o Corinthians 150.000 associados. O futebol não só afetou espaço para a classe média como afetou muito o público. Despertando interesses, produziu nos grupos o sentido de diversidade dentro das cidades e elos

³³ FREYRE, Gilberto. Diário de Pernambuco, 17-06-1938.

³⁴ DA MATTA, Roberto. *Exploração: Ensaio de Sociologia Interpretativa*, Rio de Janeiro, Rocca, 1985, p. 190.

*horizontais entre grupos em uma sociedade dominada pelos laços hierárquicos verticais.*³⁵

O jornalista Mário Filho escreveu o livro *O Negro no futebol Brasileiro*, que teve sua primeira edição publicada em 1947 e a segunda em 1964, acrescida de dois capítulos. A publicação tem como objetivo reforçar identidades nacionais, utilizando histórias de miscigenação contada pelo autor, sem uma base sociológica, histórica ou antropológica.

Mário Filho foi um dos principais jornalistas esportivos no país. Fundou o *Jornal dos Sports*, primeiro jornal especializado em esportes no país. Seu jornal e seu jornalismo nunca se limitaram a noticiar passivamente os fatos esportivos. Foi um dos que, mas lutaram para que fosse construído o Maracanã, para a realização da Copa de 1950. Em 1966, após a sua morte o estádio passou a ter o seu nome.

Através de seu livro, Mário Filho mostrava como foi montada uma estrutura decisiva na democratização racial, e portanto na construção de uma nação íntegra. O futebol era a maneira que os negros encontraram para entrar na economia brasileira. Mário Filho tentou relatar, em seu texto, que a mistura das raças e a igualdade entre elas, faria com que se criasse uma sociedade mais íntegra, homogênea.

O autor tentava caracterizar que o negro é a imagem do futebol brasileiro, que através de sua entrada no esporte podemos criar uma identidade nacional. Mário Filho caracteriza o futebol brasileiro com negros, brancos e mulatos misturados. E comentando sobre a Copa do Mundo de 1950, diz que a confiança no título “vinha do torcedor, vinha do brasileiro”³⁶

Devemos considerar que a formação da nação brasileira fica sempre concentrada em discursos racistas. A identidade nacional é uma construção do Estado- Nação, e é importante ressaltar que a identidade mesmo sendo

³⁵ MEYHI, José Carlos Sebe Bom. *Esporte e Sociedade: O caso do Futebol Brasileiro*. In: *Futebol e Cultura*: Revista SP Cultura nº 1. José Carlos SebeBon Meihy e José Sebastião Wíter (orgs); Secretaria de Estado e Cultura de São Paulo, 1982, p.31.

³⁶ FILHO, Mário. *Negro no Futebol Brasileiro*. 2ª ampliada. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

inventada ou criada tem eficácia na construção da imagem de uma população. Muitos pesquisadores acreditam que os líderes das sociedades criam identidades como uma maneira de iludir e dominar o povo. Criando assim ideias de dominação. A identidade nacional ganha maior força quando vivemos o clima de uma Copa do Mundo. A Copa do Mundo é um momento onde a identidade nacional é mais marcante e aguçada. “O Brasil é visto no exterior e por seus próprios habitantes como o país do futebol, do samba e do carnaval”³⁷

Em época de Copa do Mundo o brasileiro se mobiliza em um patriotismo ferrenho, onde todos estão lutando por um ideal que é ver o Brasil ser campeão do Mundo. As casas ficam enfeitadas, ruas pintadas, o clima de festa toma conta de todo o território nacional.

Os discursos sobre o patriotismo e o “amor” do brasileiro ficam mais evidentes, pois todos têm orgulho de dizer que são brasileiros e que possuem o melhor futebol do mundo. A Copa do Mundo é um momento melodramático em que “renasce” o nacionalismo. Pois todos “esquecem” os problemas que vivem no país e unem-se pelo mesmo ideal, torcer pela Seleção Canarinho.

Esse esporte serve como instrumento de integração social, pois é através dele, que os indivíduos que participam desse entretenimento se tornam um só, firmam-se como uma unidade e com isso é capaz de gerar sentimentos mais profundos, seja de ódio ou amor em milhares de pessoas.

O futebol propicia uma oportunidade única em que não existe uma diferença social entre os indivíduos. Roberto da Matta afirma ser essa experiência como a verdadeira “horizontalização do poder”, não sendo necessário a participação de um intermediário, como vemos na política ou na justiça para que a sua participação direta seja eficaz.

³⁷ ARAUJO, Maria Paula. SILVA. Izabel Pimentel e SANTOS. Desirée dos Reis. *Ditadura militar e democracia no Brasil : história, imagem e testemunho* - 1. ed. – Rio de Janeiro : Ponteio, 2013, p. 15 e 16.

Todo o esporte hegemônico, caso do futebol no Brasil ou do beisebol nos Estados Unidos, tende a representar a “consciência coletiva” de uma sociedade, no sentido dado por Durkheim em “Da Divisão do Trabalho Social” (1893), isto é, o fenômeno de organização primitiva sob qual ocorre a solidariedade dita “mecânica” – os indivíduos se ligam entre si devido a um conjunto de características naturais comuns, e não por decisão pessoal. Ter um time de futebol para torcer é algo como um traço “natural” do indivíduo, como se ele tivesse nascido com essa determinação, algo semelhante às particularidades físicas e culturais que o identificam com os outros membros do mesmo grupo. Portanto, os torcedores se congregam entre si e em torno de seu time de forma automática, irrefletida como pessoas de um mesmo núcleo familiar ou integrantes de sociedades ainda rudimentares. Dessa maneira, o esporte de massa é uma das poucas manifestações que parecem resistir à individualização e a defesa de interesses particulares como resultado da crescente complexidade social.³⁸

O futebol por essa característica de ligação, de união, de interação social é o esporte mais praticado em todo o mundo. Talvez porque seja um esporte barato e fácil de jogar, basta ter uma bola e um espaço com uma marcação de gol para que comece o certame. Não é necessário ser rico para jogar, nem estudar nos melhores colégios ou universidades, pois é nos campos de terra batida que nascem os futuros craques que vão movimentar a paixão de milhares de pessoas no mundo.

...o sucesso do futebol no Brasil só pode se dever ao fato de que o Brasil é Vaçanhas com o corpo e dotados de esperteza suficiente para iludir seus adversários. Aqui, novamente, temos uma boa explicação, mas ela continua a não bastar. Afinal, países pobres como o Brasil os há em grande quantidade no mundo, mas apenas o Brasil conseguiu ser cinco vezes campeão do mundo e é notório construtor de craques que encantam o mundo inteiro.³⁹

³⁸ GUTERMAN. *O Futebol Explica o Brasil: o Caso da Copa de 70*. São Paulo. 2006. p.19.

³⁹ Idem 23, p. 28.

1.4. Futebol e Identidade Nacional

Todo o país possui suas próprias características e essas são providas e programadas através de suas tradições e cultura. Através dessas tradições e culturas e que podemos criar e avaliar a formação de uma identidade para a população. O futebol tem essa característica e, principalmente no Brasil, a partir da interação e afinidade entre esse esporte e a população.

Osvaldo Bertolino (2010) diz que a conquista do Campeonato Sul-Americano de 1919 foi um marco para a relação entre o futebol e o povo brasileiro. No dia da final do campeonato o então presidente, Delfim Moreira, decretou ponto facultativo, e a maioria dos bancos e casas comerciais não abriu as portas. Isso acabou se tornando um aspecto cultural e hoje, em dia de jogo da seleção brasileira, as cidades param para assistir a transmissão. Quando acontece um gol, por exemplo, é como se o país inteiro, como uma grande unidade, gritasse e comemorasse junto.⁴⁰

O futebol, como já percebemos, é um fator importante para a formação da sociedade brasileira. Por isso, vemos como o torcedor brasileiro se identifica com o seu clube de coração, e como transforma esse sentimento como norteador da sua vida. Mas de quatro em quatro anos, esse amor cresce e é movido pelo maior torneio de futebol: a Copa do Mundo. A cada quatro anos durante o torneio de futebol o país para em dia de jogo da seleção, a identidade coletiva aparece e o povo se sente um só, pois cria-se um clima de esperança e aflição.

Historicamente, a Copa do Mundo surgiu como fruto do antigo Torneio Olímpico de Futebol em 1924, na França, organizado pela Federação Internacional de Futebol Associação - FIFA. O sucesso do evento foi tão grande que se pensou em eleger o melhor time internacional de futebol a cada quatro anos, independentemente dos Jogos Olímpicos. A primeira

Copa aconteceu em 1930, no Uruguai. A escolha pelo país deu-se em virtude de o Uruguai ser considerado o melhor time na época, por ter vencido o Torneio Olímpico duas vezes consecutivas. A primeira Copa do Mundo havia sido organizada nos mesmos moldes dos Jogos Olímpicos, em que apenas uma cidade oferecia as instalações esportivas. A partir da segunda edição, em 1934, tornou-se regra distribuir os jogos pelo país que sedia o evento.

O ano de 1938 é assim o marco histórico, se precisarmos de um, da descoberta do Brasil como o “país do futebol”, unido de modo nacional à noção de brasilidade emanada de sua seleção em campos estrangeiros, jogando com características próprias e que, com o tempo se tornariam indissociáveis da própria definição que o brasileiro faria de si mesmo.⁴¹

Após a Copa do Mundo de 1938, o futebol ganha ainda mais força em território nacional e se consolida cada vez mais como identidade nacional. Isso, principalmente porque o estilo de jogo apresentado passou a ser visto como único e diferenciado comparado aos de outros países e surge com isso o chamado futebol-arte, tipicamente brasileiro. Stuart Hall em seu estudo sobre construção de identidade, parte do pressuposto de que uma identidade surge a partir da visão de outros indivíduos. Por esse motivo, o futebol é um importante elemento para a produção de significados, símbolos e representações desse estilo de jogo tipicamente brasileiro.

Nosso futebol mulato, com seus floreios artísticos cuja eficiência – menos em defesa que no ataque – ficou demonstrada brilhantemente nos encontros destes anos com os poloneses e tcheco-eslovacos, é uma expressão da nossa formação social, democrática como nenhuma e rebelde a excessos de organização interna e externa; a excessos de uniformização, de geometrização

⁴⁰ COSTA, Ana Beatriz e MALCHER, Maria Ataíde. *Futebol e Identidade Nacional*. UFPA, 2010, p. 4.

⁴¹ GUTTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo. Contexto, 2009, p.84.

*de standardização; a totalitarismo que façam desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal*⁴²

Nascia assim o estilo que caracterizou o futebol brasileiro, com a sua prática ligada a alegria, ao improviso, aos dribles, a firula. Essa miscelânea racial e cultural no Brasil permitiu uma fácil assimilação e mobilização da população, que passou a viver e adorar o esporte, pois tinha a capacidade de mobilizar e unificar toda a sociedade.

*...cujo o impacto diante da atuação positiva do time brasileiro foi de tal monta que o intelectual Décio de Almeida Prado confessa ter sido este “um dos momentos em que o futebol fez a pátria latejar em mim” (1997, p. 202-203). A equipe formada resultou desse movimento que marcou a história do futebol, caracterizado pelas investidas dos populares quanto a sua participação efetiva nesse jogo contrapondo-se à elite que pretendeu-se excluí-las...Construía-se, além disso, a crença “numa técnica, caracteristicamente brasileira de rapidez extrema no lance e de improvisação fulminante ...” que diferenciava o modo de jogar dos atletas brasileiros com relação aos demais, dando lugar à criação de um estilo de jogo nacional.*⁴³

1.5. A Copa do Mundo de 1950: o povo e o futebol

A Copa do Mundo é o momento síntese para o mundo do Futebol. Jogadores, técnicos, patrocinadores, todos aguardam a Copa do Mundo. A Copa de 1950 tem a sua importância por ser a primeira e única no Brasil e de ser a primeira após a Segunda Guerra Mundial. A Copa de 1950, junto com as olimpíadas de 1946 em Londres, foi importante, pois marcou a retomada da regularidade dos eventos esportivos mundiais. Depois de cinco anos da 2ª Guerra Mundial, a realização do evento representou uma

⁴² FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro* (1919-1938). Rio de Janeiro. DP&A, 2003, p. 78.

⁴³ FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano. Vol.2*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 299.

“sensação” de normalidade interrompida pelo conflito. A última Copa acontecera em 1938, com a vitória da Itália. A guerra acabou com a possibilidade dos países europeus de organizar a Copa, pois precisavam se reestruturar dos danos que a guerra causou no continente. Com isso abriu-se a possibilidade do Brasil organizar a sua primeira e única Copa do Mundo.

A chegada de uma edição da Copa do Mundo em território nacional foi recebido com grande entusiasmo pela população e por toda a imprensa do Brasil. O Correio da Manhã de 1950 dizia *“Pode-se entrever o que isso irá significar para nós, nesta época em que o esporte brasileiro lança-se entusiástica e positivamente no cenário internacional: para aqui convergirão às atenções de milhões de torcedores de todo o mundo!”*. Após as ditaduras Vargas e o governo Dutra era importante construir uma imagem internacional para o Brasil, a de um país soberano e civilizado e que buscava desenvolvimento crescimento e aproximação com os outros países.

Para abrigar o mundial o Brasil precisava construir um estádio. Com isso o Jornal dos Sports, através do seu presidente Mário Filho é o então prefeito do então Distrito Federal, capital da República, general Ângelo Mendes de Moraes abraçaram a ideia de construir um Estádio Municipal.

Este estádio atende uma aspiração do povo, que busca na prática do desporto o derivativo que amortece as angústias desta quadra de recuperação social. O carioca encontrará onde satisfazer sua paixão pelo desportiva, nas trasbordantes manifestações de alegria e de entusiasmo a que já nos habituamos, desviadas de canalizações ou orientações outras, em que a maldade, a decadência e o veneno estariam presentes para denegrir-lhe a alma, embrutecer-lhe a inteligência e fermentar-lhe o espírito.⁴⁴

Como já foi dito, ninguém lutou mais pela construção do Maracanã do que o jornalista Mário Filho. Nas páginas do *Jornal dos Sports* ressaltou a necessidade do “brasileiro” mostrar do que era capaz através da construção

⁴⁴ Ângelo Mendes de Moraes (1894-1990) ocupou o cargo de 1947 a 1951.

do estádio. Já que o Brasil pela primeira vez sediaria uma Copa do Mundo. A fala de Mário Filho já evidenciava desde o início uma sobreposição nos discursos: o a realização do evento significaria a demonstração de poder nacional.

Suas críticas à políticos e autoridades contribuíram para que o projeto não se perdesse em um emaranhado de entraves burocráticos e nas diversas questões pessoais. No entanto, a contribuição de Mário Filho ao esporte não se limita aos seus esforços pela construção do Maracanã. Sua atuação frente ao *Jornal dos Sports* e como colunista de *O Globo* contribuiu para a mudança do jornalismo esportivo do país. Além de ser um dos maiores incentivadores na construção do estádio, criou o torneio Rio São-Paulo, a Taça Rio e os Jogos da Primavera. Seus esforços, por fim foram reconhecidos.

*Em 27/09/1966, através da lei votada na Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj) , o Estádio do Maracanã passou a se chamar Mário Filho, em homenagem ao jornalista que mais lutou pelo esporte brasileiro.*⁴⁵

Em tempo recorde foi construído o Estádio Municipal, intitulado o maior estádio do mundo. Com 76071m² de área de projeção, seu perímetro é de 800 metros, a altura máxima de 30 metros, e a parte interna possui uma planta de elipse de 300 metros em seu eixo maior e 260 metros no menor, sem apoios aparentes. As dimensões do campo são olímpicas: 75metros de largura e 110 metros de comprimento. Capacidade prevista: 155.067 espectadores.

A imprensa carioca começou a trabalhar a imagem de maior seleção do mundo, antes de iniciar a Copa. Os jornais esportivos da época tratavam a Copa do Mundo como o fato mais importante do ano. Além de considerar a

⁴⁵ Jornal dos Sports, 28/06/1966

construção do Estádio Municipal um marco arquitetônico e cultural para a sociedade brasileira.

Hoje, o Estádio Municipal é o mais novo cartão-postal do Brasil. Um cartão Postal que vale mais que o Pão de Açúcar, do que o Corcovado do que a Baía de Guanabara, porque é obra do homem, uma obra da capacidade de realização do brasileiro.⁴⁶

Além disso, os jornais da época buscavam através da construção do estádio fortalecer a moral do povo, enfraquecida com os problemas sociais e econômicos causado pela guerra, fazendo com que este acontecimento gerasse lucros, econômicos, políticos e simbólicos para toda a população. A circulação de turistas , a exposição mundial e uma pretensa incorporação a ordem simbólica global eram questões que mobilizavam as autoridades e a imprensa. A expectativa para a chegada de turistas de todo o mundo, em torno de 40 mil, (fato que não ocorreu) , era uma das principais expectativas em relação ao evento.

O estádio ficou pronto para a abertura da Copa em 23 de junho de 1950. Muitos jornalistas, como Paulo Perdigão, diziam:

Quem ousaria resistir ao Brasil dentro deste templo e enfrentar a mais vasta torcida jamais reunida no mundo? Nele seriam consagrados os novos deuses do futebol- e o Brasil, finalmente, poderia alcançar um lugar ao sol entre as grandes potências mundiais.⁴⁷

Todas as classes sociais estavam no Maracanã, criado para a copa, unidas pelo mesmo ideal que era ser campeão. Este acontecimento tinha a intenção de mostrar para todo o mundo que a sociedade brasileira era

⁴⁶ Jornal dos Sports, 16 de maio de 1950

⁴⁷ PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma Derrota*. Porto Alegre: L&PM, 2000

civilizada, mostrar que o país tinha capacidade de organizar um evento de tal porte, além de mostrar aos europeus, destruídos pela guerra, que o Brasil era uma grande nação.

A classe operária, nas arquibancadas e mesmo nas gerais – onde se podia ver crianças e até senhoras - comparecia muitas vezes de terno, gravata e chapéu.⁴⁸

A imprensa Internacional, que acompanhou a inauguração do estádio, também engrandeceu o trabalho realizado pelos brasileiros na construção dele.

Estávamos perante não somente ao maior estádio, mas, acima de tudo, o mais imponente, a construção de beleza mais surpreendente em sua natureza no mundo.⁴⁹

Nessas passagens já encontramos os temas principais das coberturas realizadas pelos principais jornais cariocas. O estádio como um templo, os jogadores como deuses e o próprio evento como a chance do país para se incorporar a ordem mundial. Não é à toa que o tema da identidade nacional tornou-se tão presente e que da derrota tornou-se tão catastrófica.

As seleções foram divididas em três grupos. No grupo 1 estavam Brasil, México, Iugoslávia e Suíça. No Grupo 2 estavam Inglaterra, Chile, EUA e Espanha. No Grupo 3 estavam Suécia, Itália e Paraguai. No grupo 4, depois de várias desistências ficou Uruguai e Bolívia. A partida de abertura da Copa foi dia 24 de junho, entre Brasil e México, no Maracanã. 180 mil pessoas assistiram a goleada do Brasil, por 4X0 nos mexicanos. Os

⁴⁸ Idem 45.

⁴⁹ Willy Meisl, World Sports, 26 de maio de 1950.

brasileiros marcaram um gol no primeiro tempo, e mas três no segundo fechando a goleada

No dia 28, o Brasil enfrentou a Suíça com expectativa de uma grande goleada. O jogo aconteceu em São Paulo e o resultado foi aquém do esperado, 2X2. Mas os jornais paulistas não esperavam este resultado, como dizia a manchete no dia anterior. O Brasil destruía a Suíça. Os torcedores esperam que a equipe brasileira vença a Suíça por 8X0.

O terceiro jogo do Brasil tornava-se decisivo, pois a Iugoslávia venceu o México por 4X1 e jogaria por um empate contra o Brasil. Neste jogo o torcedor brasileiro encheu o Maracanã, pois era o jogo de vida ou morte para as pretensões do Brasil na Copa.

O resultado foi 2x0, com gols de Zizinho e Ademir, um em cada tempo de jogo, e excelente atuação num Maracanã lotado com 150 mil pessoas. A seleção partiu então para a Segunda fase. O sufoco para se classificar foi esquecido.⁵⁰

Os jogos da Segunda fase começaram em 09 de julho de 1950. A seleção do Uruguai estreou empatando com a da Espanha em 2x2. A seleção brasileira meteu uma goleada histórica contra os suecos 7x0. Os resultados deixaram o Brasil em boa situação para conquistar o título. “Apesar da goleada, a seleção brasileira sofreu para abrir a contagem contra os suecos. Jogando retrancada a Suécia não deixava os ponteiros brasileiros se infiltrarem na área”⁵¹

Na segunda rodada confirmou cada vez mais o favoritismo do selecionado brasileiro. Desta vez a seleção brasileira venceu a Espanha por 6x1. Foi considerada a melhor atuação da seleção brasileira na Copa. “A torcida brasileira, ao final do jogo, começou a acenar com lenços brancos

⁵⁰ Revista todas as copas, Diário Lance.

⁵¹ Revista todas as copas, Diário Lance.

para os espanhóis, enquanto cantavam em coro a marchinha “Touradas em Madrid” de João de Barros.”⁵²

Depois de um jogo complicado o Uruguai venceu a Suécia por 3x2. Com isso, O Brasil ia com a vantagem de um ponto a mais na partida final contra a seleção celeste. A seleção brasileira só precisaria de um empate para se tornar campeão mundial. O campeonato mundial parecia assegurado por uma conjugação de forças: - não era tão somente o desempenho do Brasil dentro do gramado, mas também a manifestação da torcida reunida em um estádio de proporções até então desconhecidas.

Dentro deste cadinho, nenhuma equipe de futebol teria condições de fazer face ao Brasil- eis a simples dedução tirada do espetáculo em cena. As dimensões e a forma arquitetônica do Maracanã, uma novidade para todos, configurava-se como uma armadilha fatal para os que o desafiassem. Com efeito a Seleção brasileira, nesse grandioso estádio, ainda não havia perdido ou empatado um só jogo: o Maracanã aterrorizava o adversário, impunha-lhe respeito e submissão.⁵³

No jogo final, o Maracanã recebia 250.000 mil pessoas, que estavam confiantes no triunfo da seleção. Houve festa desde a véspera e dela participaram pessoas, autoridade e até os jogadores. Mas o que ninguém esperava aconteceu: o Uruguai sagrou-se campeão no Maracanã. “Deixou para trás uma multidão calada e desolada diante do que havia acabado de testemunhar”⁵⁴

Na tarde de 16 de julho, o torcedor estava totalmente entusiasmado. Seguiu-se um jogo duro no qual os uruguaios, depois de tomarem 1 a 0 no início do segundo tempo, gol de Friaça, encheram-se de brios sob a liderança do capitão Obdullio Varela. Aos 20 minutos, empataram Shiaffino. Aos 34, aos o ponta-direita Gigghia chutou no canto esquerdo, sem violência, e o goleiro Barbosa caiu atrasado. Obdulio contaria mais tarde, em

⁵² Revista todas as copas, Diário Lance.

⁵³ PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma Derrota*. Porto Alegre: L&PM, 2000.

suas memórias, que nem conseguiu comemorar com os companheiros: jamais virá uma dor coletiva tão arrasadora. “Num Maracanã cheio de confiança, em clima de comemoração antecipada: Uruguai 2x1 Brasil. Houve choro em todo o país, algumas pessoas se mataram. Jamais seríamos reis.”

55

Ao analisar os Jornais da época constatamos que a imprensa tentava criar uma identidade para o brasileiro através do futebol. No artigo de “O Jornal”, um dia após a decisão e a derrota reforça essa argumentação.

As lágrimas que humedeceram quase 50 milhões de olhos bem exprime a dor, a desolação do público brasileiro pelo resultado imprevisto de domingo no Estádio Municipal. “E sem desprestígio da verdade, pode-se dizer que, o público não merecia tão dolorosa recompensa pelo sacrifício, por tudo que fez no sentido de prestigiar o nosso selecionado e render-lhe as homenagens que fariam jus, no caso da conquista do título.” E, também, comprovada na publicação do O Diário do Rio Não foi correspondido o sacrifício de milhares de torcedores. Para o quadro nacional, não mediram exigências, aqueles que tudo receberam com abnegação as inúmeras dificuldades. Desde noites ao relento até o perigo constante após, a entrada no Estádio. Sofreu o torcedor contra todos os fatores, com um único desejo. Vitória do quadro nacional. E, infelizmente, não foi correspondido todo este sacrifício.

O futebol ganhou importância e empatia com a população, as pessoas viveram, sofreram e se sentiram parte do jogo, o futebol ganhou importância para toda a população, a ponto de milhões de pessoas brigarem para ter o seu lugar no estádio. A esperança era tanta que torcedores encheram as arquibancadas de alegria. Mário Filho, em seu artigo de 18 de julho de 1950, no Jornal dos Sports mostra esse sentimento.

A derrota foi um golpe. Ninguém deixou de senti-lo. Quando o Uruguai marcou o segundo goal o silêncio que se fez no Estádio -

⁵⁴ Revista todas as copas, Diário Lance.

⁵⁵ Brasil 500 anos, O Globo.

o silêncio de duzentas mil pessoas - chegava a assustar. Era a desolação da derrota. A multidão ficou parada sem querer acreditar no que via. O Estádio não se enchera para aquilo. Não fôra para aquilo que se travara a batalha das cadeiras, das arquibancadas e das gerais. Não fôra para aquilo que milhares de brasileiros tinham vindo ver o último match do campeonato do mundo. Todas aquelas duzentas mil pessoas haviam marcado encontro no Estádio para saudar os brasileiros como campeões do mundo. Por isso o Estádio se tornou pequeno: era o maior do mundo mas nele não podia caber todo o Brasil. As outras cinqüenta milhões de pessoas que ficaram de fora, perto e longe, no centro, no norte e no sul do Brasil.

O artigo de *O Jornal* mostra claramente a desilusão da torcida brasileira que tanto lutou, vibrou e participou deste momento. As palavras do autor mostram o quanto, neste momento de redefinição do conceito de identidade nacional, os meios de comunicação atuaram no sentido de construir um vínculo “apaixonado” entre o brasileiro e o futebol. As imagens de privação e sofrimento, criadas pelo repórter, procuram enfatizar um elo para além da razão que explicaria a dedicação do torcedor.

As noites de vigília por que passou na ânsia de adquirir um ingresso para penetrar no estádio, as horas intermináveis que permaneceu na fila com tal propósito, amanhecendo ainda na porta do estádio, sem satisfazer as naturais obrigações de uma alimentação regular, provou que o povo se mostrou indiferente a própria razão da normalidade, para presenciar o choque que consagraria onze jogadores e 50 milhões de brasileiros.⁵⁶

O futebol naquele momento era um fato socialmente importante para o país, pois milhões de pessoas brigaram para participar daquele momento histórico. Os torcedores mostravam a sua identificação com o futebol, tornando aquela partida, aquele fato como o mais importante da vida do brasileiro.

E quando chegou o domingo, nesse domingo de sol e de vida, que seria marcado na historia, como um dia de gloria para a nossa pátria, notou-se uma agitação sem precedentes, porque o publico já as primeiras horas da manhã, colocava-se em fila, na ânsia de penetrar no estádio para assistir a um prélio que só seria iniciado 9 horas depois (!).⁵⁷

O texto comprova que o futebol é ato de paixão, remetendo a identidade entre nação e esporte para o campo das sensações. A identidade não é política é afetiva e amorosa. Sensorial e não material, colocando com ricos detalhes a emoção, a gestos e atitudes após a derrota o repórter escreveu:

Aquela imensa multidão ficou imóvel, paralisada, sem saber o que fazer, como quem ainda estivesse aguardando alguma coisa, a jornada gloriosa, o sonho dourado que durante vários dias, enriqueceu os seus corações. Só mais tarde, quando o sol se escondeu, foi que o povo compreendeu que a sua presença na Maracanã de nada mais valia e assim começou a retirar-se numa lenta e tristonha procissão, acompanhando o féretro da ilusão mais linda que viveu.⁵⁸

1.6. Brasil nas Copas de 1954 a 1966.

Em 1954, a Copa do Mundo de Futebol aconteceu na Suíça, primeira em território europeu depois da Segunda Guerra Mundial. A seleção brasileira foi para o torneio sem ter conhecimento dos seus adversários e o treinador Zezé Moreira que substituiu Flávio Costa não conhecia o futebol praticado no velho continente. Depois da traumática derrota do Maracanã, a seleção ficou 20 meses sem jogar uma partida oficial ou amistosa.

⁵⁶ O Jornal. 18/05/1950, p.30.

⁵⁷ Idem 56.

⁵⁸ Jornal dos Sports, 16 de maio de 1950.

A lembrança de 1950 persistia, fazendo com que uma das metas era fazer tudo diferente da Copa anterior. Uma das mudanças foi o uniforme que passou a ser calção azul e camisa amarela, escolhidos em concurso promovido pelo *Correio da Manhã* e que foi utilizado nas eliminatórias. A decisão de 1950 era frequente no imaginário de jogadores, profissionais de imprensa e torcida que atribuíam o triunfo uruguaio à empolgação patriótica de seus jogadores, àquele mito da camisa celeste com poderes mágicos alimentados pela raça. Raça no sentido de dar tudo, de entregar-se, de sofrer pelo time, de ser capaz de qualquer sacrifício pela vitória. Tanto quanto possível, essa filosofia meio guerreira foi passada aos jogadores brasileiros. Na Suíça, eles não entrariam em campo sem beijar a bandeira, sem cantar o hino no vestiário, sem ouvir discursos inflamados. No fim, nada disso adiantou o Brasil foi eliminado pela Hungria nas quartas de final e adiou o sonho de vencer o seu primeiro campeonato mundial de futebol.

Nelson Rodrigues em sua crônica “Complexo de vira-latas”, publicada no dia 31 de maio de 1958 na revista *Manchete* enfatiza o pessimismo e a desesperança que tomava conta do brasileiro, em relação a seleção brasileira de futebol e sua participação em uma Copa do Mundo. O jornalista apresenta um torcedor desanimado e descrente com o potencial de nossos jogadores, frente a as derrotas anteriores, principalmente a ocorrida em 1950 no Brasil. Mesmo o jogador brasileiro conhecendo seu potencial sente-se inferior quando comparado com o estrangeiro.

*Eu vos digo: - problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia. Uma vez que se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como chinês da anedota. Insisto: - para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão.*⁵⁹

⁵⁹ RODRIGUES, Nelson. *À Sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Cia das Letras, 1993, p. 51-52.

Os anos de 1958 e 1962 consagraram o futebol brasileiro como bicampeão mundial de futebol, sendo o primeiro país a conquistar a Copa fora de seu continente de origem. A “realeza” de Pelé e a genialidade de Garrincha encantaram o mundo que se rendeu ao estilo próprio do futebol brasileiro. Com esses resultados caía por terra o complexo de vira-lata que incomodava e versava o texto produzido por Nelson Rodrigues.

A Copa do Mundo de 1966, que aconteceu na Inglaterra, estava cercada de grande expectativa pela torcida e imprensa, mas se tornou uma grande decepção. A base bicampeã estava envelhecida e, necessitando rejuvenescer o elenco Vicente Feola apostou em uma alternativa arriscada. O treinador chamou quarenta e cinco jogadores, que totalizavam quatro times diferentes e essas equipes participaram de toda a preparação antes do torneio, impossibilitando entrosamento e definição de uma equipe titular. Mas não foi esse problema na esfera esportiva o determinante para o fracasso do Brasil, ainda existiam os problemas políticos da Confederação Brasileira de Desportos – CBD. Paulo Machado de Carvalho, presidente em 1958 e 62, decidiu se afastar do poder, deixando o cargo para João Havelange, que ainda não gozava do mesmo prestígio e liderança de seu antecessor.

João Havelange, presidente da CBD, na ocasião dos preparativos para a Copa da Inglaterra, optou por adotar uma política de captação de recursos a partir de acordos com lideranças políticas regionais. Mais do que um problema de desorganização, os amistosos que prejudicaram a preparação da seleção resultaram de um novo perfil institucional da CBD. Ao contrário de presidentes anteriores, como Luis Aranha, que mantinha estreitos vínculos com o Estado, João Havelange encontrou em 1966 uma grande margem para manobrar os rumos da CBD sem contar com a interferência estatal. Por conta disso, Havelange alterou a comissão técnica, excluiu dirigentes antigos e articulou acordos políticos que não passavam pelo âmbito estatal. A bagunça por si só não explica o fracasso de 1966. Ao contrário, a seleção nessa Copa foi organizada para atender a interesses próprios dos

*dirigentes da CBD, em especial Havelange, naquela volta conjuntura específica de grande autonomia.*⁶⁰

Portanto a participação da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1966 não estava na pauta de utilização e de preocupação do governo civil-militar. Os órgãos de imprensa, na época, que apoiavam o golpe seguiam a mesma linha dos governantes, colocando o futebol apenas como uma manifestação popular e que não devia ser associado à política.

*Sendo o futebol o esporte que mais polariza o entusiasmo popular, o esporte fundamentalmente nacional, a criação de um tal clima, tendo o como ingrediente, pode possibilitar a emergência de um contagiante quadro de paixão coletiva capaz de ferir a própria generosidade dos sentimentos brasileiros. Há que evitá-lo...*⁶¹

⁶⁰ BARROSO, Raphael Graciano e COUTINHO, Renato Soares. *No Campo do adversário: Futebol e Identidade Nacional nos anos de 1960*. Revista Eletrônica Novo Enfoque, 2013, p. 175.

⁶¹ O Globo, 20/07/1966, p. 28.

Capítulo II.

OS MILITARES E O FUTEBOL: A COPA DO MUNDO DE 70

2.1 Os governos militares: de Castelo Branco a Geisel.

Com o golpe instituído, o Congresso Nacional, transformado em Colégio Eleitoral⁶² votou no general Castelo Branco, para primeiro presidente do regime. Castelo vindo dos bancos da Escola Militar, teve seu mandato vigente de 1964 a 1967 e com ele surgiram os primeiros atos dos militares no poder, os famosos Atos Institucionais⁶³. Os atos institucionais 1 e 2 estabeleceram importantes mudanças, entre elas a cassação de mandato de 41 deputados federais, instaurou-se a eleição indireta para governadores, foram dissolvidos os partidos políticos e em seu lugar criados a Aliança Renovadora Nacional (Arena) e o Movimento Democrático Brasileiro (MD).

⁶² Em 2 de abril de 1964, o presidente do Senado Auro de Moura Andrade empossa o presidente da Câmara dos Deputados Ranieri Mazzilli na presidência da República. Em 9 de abril, uma junta militar, autodenominada Comando Supremo da Revolução, formada pelo general Arthur da Costa e Silva, o tenente-brigadeiro Francisco de Assis Correia de Melo e o vice-almirante Augusto Hamann Rademaker Grunewald, todos ministros de Ranieri, e que de fato eram quem governavam durante o seu governo, baixaram o Ato Institucional Número Um (AI-1), que dentre as determinações estava a de que o Congresso Nacional se transformaria em Colégio Eleitoral para a designação do Presidente da República. Assim sendo, a eleição presidencial realizou-se no dia 11 de abril de 1964, doze dias após a cassação

⁶³ São os atos legais usados pelo Regime Militar para instituir regras e legislações no período de 1964 a 1969.

*À bem da verdade histórica, não se pode dizer que os governos militares brasileiros que os sucederam entre 1964 e 1985 foram homogêneos. Exemplo disso é que as dinâmicas das políticas setoriais – econômica, social, relações exteriores, direitos políticos e direitos humanos – variou significativamente de general para general no poder. O que unificava os grupos militares eram o anticomunismo e a rejeição à polícia de massas, ou seja, a incorporação das massas no jogo político e eleitoral. Esses dois princípios conviviam com a obsessão pelo desenvolvimento industrial e a superação do subdesenvolvimento de forma associada ao capital multinacional, criando um ambiente de “segurança e desenvolvimento”. Do resto o regime não tinha uma ideologia ou uma política de governo constante e coesa.*⁶⁴

Em 1966, o Congresso Nacional foi fechado e uma nova Constituição entrou em vigor no ano de 1967. Com ela, o regime militar revogou a Lei de Remessa de Lucros e a Lei de Estabilidade no emprego, criando o FGTS e proibiu que fossem realizadas greves, que eram contidas com violência e determinou um rigoroso controle sobre os salários. Mas não existia harmonia entre as diversas cabeças que comandavam o governo, e dizem muitos que o presidente Castelo Branco pensava em, no fim de seu mandato, devolver o comando do país as mãos de um civil.

*O que se seguiu ao golpe civil-militar das direitas contra a agenda reformista foi à afirmação de outro modelo político e ideológico de sociedade e de Estado, esboçado bem antes do golpe: a modernização socioeconômica do país e a construção no longo prazo de uma democracia plebiscitária, tutelada pelos militares, em nome do “partido da ordem”. Diga-se, para muitos golpistas civis de primeira hora, bastava retirar o presidente do poder e “sanear” os quadros políticos e partidários, para voltar à “normalidade institucional”, conforme a perspectiva liberal-oligárquica, ou seja: democracia para poucos, liberdade dentro da lei, hierarquias sociais estáveis. O problema é que os militares que se afirmaram no poder não confiavam nos políticos, mesmo à direita, para realizar tal tarefa histórica. Por isso, já nos primeiros anos do regime, a ilusão do “golpe cirúrgico” se dissipou. Os militares tinham vindo para ficar, e isso foi um dos motivos do fim da ampla coalizão golpista de 1964.*⁶⁵

⁶⁴ NAPOLITANO, Marcos. *O Golpe de 1964 e o regime militar brasileiro*. São Paulo. Contemporânea. 2011.

⁶⁵ MAGALHÃES. Lívia Gonçalves. *Futebol em tempos de ditadura civil-militar*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, 2011, p.16.

Havia uma ruptura aparente entre os que apoiavam o governo do presidente Castelo Branco, que vinha da ala da “Sorbonne militar”, contra o grupo da chamada “linha dura”, preocupada com a imposição de poder, acabando com toda a resistência contrária ao regime pela força. Foi explicitamente desenvolvido o racha existente entre as duas linhas e a constante necessidade dos dois grupos reafirmarem suas posições doutrinárias. Era perceptível, que naquele momento, existia uma conspiração e uma luta entre os grupos.

O endurecimento do regime e todo o material colhido sobre o assunto comprovavam que houve uma pressão vinda dos quartéis do grupo conhecido como “linha dura”, para eleger como presidente o general Costa e Silva. Muitos oficiais participantes dessa conspiração foram alçados a cargos em seu governo. O AI-2, a Lei de Segurança Nacional, a Lei de Imprensa, a criação do partido político ARENA, e as muitas cassações políticas e suspensão de mandatos comprovam a mudança de cenário e a nova ideologia política do governo, favorecendo em muito, os generais ligados a corrente da “linha dura”.

O país vivia um momento de surgimento de diversos movimentos sociais, greves e manifestações contra o regime militar. A esquerda organizava os seus grupos, surgindo alguns movimentos que realizaram sequestros para serem trocados por presos políticos e assaltos a bancos para conseguir recursos financeiros, atentados contra autoridades e empresários ao que os militares responderam com medidas repressivas para combater e “exterminar” qualquer indício de oposição. Essas ações dos opositores ao governo tinham como objetivo derrubar a ditadura e instaurar um governo revolucionário para o estabelecimento do socialismo no Brasil.

O martelo de pilão de repressão não matou apenas moscas, mas tudo o que ousasse voar. O regime militar montou uma grande máquina repressiva que recaiu sobre a sociedade, baseada em um tripé: vigilância – censura – repressão. No final dos anos 1960, este tripé se integrou de maneira mais eficaz, ancorado em uma

*ampla legislação repressiva que incluía a Lei de Segurança Nacional, as leis de censura, os Atos Institucionais e Complementares, a própria Constituição de 1967. Não foi o regime de 1964 que inventou esse tripé repressivo, em parte herdado do passado, mas sem dúvida deu-lhe nova estrutura, novas agências e funções.*⁶⁶

Durante todo o mandato de Costa e Silva é perceptível a luta pelo poder. Temos a figura de Carlos Lacerda, que desde a prorrogação do mandado de Castelo Branco rompeu com os militares, seus aliados mais antigos e tentou criar uma Frente Única, que não alcançou o resultado desejado, inviabilizando a continuidade de sua vida política no período do regime. Ressurgiu com força o ataque aos comunistas e surgiram grupos de extermínio, lutando contra a suposta subversão, que já existiria desde 1963. Os fatos citados culminaram com o fechamento do regime e com o anúncio do AI5 que ratificaram o pensamento e os ideais “linha dura”.

Para conter essa mobilização contra o regime, o governo promulgou o Ato Institucional nº 5 (AI-5), em dezembro de 1968, essa atitude restringiu completamente os direitos civis e de cidadania, aumentando a repressão policial-militar, com medidas que incentivavam prisões arbitrárias e permitiam torturas e pressões contra os que se opunham às decisões dos militares.

Entre 1969 e os primeiros anos da década de 1970, o país viveu um período que ficou conhecido como “os anos de chumbo”. A ditadura havia silenciado o movimento sindical, os partidos e movimentos de oposição, estudantes, intelectuais e artistas. Com o campo de ação reduzido e vigiado, uma parte da esquerda buscou referência nos movimentos de guerrilha dos anos 1950 e 1960 (como as lutas anticoloniais, a guerrilha vietnamita e a Revolução Cubana) e optou pela luta armada para enfrentar o regime. Nesse período, proliferaram inúmeras tentativas de guerrilha urbana e rural no Brasil. A resposta a este movimento, por parte do regime militar, foi uma violenta repressão sobre os grupos e organizações de esquerda. A conjugação da opção pela luta armada, feita por uma grande parte da esquerda brasileira,

⁶⁶ MAGALHÃES. Livia Gonçalves. *Futebol em tempos de ditadura civil-militar*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, 2011, p.100.

com a nova conjuntura de endurecimento repressivo da ditadura pós AI-5 foi trágica. Em poucos anos as organizações foram destruídas pela repressão, deixando um saldo de inúmeros mortos, desaparecidos, presos, exilados e banidos.⁶⁷

Em 1969, Costa e Silva foi afastado por doença e uma junta com três Ministros Militares assumiu o poder: almirante: o Augusto Rademaker, da Marinha, o general Aurelio de Lira Tavares, do Exército e major-brigadeiro Marcio de Souza e Mello, da Aeronáutica. Em 1969, foi eleito, pelos generais de quatro estrelas, o general Emilio Garrastazu Médici.

O AI-5 marcou também uma ruptura com a dinâmica de mobilização popular que ocupava as ruas de forma crescente desde 1966, capitaneada pelo movimento estudantil. Mais do que isso, teve um efeito de suspensão do tempo histórico, como uma espécie de apocalipse político-cultural que atingiria em cheio as classes médias, relativamente poupadas da repressão que se abateria no país com o golpe de 1964. A partir de então, estudantes, artistas e intelectuais que ainda ocupavam uma esfera pública para protestar contra o regime passariam a conhecer a perseguição, antes reservada aos líderes populares, sindicais e quadros políticos da esquerda. O fim de um mundo e o começo de outro, num processo histórico de alguns meses que pareciam concentrar todas as utopias e os dilemas do século XX. O Brasil não sairia incólume desta roda-viva da história.⁶⁸

O general Médici governou até o ano de 1974, sendo o período de seu mandato, considerado por muitos historiadores, o mais duro e repressivo, chamado de “anos de chumbo”. No entanto, foi no governo de Ernesto Geisel que houve o maior número de assassinatos políticos. Esse período ficou marcado pelo grande número de exilados políticos, de prisões, torturas e desaparecimento de cidadãos, todas as perseguições comandadas pelo Departamento de Ordem Política e Social – Dops e pelo

⁶⁷ MOTTA, Rodrigo Patto Sá; Reis, Daniel Aarão; Ridente, Marcelo; (org.). *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014, pág. 20.

Destacamento de Operações e informações – Centro de Operações de Defesa Interna – DOI-CODI. Todos os órgãos que compunham o sistema repressivo da ditadura militar se encontravam em pleno funcionamento. De 1964 até 1968, o trabalho de repressão política ficou sob exclusiva jurisdição civil, destacando-se neste período as atuações do Departamento de Ordem Política e Social (Dops) em cada estado, Secretarias Estaduais de Segurança Pública (Sesps) e Departamento de Política Federal (DPF).

O SNI foi criado ainda em 1964, com propósitos mais modestos do que os que assumiria a partir de março de 1967, quando, de produtor de informações para subsidiar as decisões do presidente da República, transformou-se, sob a chefia do general Emílio Garrastazu Médici, em cabeça de uma ampla rede de espionagem. Ao contrário do que supôs Golbery do Couto e Silva, que afirmou ter criado “um monstro”, não foi ele, mas a linha dura, que gestou tal criatura. A vitória definitiva da corrente, representada pela decretação do AI-5, fez com que a espionagem passasse a atuar a serviço dos setores mais radicais, divulgando as avaliações que justificavam a escalada e a manutenção da repressão. Porém, mesmo com o “endurecimento” do SNI a partir de Médici, o órgão e suas representações nos ministérios civis (as divisões de segurança e informações, então remodeladas e fortalecidas) persistiram como produtores de informações, não se envolvendo diretamente nas “operações de segurança”, eufemismo que designava as prisões, interrogatórios, torturas e extermínios, praticados pelo “Sistema Codi-Doi”,²¹ pelos órgãos de informações dos ministérios militares (Cie, Cisa e Cenimar) e pelos departamentos de ordem política e social estaduais.⁶⁹

Grandes e expressivas personalidades públicas brasileiras conhecidas na atualidade foram forjadas no confronto direto com as autoridades daquele período. Fernando Gabeira, José Dirceu, José Genoíno, Leonel Brizola, Miguel Arraes, Dom Paulo Evaristo Arns, Frei Betto e outros importantes nomes da história recente de nosso país ganharam vulto a partir de seu engajamento no movimento estudantil, nas guerrilhas

⁶⁸ MAGALHÃES. Livia Gonçalves. *Futebol em tempos de ditadura civil-militar*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, 2011, pág.74.

⁶⁹ FICO, Carlos. *Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar*. Revista Brasileira de História. 2004, pág. 36 e 37.

urbanas, na oposição franca da igreja em relação à ditadura, a partir de manifestações de repúdio as arbitrariedades praticadas em nosso país.

As manifestações artísticas, a imprensa, as manifestações populares eram controladas com rigor pelo regime e mantinham a “ordem” estabelecida pelos militares nesse período. Não existia nenhuma liberdade e toda a ação que surgisse diretamente no seio da população deveria passar pelo crivo do regime, tudo era controlado pela mão de ferro do militares. No fim do governo de Geisel, todas as organizações de oposição armadas estavam dizimadas pelos organismos de polícia.

Qualquer manifestação contrária às diretrizes políticas estabelecidas pelos governos suscitava a reação imediata de todo um aparato especializado em sequestrar, destruir, violentar e sacrificar existências humanas. Estudantes, professores, músicos, jornalistas, advogados, políticos opositores, atores e toda a comunidade pensante e politicamente ativa em nosso país foi aos poucos desmobilizados, amordaçada e agredida.

Embora se vivesse um momento de repressão de direitos, o Brasil, entre 1969 e 1974, economicamente vivia os frutos do chamado “milagre econômico”. Esse período representou a fase áurea de desenvolvimento do país, com a captação de recursos e financiamentos externos. Os recursos estrangeiros chegaram ao Brasil em volume muito grande e com isso, tanto empresas privadas quanto estatais foram beneficiadas, além das multinacionais, lembrando que tais recursos foram usados no seguimento industrial. O "milagre" gerou um clima de euforia e ufanismo geral na sociedade. A propaganda oficial do governo elaborou slogans que expressavam nitidamente o contexto: são exemplos frases como "Ninguém mais segura este país", ou ainda, "Brasil, ame-o ou deixe-o".

Nesta mesma lógica, o governo investiu em obras monumentais de impacto, como a Transamazônica, a Ponte Rio-Niterói, na suposta ampliação das fronteiras nas regiões Norte e Centro-Oeste, em campanhas como a de alfabetização com o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização), como a do Projeto

Rondon, incentivando o bom estudante, ou seja, aquele que não se ligava a movimento político, a fazer trabalhos assistencialistas no interior do país, integrando-o, unindo-o, eliminando as diferenças. Enfim, todas estas iniciativas criavam a impressão de que não havia interesses conflitantes na sociedade, todos deviam se unir para o bem da nação.⁷⁰

O “Milagre” fascinava os brasileiros com o poder de compra, permitia o consumo e alimentava o sonho de um futuro melhor com a criação das cadernetas de poupança. O que ninguém sabia, até porque os órgãos noticiosos do país passavam por rigorosa censura naqueles anos, era que os custos futuros desses vultosos empréstimos obtidos junto ao Fundo Monetário Internacional, ao Banco Mundial e a bancos americanos e europeus iriam levar o país a vivenciar duas décadas e meia de recessão econômica, endividamento recorde no mercado mundial, pagamento anual de juros a níveis altíssimos e, conseqüentemente, a um retrocesso em todas as conquistas artificialmente obtidas naquele período.

Vivia-se um ciclo de crescimento inédito na história nacional. Desde 1968 a economia mostrara-se não só revigorada, mas também reorientada. O ano de 1969 fechara sem deixar margem a dúvidas: 9,5% de crescimento do Produto Interno Bruto, 11% de expansão do setor industrial e inflação estabilizada pouco abaixo dos 20% anuais. Depois de quinze anos de virtual estagnação, as exportações chegaram a 1,8 bilhão de dólares, com um crescimento de 23% em relação ao ano anterior. A taxa de poupança bruta ficara em 21,3%, índice jamais atingido e jamais igualado.³ A indústria automobilística estava a pleno vapor, e a construção civil entrara em tal atividade que faltou cimento. Os números do primeiro semestre de 1970 indicavam que a prosperidade prosseguiria (fechou o ano com um crescimento de 10,4%). O Brasil tornara-se a décima economia do mundo, oitava do Ocidente, primeira do hemisfério sul.⁷¹

⁷⁰ ROLLEMBERG, Denise. *A ditadura civil-militar em tempo de radicalizações e barbárie. 1968-1974*. Francisco Carlos Palomanes Martinho (org.). *Democracia e ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006, p. 141.

⁷¹ Para uma visão desses resultados, José Pedro Macarini, “Um estudo da política econômica do ‘Milagre’ Brasileiro (1969-1973)”, p. 38-42.

A expansão e internacionalização da economia brasileira geraram um aumento drástico da dívida externa e dependência do capital estrangeiro, minimizado por taxas baixas de juros no mercado internacional e pelo crescimento econômico. O PIB – Produto Interno Bruto chegou a crescer 12% ao ano, e muitos empregos foram gerados. Por outro lado, o arrocho salarial imposto aos trabalhadores levou ao aumento da desigualdade na distribuição de renda, criando as condições para o surgimento dos conflitos sociais do final da ditadura.

A professora Janaina Cordeiro enfatiza essa característica de identificação entre o regime e as classes médias urbanas, no período intitulado de “Milagre Econômico”, principalmente, quando era notável a ascensão dos projetos e ações desenvolvidas pelo governo. Isso fortalecia tal relacionamento entre dominante e dominado. Esse milagre oferecia a camadas expressivas da sociedade uma ideia segundo a qual o trabalho e a obediência às normas e às instituições do presente significavam o respeito pela pátria, pela sua história e pelos grandes homens da nação, e, ao mesmo tempo, a construção de um futuro próspero.

No entanto, o consenso em torno do milagre adquire novos contornos, qualitativamente distintos. Acredito que os anos do Governo Médici representaram um momento no qual o pacto construído em torno do regime de modificou profundamente. Com os órgãos de informação e repressão aperfeiçoados e agindo a todo o vapor, a caça aos inimigos do regime podia ser deixada nas mãos do governo, e o sentimento anticomunista, embora permanecendo latente, deu lugar a uma grande euforia desenvolvimentista. Esse era o momento em que os vastos segmentos sociais queriam comemorar. O forte sentimento cívico que caracterizava a militância dos grupos que apoiaram o golpe em 1964 continuava presente, mas agora sem a necessidade da eterna vigilância contra o comunismo, muito presente no momento da instauração da ditadura.⁷²

⁷² CORDEIRO, Janaina Martins. *A ditadura em tempos de milagre: comemorações, orgulho e consentimento*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2015, p. 324 e 325.

O "milagre econômico" teve um custo social e econômico altíssimo para o país. A brutal concentração da renda impediu que as camadas populares melhorassem sua condição de vida. As desigualdades sociais e a pobreza aumentaram neste período.

A repressão e o desenvolvimento desarticularam as oposições por algum tempo, até porque boa parte delas compartilhava as iniciativas modernizadoras do governo. Mas o "milagre" não duraria muito, e em 1973 e 1974 já surgiam sinais de crise econômica, levando o regime a buscar novas âncoras para manter a estabilidade. A repressão, o êxito econômico, medidas modernizadoras e de assistência social não bastavam para assegurar a ordem. Ademais, montou-se uma máquina repressiva dentro das Forças Armadas, que passou a agir com relativa autonomia, pondo em risco a hierarquia da instituição.⁷³

O governo Médici parecia caminhar em mares, de tranquilidade, em parte por conta do grande avanço econômico do país, propiciando um crescimento momentâneo, além de uma forte repressão as esquerdas e ao militares rebeldes, o que, causou um endurecimento do regime. Mas todos esses fatores suscitam a sucessão presidencial se desenrolasse sem turbulências⁷⁴. A estabilidade política alcançada no governo Médici determinou, que o próprio presidente tivesse condições para indicar seu sucessor e Médici escolheu para sucedê-lo na presidência da República, o general Ernesto Geisel (Arena), que governou de 1974 a 1979. Embora posteriormente, os dois: Geisel e Médici romperam, devido as diferenças políticas.

O período Médici representa, talvez melhor que os governos dos demais generais presidentes, as formas pelas quais os silêncios a respeito das relações da sociedade com o regime se constituíram.

⁷³ REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo P. Sá (Orgs.). *A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964*, p. 22.

⁷⁴ CHIRIO, Maud. *A política nos quartéis*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 169.

Isso porque sintetiza muito bem elementos que, num olhar superficial, parecem se negar, mas que são, na verdade, complementares: o intervalo que vai de 1969 a 1974 sintetiza, ao mesmo tempo, os anos de maior prosperidade e otimismo e o período em que o terror do Estado mas se fez sentir. Aspectos que, de acordo com uma determinada memória coletiva, somente são inteligíveis em seu entrelaçamento problemático se partirmos do suposto de que a sociedade foi duramente reprimida e seduzida pelas promessas de construção do país do futuro.⁷⁵

Geisel assumiu um longo e gradual projeto de abertura do regime e reascendeu o furor da linha dura, que se considerou traída e fortificou-se uma oposição ao presidente. Neste período, a tortura chegou ao seu limite máximo, com a divulgação de mortes em suas sedes, ocasionando um racha definitivo entre as dissidências oficiais. Este o pano de fundo para uma política que utilizava o futebol, um objeto verdadeiramente popular.

O General Ernesto Geisel assumiu a Presidência da República no dia 15 de março de 1974 e seu mandato foi até o dia 14 de março de 1979. Ele participou, durante sua vida, de diversos momentos marcantes da política nacional e assumiu diversos cargos na administração pública e privada. Apoiou a Revolução de 1930 e em 1932 juntou-se às forças que lutaram na Revolução Constitucionalista de São Paulo. Entrem 1946/47 foi secretário-geral do Conselho de Segurança Nacional, adido militar junto à embaixada do Brasil no Uruguai de 1947-1950, em 1950-1952 foi adjunto do Estado-Maior das Forças Armadas. Em 1955 foi subchefe do Gabinete Militar no governo Café Filho, chefe da Seção de Informações do Estado-Maior do Exército e representante do Ministério da Guerra no Conselho Nacional do Petróleo em 1957-1961 e em 1961 foi chefe do Gabinete Militar do presidente Ranieri Mazzili⁷⁶.

Geisel foi um dos militares que participou do movimento que originou o golpe de 1964 e em 1966 foi promovido a General de Exército. Entre 1967

⁷⁵ CORDEIRO, Janaina Martins. *A ditadura em tempos de milagre: comemorações, orgulho e consentimento*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2015, p.343.

e 69 foi ministro do Supremo Tribunal Militar e em 1969/1973 foi Presidente da Petrobras. Ainda depois de deixar a Presidência da República foi presidente da Norquisa-Nordeste e do Conselho de Administração da Companhia Petroquímica do Nordeste (COPENE).

Os anos de governo do presidente Ernesto Geisel constituem um particular exercício de compreensão dialética da história, ou seja, aquela que leva em conta as contradições intrínsecas ao período. Tese e antítese convivem neles de maneira tão adensada, cuja melhor expressão encontra-se na fórmula de Elio Gaspari, ao dizer que quando Geisel assumiu “havia uma ditadura sem ditador. No fim do seu governo, havia um ditador sem ditadura”.⁷⁶ Talvez a bela formulação, em seu jogo instigante de palavras, seja um tanto questionável como explicação histórica, mas tem seu momento de verdade. O fato é que Geisel passou para a história como o presidente autocrático que iniciou o processo de abertura e, conseqüentemente, de transição política.⁷⁷

A intenção do novo presidente era desde o início promover uma abertura política no Brasil, embora para os militares ainda existisse o fantasma da ameaça comunista, os grupos de luta armada haviam sido então derrotados pela ditadura. O presidente Geisel chamou esse processo de abertura política como uma “distensão lenta, gradual e segura” e que tinha a intenção primordial de restaurar o sistema democrático do país. O governo mantinha seus ideais governamentais de desenvolvimento e segurança, implantados pela Escola Superior de Guerra e a manutenção da política de atuação dos órgãos de segurança implantado desde o início do regime.

O lançamento da proposta de distensão pelo presidente Geisel deflagrou o dissenso. Para Geisel e seus aliados chegara o momento de priorizar o desenvolvimento e devolver o poder aos

⁷⁶ *Os Presidentes e a Ditadura Militar*. Publicação Digital editado pelo Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: 2001, p. 37.

⁷⁷ NAPOLITANO, Marcos. 1964: História do Regime Militar Brasileiro, São Paulo. Contexto, 2014, p. 177.

civis. Em seu depoimento, afirma, categoricamente, que essa parcela dos militares estava “cansada da permanência do Exército no poder, da responsabilidade de governar” (D’ARAÚJO; CASTRO, 1997, 402), por isso era a favor da abertura. Devemos ressaltar a ênfase na percepção de que a abertura foi uma decisão deliberada dos militares que dirigiam o Estado, relegando, assim, em suas memórias, as pressões populares que já emergiam ao esquecimento. Geisel afirma que os focos de luta armada encontravam-se enfraquecidos e desestruturados, e que, para diminuir o risco de uma nova escalada da esquerda armada, pretendiam controlar o processo, avançar de maneira cuidadosa, lenta e gradual, sem um prazo rígido e prefixado, posição compartilhada por Hugo Abreu, que não considerava esse um problema de relevo ao projeto de abertura.⁷⁸

A propaganda eleitoral gratuita, que estava proibida desde o dia da implantação do AI-5, em 1974 voltou a ser permitida pelo governo, e os candidatos do Movimento Democrático Brasileiro - MDB - para a Câmara dos Deputados e para o Senado aproveitaram essa oportunidade e conseguiram expressivas vitórias nas principais capitais brasileiras, aumentando o número de cadeiras efetivas oposicionistas nas duas casas. Além disso acabou o prazo de suspensão dos direitos políticos dos cassados pelo AI-1 e deu-se início a ao fim da censura nos jornais impressos.

Após a derrota eleitoral de 1970, setores do MDB convenceram-se da necessidade de construir uma atuação oposicionista mais consistente, indispensável à sobrevivência do partido, presidido desde 1971 por Ulysses Guimarães, antigo político do PSD. A oportunidade veio com a distensão iniciada no governo Geisel. Candidatos do MDB usaram o horário eleitoral gratuito na televisão para fazer críticas ao governo durante a campanha eleitoral parlamentar de 1974. Buscavam representar certo descontentamento com a ditadura, que ficara indicado pelo número elevado de votos nulos e brancos em 1970, e que vinha aumentando com os problemas do “milagre econômico”. Os resultados eleitorais mostraram que o descontentamento era maior do que se supunha: com apoio concentrado nos grandes centros urbanos, o MDB teve mais votos que a Arena para o Senado, embora perdesse por pequena margem no sufrágio para a

⁷⁸ MARINHO, Maria Gabriela Silva Martins d Cunha e OLIVEIRA, Sonale Diane Castro de. O Governo Geisel (1974-1979): O Ápice da Disputa pelo Poder entre “Duros” e “Moderados” e sua expressão memorialista entre os militares. Antíteses, 2015, p. 81 e 82.

Câmara Federal. Apesar de manter a maioria no Congresso, o governo ficou assustado, mesmo considerando que os eleitos pelo MDB em geral eram moderados e até aderiam às diretrizes governamentais.⁷⁹

Os candidatos do MDB pautavam suas campanhas em posições contra desnacionalização, pelas liberdades civis e justiça social, sendo uma verdadeira alternativa contra o governo militar. As eleições para o Congresso por serem diretas, possibilitavam que a oposição pudesse, em várias regiões, alcançar grupos contrários ao regime. Esse resultado nas urnas preocupou o governo que percebeu não ter controle sobre o processo de transição para a democracia. Afinal, naquele momento era crescente a crise econômica e a falta de legitimidade dos militares, visto que o descontentamento popular aumentava.

Geisel precisou conter também conflitos com aliados que não eram favoráveis as políticas de abertura proposta pelo governo. Como exemplo temos o rompimento com seu irmão Orlando Geisel, que se sentiu traído por não ser convidado a assumir o Ministério da Guerra e o do general Silvío Frota⁸⁰ que foi nomeado chefe do Estado Maior do Exército mas que tinha convicções políticas diferentes do presidente.

Ato consumado, com Geisel indicado, “eleito” e empossado, descobriu-se a trama para diminuir a resistência do seu nome junto à linha dura, pois o general Golbery foi indicado para a importante Casa Civil da Presidência. Antes mesmo da posse, em fevereiro de 1974, panfletos anônimos contra o “mago”, como era conhecido Golbery, cérebro do golpe e do regime, começam a circular nos círculos civis e militares.³⁴⁰ Para a extrema-direita militar, a volta do chamado “grupo castelista” ou “Sorbonne” – como eram chamados os militares com visão política estratégica – poderia significar o aumento da corrupção, início de um processo

⁷⁹ REIS, Daniel Arão, RIDENTI, Marcelo, MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs). *A Ditadura que Mudou o Brasil. 50 anos do Golpe de 1964*. Editora Zahar, São Paulo, 2014, p. 22 e 23.

⁸⁰ Silvío Frota era um anticomunista extremista e era ligado aos militares intitulados linha dura. Foi chefe do Estado Maior do Exército e tinha a intenção de suceder Geisel como presidente em 1979. Essa diferença política criou uma diferença entre eles, o que culminou com a exoneração de Frota do Ministério em 12 de outubro de 1977.

*de transição política e desmontagem do aparato repressivo. Ao menos, esse era o temor dos que se agitavam nos quartéis.*⁸¹

Geisel, embora, buscasse em seu discurso afirmar a constante iniciativa de reabertura política e enviando os principais projetos de reformas para a discussão e votação no Legislativo, não abandonou algumas prerrogativas instituídas pelo AI5, como a cassação de mandatos, intervenção em prefeituras e recesso no Congresso Nacional, que são alguns desses exemplos. Além disso, acontecia uma constante pressão sobre os políticos da Aliança Renovadora Nacional – ARENA, obrigando os parlamentares a sempre votarem a favor dos projetos enviados pelo governo e mantendo a imunidade parlamentar.

O presidente apresentava em seus discursos a intenção de diminuir o autoritarismo e a repressão que era protagonizada pelo regime militar, mas isso na prática não era real. A repressão às organizações clandestinas e ao Partido Comunista Brasileiro – PCB continuava acontecendo em todas as escalas governamentais. Como exemplo dessas ações a morte por enforcamento do jornalista Vladimir Herzog⁸² e a do operário Manuel Fiel Filho⁸³, as duas nas dependências do DOI-COI de São Paulo, que resultaram em confrontos internos entre os militares.

Setores das Forças Armadas tramaram contra a distensão de Geisel, que teve força política para derrotá-los, como no caso da

⁸¹ NAPOLITANO, Marcos. *1964: História do Regime Militar Brasileiro*, São Paulo. Contexto, 2014, p. 182 e 183.

⁸² A morte do jornalista Vladimir Herzog foi a mais divulgada e é considerada um os principais casos de perseguição política realizado pelo regime. Herzog apresentou-se voluntariamente nas dependências da polícia, acusado de conspirador e ligado ao Partido Comunista. No dia seguinte foi encontrado morto e no dia seguinte foi divulgado que havido morrido por suicídio. Somente em 2013, com a criação da Comissão Nacional da Verdade, a família do jornalista recebeu um novo atestado de óbito indicando que havia sido morto por maus tratos sofrido durante o interrogatório.

⁸³ Manoel depois de ser sequestrado e interrogado foi e encontrado morto em sua cela. A sua morte resultou na exoneração do comandante do II Exército general Ednardo D'Ávila Melo.

demissão do ministro do Exército, Sílvio Frota, em outubro de 1977. Por outro lado, o regime não poupou esforços para reprimir os partidos clandestinos de esquerda. Foi em seu governo que se exterminou a guerrilha do Araguaia, com toda a sorte de desrespeito aos direitos humanos, até o desaparecimento dos corpos dos guerrilheiros executados, que se tornariam, assim, desaparecidos políticos. Eliminada a oposição em armas, a repressão voltou-se para outros grupos. Em 1975, por exemplo, o PCB – que sempre apoiou o MDB – teve dirigentes presos ou mortos. Em dezembro de 1976, líderes do PCdoB foram executados pelo Exército enquanto se reuniam numa casa do bairro paulistano da Lapa. A direção dos dois partidos ficou praticamente desarticulada.⁸⁴

Em 1976 foi criada a Lei Falcão que alterava a legislação sobre a propaganda eleitoral, impedindo o aparecimento de candidatos ao vivo na rádio e televisão e tinha a intenção de enfraquecer e diminuir o espaço que os políticos da oposição estavam conquistando. Ainda neste ano, o governo propôs reforma no Poder Judiciário, que foi levada para apreciação e discussão junto aos parlamentares, e mais uma vez esse debate causou um efeito contrário, pois as mudanças propostas eram contrárias aos ideais do regime. No fim, nenhuma proposta de mudança foi aceita.

Em 1977, Geisel, preocupado com a visível perda de comando e controle dos militares, decidiu repensar suas ideias de abertura e distensão, fechando o Congresso Nacional por 14 dias. Reflexo da não aprovação da reforma do Judiciário como explicado anteriormente. Esse fechamento resultou no chamado “Pacote de Abril”, que incluiu medidas que visavam à manutenção do domínio dos militares. O pacote manteve as eleições indiretas para governadores, para um terço dos membros do Senado, a ampliação das restrições impostas pela Lei Falcão e a extensão do mandato do sucessor do presidente para seis anos.

Assim, para conter a avalanche emedebista, o governo dispôs de engenho, truculência e arte: fez aprovar a chamada Lei Falcão, que na prática, acabava com a propaganda eleitoral gratuita pela

⁸⁴ REIS, Daniel Arão, RIDENTI, Marcelo, MOTTA, Rodrigo Patto Sá (orgs). *A Ditadura que Mudou o Brasil. 50 anos do Golpe de 1964*. Editora Zahar, São Paulo, 2014, p. 22 e 23.

*TV, poderoso instrumento das eleições para divulgar ideias e candidatos. Depois, através do pacote de abril, em 1977, cassou mandatos de líderes moderados, instituiu a abominável figura do senador biônico (1/3 dos senadores da república seriam eleitos de forma indireta), redimensionou os coeficientes eleitorais, favorecendo os estados em que a ARENA, o partido do governo, conservava maioria, e garantiu condições para uma sucessão tranquila, na figura do general João Baptista Figueiredo, escalado, com mandato ampliado, para ser o último general-presidente. Todos esses dispositivos estabilizaram o poder e permitiram a liberalização gradativa dos controles sobre a mídia, com a suspensão da censura aos jornais a partir de 1978. E foi possível também, amortecer, e mesmo neutralizar, a vitória prevista pelo MDB nas grandes cidades nas eleições desse último ano.*⁸⁵

Em termos econômicos, o governo estabeleceu suas metas a partir do II Plano Nacional de Desenvolvimento, que priorizava investimentos nas indústrias básicas e no setor energético e visava diminuir a incidência de capital estrangeiro em setores de infraestrutura e de adequar a nossa economia a crise do petróleo internacional, com o lançamento do Programa Nacional do Alcool – Proálcool e a assinatura do acordo nuclear com a Alemanha. Além de adotar contratos de riscos entre a Petrobras e empresas estrangeiras para a produção de petróleo no país. O resultado do plano foi o aumento da dívida externa e o desequilíbrio da balança de pagamentos. No fim do mandato de Geisel, em 1978, o que se via era o crescimento da inflação e da dívida externa.

Com relação à política externa, o que se percebia era uma pequena ruptura com o governo dos Estados Unidos e o aumento da relação comercial e diplomática com países da África, Ásia e da Europa. Na África, o restabelecimento de embaixadas em Angola, Moçambique e Guiné Equatorial, na Europa, com o fim da ditadura salazarista, em 25 de abril de 1974, o Brasil foi um dos primeiros países a reconhecer o novo governo português e na Ásia foram reatadas as relações com a China

⁸⁵ REIS, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Editora Zahar. Rio de Janeiro. 2005, p. 40 e 41.

Na política externa ouviam-se também acordos autonomistas. Reconhecimento imediato da independência de Angola, apesar das inclinações esquerdistas do partido governante, o Movimento Popular de Libertação de Angola/MPLA; abertura das relações comerciais com a China; aproximação agressiva com a Comunidade Europeia, com as visitas de Geisel à Inglaterra e à França, resultando no acordo nuclear com a Alemanha e desagradando profundamente o grande irmão e parceiro do Norte; denúncia de acordo militar com os EUA, firmado em 1952, que já não tinha tanta importância prática, mas nem por isso a ruptura seria menos simbólica, inclusive pela maneira brusca como a decisão foi tomada, como se houvesse a vontade de enviar um recado e explicitar uma vontade política própria. Pragmatismo responsável, alinhamento não-automático, fosse como fosse chamada, a política externa fazia recordar velhos tempos de Vargas, Jânio e Jango.⁸⁶

O governo Geisel teve seu ápice em 31 de dezembro de 1978, dia em que foi revogado o AI5 e que configurava, definitivamente, a tão desejada abertura política e iniciava com isso a redemocratização do país. Em 1979 assumiu João Figueiredo que foi o último presidente general.

O AI5 por decisão da própria ditadura, expirou no último dia de 1978. Assim, com o ano novo, em 1979 o país reingressou no Estado de direito – ainda precário porque apoiado em uma Constituição imposta, a de 1967, em uma emenda constitucional espúria, arrancada, sob ameaça, em 1969, e em toda uma constelação de leis e decretos que formavam, como se chamou desde então, um verdadeiro entulho autoritário. Mas a ditadura aberta já não existia mais. O país e a sociedade respiravam.⁸⁷

2.2. A reorganização do futebol brasileiro depois de 1966.

Na volta ao Brasil, a frustrante participação da seleção brasileira em 1966 causou muitos problemas para a liderança da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que era uma entidade civil e particular, chefiada por

⁸⁶ REIS, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Editora Zahar. Rio de Janeiro. 2005, p. 39.

João Havelange, mas que dependia das lideranças pública como apoio moral e financeiro. A expectativa era o terceiro título consecutivo e a posse definitiva da Taça Jules Rimet⁸⁸, mas a derrota precoce para a seleção de Portugal trouxe à tona toda a desorganização e a falta de preparo dos dirigentes brasileiros. A derrota culminou em uma série de ações do regime civil-militar e uma delas foi colocar o Serviço Nacional de Informações (SNI) para acompanhar a seleção e repudiar interferência dos opositores, visando não enfraquecer o governo.

A grande pressão de setores do Legislativo para a instalação de um Inquérito Parlamentar que investigasse as razões do pífio desempenho no Mundial e o empenho de autoridades do regime militar em exigir retratação pública por parte de jogadores e dirigentes ilustrava o ambiente político da época... Além disso, a noção crescente entre os agentes do SNI era a de que o futebol, por seu potencial de mobilização das massas, deveria ser mantido sob estreita e severa observação. Nesse quadro, assumia importância ainda maior a gestão da seleção, mais uma vez compreendida como símbolo da representação nacional. Como todo símbolo, ela poderia ter os mais distintos usos, interpretações e manipulações.⁸⁹

A Confederação não apenas injetava os investimentos no futebol, visto que, naquele momento, era responsável, também, pelos esportes amadores, mas depois do fracasso de 1966 a intenção era uma reestruturação no comando técnico da seleção brasileira. Para isso, o presidente João Havelange decidiu criar uma nova estruturação para o comando do futebol da seleção brasileira e instituiu a Comissão

⁸⁷ REIS, Daniel Aarão. *Ditadura militar, esquerdas e sociedade*. Editora Zahar. Rio de Janeiro. 2005, p. 41.

⁸⁸ A taça foi criada pela FIFA, no congresso ocorrido em 28 de maio de 1928 pelo seu Comitê Executivo e iria premiar o Campeão Mundial de futebol, O então presidente da Federação, Jules Rimet, ordenou que fosse feito um troféu e a posse definitiva do troféu ficaria com o país que conseguisse vencer um total de três edições da Copa. Em 1 de julho de 1946, decidiu que o nome da taça homenagearia seu idealizador, passando desde então a chamar-se Taça Jules Rimet. A tríplice conquista conferiu ao Brasil o privilégio de ter a posse definitiva do troféu. Isso forçou a FIFA a elaborar uma nova taça, desta feita sem entrega definitiva a nenhum dos vencedores, e chamada Copa Mundial da FIFA.

Selecionadora Nacional (COSENA)⁹⁰. O grupo que contava com dirigentes de federação e lideranças políticas ligadas aos militares decidiu pela volta do treinador Aymoré Moreira, que mesmo não sendo um treinador da nova geração tinha o objetivo de achar novos talentos para a equipe.

Uma comissão especial foi criada pela CBD para cuidar da seleção brasileira de futebol para os jogos do Brasil com o México, seleção da FIFA, Paraná, Alemanha Ocidental e Iugoslávia. A comissão já foi batizada com o nome de Comissão Selecionadora Nacional e também já ganhou a sigla de COSENA.⁹¹

A COSENA era chefiada por Paulo Machado de Carvalho e tinha além do treinador Aymoré Moreira, mais outros três auxiliares técnicos: Osvaldo Brandão, Mario Lobo Zagalo e Evaristo de Macedo e a presença de profissionais ligados aos militares, como Admildo Chirol, formado pela Escola de Educação Física do Exército, como preparador físico, auxiliado por Carlos Coutinho, capitão e formado na mesma Escola do Exército, e Carlos Alberto Parreira, como preparador de goleiros o subtenente Raul Carlesso e como supervisor o capitão José Bonetti.

Em um regime discricionário, em processo de gradativo endurecimento, o denunciamento, a devassa e a busca obsessiva de "culpados" eram ferramentas retóricas de ação política. Além disso, a noção crescente entre os agentes do SNI era a de que o futebol, por seu potencial de mobilização das massas, deveria ser mantido sob estreita e severa observação. Nesse quadro, assumia importância ainda maior a gestão da seleção, mais uma vez compreendida como símbolo da representação nacional. Como

⁸⁹ SARMENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006, p. 121.

⁹⁰ Grupo que tinha a missão de escolher o treinador e os membros da comissão técnica, bem como avaliar a lista de jogadores convocados.

⁹¹ *Jornal dos Sports*, 17/10/1968, p. 2.

*todo símbolo, ela poderia ter os mais distintos usos, interpretações e manipulações.*⁹²

No ano de 1968 foram marcados 21 amistosos, que tiveram início com duas vitórias sobre o Uruguai, mas depois foram resultados decepcionantes em território europeu: 2x1 para a Alemanha Ocidental e 3x2 para a antiga Tchecoslováquia e dois resultados com futebol abaixo do esperado 6x3 na Polónia e 2x0 na antiga Iugoslávia.

De volta ao Brasil, a seleção viveu um vexame terrível em 31 de outubro de 1968, quando recebeu o México no Maracanã lotado e perdeu por 2 a 1, além de vitórias com um futebol fraco e desinteressado contra Seleção da FIFA e o Coritiba. O empate em 3x3 com a Iugoslávia aumentou a pressão que por fim decretou a extinção da Comissão por parte da direção da CBD.

*Em reunião ontem em São Paulo, os Srs. João Havelange, Paulo Machado de Carvalho e Antônio de Passo decidiram extinguir a COSENA e desligar da seleção brasileira todos os elementos que serviam à Comissão Seleccionadora Nacional. A CBD agora irá elaborar um novo plano para a seleção brasileira que, em, 20 dias, já era será apresentado à imprensa pelo Sr. Antônio de Passo, Diretor de Futebol da CBD. Aimoré está queimado e o próprio Paulo Machado de Carvalho parece ter saído esvaziado e desacreditado em termos de seleção brasileira. Em nota oficial da reunião, os três dirigentes disseram que a extinção da COSENA servia para acabar com as distorções nas interpretações dos planos do escrete.*⁹³

O governo militar ficou alheio a toda essa indefinição que existia no comando da seleção brasileira de futebol e não houve nesse tempo, nenhuma interferência direta nos desmandos e diversas mudanças estruturais traçadas na direção da Confederação Brasileira de Desporto por

⁹² CHIRIO, Maud. *A política nos quartéis*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 123

⁹³ Jornal dos Sports, 14/01/1969, capa.

João Havelange. O que se pode notar é que esse assunto, futebol, não estava fora da pauta estabelecida pelo governo, como percebemos no encontro entre o então presidente da República Costa e Silva e os dirigentes da CBD, ocorrido no dia 3 de dezembro de 1968, até por que, Havelange era um político que tinha a intenção de estar próximo ao regime, fortalecendo e credenciando as decisões que fossem tomadas.

O presidente Costa e Silva disse ontem ao presidente da CBD Sr. João Havelange e a outros dirigentes do esporte nacional, que em 1970, ele ainda é governo e quer ver o Brasil com o título de campeão mundial de futebol de qualquer forma... O encontro realizou-se ontem à tarde no Palácio do Planalto durante 40 minutos. Além do Sr. João Havelange estavam presentes os Srs. Paulo Machado de Carvalho, o Brigadeiro Jerônimo Bastos, o deputado Paulo Planet Duarte e o Sr. Milton Gaideano O presidente Costa e Silva iniciou a conversa dizendo que a base de tudo é a disciplina, treinamento e hierarquia. Apelou para que se faça essa base para o futebol "o esporte máximo no país e que hoje empolga o mundo".⁹⁴

O presidente Costa e Silva, mesmo afirmando "que não entende muito de futebol, mas que gosta de analisar as partidas bem disputadas"⁹⁵ fez comentários sobre a qualidade técnica dos jogadores brasileiros, sobre preparação física, a implantação de uma seleção de futebol permanente e o excesso de otimismo. Não houve, mais nenhum contato entre o presidente Costa e Silva com membros da Seleção Brasileira ou da Confederação Brasileira, pois 25 de agosto de 1969 o então chefe do governo sofreu um derrame vascular cerebral que o afastou do cargo. Depois de 60 dias, Ernesto Garrastazu Médici foi empossado como presidente ficando no cargo até 15 de março de 70.

⁹⁴ Jornal do Brasil, 4/12/1969, p. 22

O presidente da CBD, Sr. João Havelange disse que o objetivo de sua vinda e a dos dirigentes ao palácio era o de justamente acertar providências para a campanha do mundial do México e associar a ela a figura do próprio Presidente. Fazendo uma pausa, fez uma entrega ao Presidente de uma medalha de ouro comemorativa ao 10º aniversário da conquista do campeonato mundial de 1958. Reafirmou o interesse da CBD em contar com o apoio do chefe do governo, “não apenas como Presidente, mas também como desportista que é”. Novamente com a palavra, o Presidente disse que não basta reunir bons jogadores, mas é preciso sobretudo conjunto, equipe... Afirmou então que é preciso em primeiro lugar, união entre os dirigentes do futebol brasileiro, e, depois com o Governo “naquilo que podemos ajudar”: - o futebol é um problema de interesse nacional e eu farei todo o possível para dar alegria ao nosso povo.⁹⁶

2.3 A passagem de João Saldanha pela seleção de 1970.

Com a dissolução da COSENA em 4 de fevereiro de 1969, o presidente da CBD, anunciou o jornalista João Saldanha, conhecido por ser um crítico ferrenho do "escrete nacional", como novo treinador da seleção, ele já tinha experiência como jogador, treinador e cronista esportivo. Essa escolha foi uma estratégia ousada e eficaz traçada pelo dirigente, visto que Saldanha era um popular cronista esportivo que tinha grande relevância e popularidade no Rio de Janeiro.

Ontem no gabinete do Ministro da Fazenda, onde proliferam muitos paulistas, de repente nasceu uma acesa discussão em torno da indicação de João Saldanha para técnico da seleção brasileira de futebol. Se houve discordância em vários pontos, todos, entretanto, chegaram a uma idêntica conclusão: se havia, nos últimos meses, setor da vida nacional em que o pessimismo campeava feio, este era o do futebol, representa multidões de todos os pontos do Brasil. Pode ser que João Saldanha não traga

⁹⁶ GUTERMAN, Marcos. *O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país*. São Paulo: Contexto, 2010.

*para o Brasil a Copa do Mundo, mas que ele, com sua indicação, imprimiu um ar de confiança e otimismo em todo o Brasil, não há como negar. E isto já fez um grande bem, transmitindo esperanças a todos quantos pretendam ver o nosso país, mais uma vez, campeão do mundo. João fez bem a todo o Brasil.*⁹⁷

João Saldanha assumiu com intuito de apagar os vexames e as desavenças passadas. Aproximou os jogadores intitulado-os de “feras” e ganhou a confiança e simpatia dos torcedores.

*João Saldanha, gaúcho como Médici, dirigiu a seleção de 4 de fevereiro de 1969 a 17 de março de 1970. Nesse período, o Brasil se classificou com tranquilidade à Copa do Mundo, batendo todos os seus adversários nas eliminatórias com um futebol ofensivo e destemido, o que valeu ao time o apelido de “Feras do Saldanha”. Sua escolha para o posto de técnico da seleção surpreendeu: afinal, Saldanha era comunista militante. Mas o Brasil vinha de um estrondoso fiasco na Copa de 66 (fora eliminado na primeira fase), e a CBD, entidade privada, estava sob intensa pressão para renovar a seleção. Era uma jogada arriscada do presidente da CBD, João Havelange, que desde 1969 articulava sua candidatura à presidência da FIFA – um triunfo no México era fundamental às suas pretensões. A opção recaiu sobre Saldanha, então um comentarista esportivo de grande prestígio, chamado de “João Sem Medo”, por não ter receio de defender seus pontos de vista. A idéia era que, ao dar a vaga de treinador a um de seus principais críticos, a seleção deixaria de ser criticada -- um equívoco, como a história mostraria em pouco tempo, porque a comoção em torno da equipe e o fracasso de quatro anos antes eram pesadelos muito maiores do que qualquer um naquela ocasião poderia medir. A seleção era uma bomba-relógio para seu treinador, fosse quem fosse.*⁹⁸

João Saldanha assumiu a seleção brasileira de futebol e ganhou os primeiros jogos no comando, contando amistosos e jogos oficiais, batendo o recorde e entrando para a história como tendo a maior sequência invicta. Pelas eliminatórias para a Copa do Mundo de 70 venceu por 2x0 a Colômbia em Bogotá, por 5x0 a Venezuela em Caracas, por 3x0 o Paraguai em

⁹⁷ Jornal do Brasil, 12/2/1969, Informe JB, p. 10

Assunção e no Maracanã venceu a Colômbia por 6x2, a Venezuela por 6x0 e 1x0 o Paraguai. Mesmo obtendo resultados satisfatórios, Saldanha, talvez por seu temperamento ou dificuldade nos relacionamentos, continuava fazendo – inimigos - entre eles, jogadores, imprensa, treinadores e até mesmo integrantes da comissão técnica da seleção.

Antes mesmo da estréia, em partida contra o Peru no dia 7 de abril, Saldanha já havia mostrado a sua intenção em promover uma ruptura com o passado recente da seleção. Convocando novos jogadores, a que apelidou de “feras”, e marcando uma posição de extrema autonomia, o novo técnico conseguiu atrair a atenção dos torcedores, que passaram a manifestar maior confiança nos rumos do selecionado. Nas nove partidas em que atuou como treinador da seleção em seu ano de estréia, João Saldanha saiu-se vencedor em todos os encontros. Na última partida, disputada em um pouco auspicioso 31 de agosto, o selecionado confirmou sua presença na Copa do Mundo do México ao derrotar o Paraguai por 1 a 0. O público recordista (183 mil pagantes) que lotava o Maracanã aplaudiu o espetáculo e foi poupado de ver a ríspida discussão mantida entre o técnico e o general Elói Menezes, membro do CND, que queria aproveitar a celebração para pedir apoio popular ao presidente Costa e Silva, que havia sofrido um acidente vascular cerebral.⁹⁸

O ano de 1970 começou com um João Saldanha pressionado, não pelos resultados obtidos dentro de campo, mas pelos diversos desgastes advindos de sua personalidade. Tudo começou com uma acusação contra o médico do Santos Futebol Clube que resultou em uma queixa crime contra o treinador, depois as constantes discussões com o técnico do Clube de Regatas do Flamengo, Iustrich, a tentativa de agressão contra o locutor da Rádio Guaíba de Porto Alegre e por último, a retirada do time titular do astro da seleção, Pelé. Esses problemas eram indícios fortes que a situação estava complicada, mas mesmo assim, Saldanha ainda estava prestigiado pelo presidente da CBD.

⁹⁸ GUTERMAN, Marcos. *O Futebol explica o Brasil: O Caso da Copa de 70*. 2006. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, p. 76.

⁹⁹ SARMENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006, p. 126.

*A CRISE DA FERA. A última grande crise de nosso irrequieto futebol, escondida atrás de duas radiopatrulhas que guardam a concentração do Brasil no Retiro dos Padres, foi parar nas mãos de João Havelange, o austero presidente da CBD. A êle cabe o passo mais importante, capaz de dar a paz necessária à conquista da Copa do Mundo; amassar João Saldanha. Por isso, nos últimos dias, João Havelange vem trocando sua confortável poltrona de presidente por longas conversas com o nosso técnico, num quarto trancado na concentração. Havelange já abriu seu jogo: quer ordem, disciplina imediata e um Saldanha calmo, mais hábil do que inteligente e menos valente, mais técnico.*¹⁰⁰

Sobre o relacionamento com a comissão técnica “Lídio Toledo, o médico, e Admildo Chirol, o preparador físico, estão falando idiomas completamente diferentes do de Saldanha. E estão se queixando: os incidentes já começaram a se refletir nos jogadores (PLACAR, 1970)” .

*Os jogadores evitam falar sobre tudo isso, sôbre Saldanha, sôbre lustrich, sôbre qualquer coisa. Mas com essa atitude revelam uma triste situação: acabou o entusiasmo que eles tinham antes sôbre qualquer decisão informal de Saldanha, nos exercícios ou nos coletivo.*¹⁰¹

Além disso, os resultados em campo, também, começaram a ser decepcionantes, derrota de 2 x 1 para o Atlético-MG, 2X0 para a Argentina e o empate em 1x1 para o Bangu. Em 18 de março de 70 aconteceu o que estava se configurando, a demissão do treinador.

A queda de João Saldanha foi nascendo ao mesmo tempo em que êle se transformava no João-Sem-Medo, no João-Língua-Solta, no João-das-feras ou no João-Quixote. Enquanto deixava de ser apenas o João-Técnico Saldanha dava motivos fundamentais para

¹⁰⁰ Revista Placar. Número 1. 20 de março de 1970, p. 2.

¹⁰¹ Revista Placar. 1970. Número 1, p. 4.

*que fosse derrubado. Na noite de 17 de março, esses motivos eram quatro: 1) brigas com a Comissão Técnica; 2) liberdade “tática” excessiva aos jogadores, a qual mais tarde obrigou-o a virar-se contra eles; 3) falta de organização tática na Seleção; 4) interesse do governo pela Seleção.*¹⁰²

A capa do *Jornal do Sports* do dia 18/3/70, já indicava que o governo estava preocupado com a confusão que assolava a seleção brasileira.

*MÉDICI ATENTO. O Presidente da República, General Garrastazu Médici, acompanhou atentamente todo o desenrolar da crise que culminou com a queda do técnico João Saldanha. A todo o momento pedia notícia a seus assessores, enquanto via pela televisão Fla x Grêmio. (JORNAL DOS SPORTS, 1970). No dia seguinte, 18/3/1970 outra referência à preocupação com o futebol GOVÉRNO OUVE OS COMANDOS. O Ministro Jarbas Passarinho convocou o Presidente da CBD, João Havelange, e o presidente do CND, Elói Meneses, para uma reunião em Brasília, hoje, quando pretende informar-se sobre a crise que atingiu o comando da seleção brasileira. (JORNAL DOS SPORTS, 1970, capa).*¹⁰³

A reunião convocada para o dia 19/3/70 tinha a intenção clara de mostrar que o governo estava atento a todos os acontecimentos e que iria cobrar aos responsáveis pela indefinição com a seleção. “Não posso ficar omissos nesse momento grave, disse Jarbas Passarinho. Ninguém irá me perdoar mais tarde”¹⁰⁴, mostrava como seria o nível da conversa. João Havelange, Elói Meneses e Jeronimo Bastos foram informados de que o governo queria um relatório completo com todo o planejamento da CBD para a participação da seleção brasileira na Copa do Mundo. E deixou um alerta que estampou as capas dos jornais: Governo exige tranquilidade para a seleção¹⁰⁵.

¹⁰² Revista Placar. Número 2. 27/03/70, p. 8.

¹⁰³ Jornal dos Sports, 17 e 18/3/1970, capa.

¹⁰⁴ Jornal do Brasil, 19/3/70, p.25

¹⁰⁵ Manchete do jornal do Brasil no dia 20/3/1970.

O Govêrno exigiu um ambiente de tranquilidade para a Seleção Brasileira, “sem tensões permanentes, polêmicas, lutas internas e entredeveramentos.” A recomendação foi feita em Brasília pelo Ministro da Educação, Sr. Jarbas Passarinho, ao presidente da CBD, Sr. João Havelange, que se avistou ainda com os chefes do SNI e Casas Civil e Militar. O Sr. João Havelange comprometeu-se também a informar permanentemente o Govêrno sôbre todos os passos da Seleção, daqui por diante, e escrever um relatório que será entregue ao Coronel Jarbas Passarinho na têrça-feira. O relato verbal do presidente da CBD foi transmitido ontem mesmo ao General Garrastazu Médici. O Govêrno quer averiguar também as denúncias sôbre corrupção no futebol, especialmente desvio de rendas, como foi dito anteontem pela televisão. Não haverá inquérito agora para não prejudicar os preparativos da Seleção, mas o assunto será reaberto após a Copa, seja qual fôr o resultado alcançado pelo Brasil. O coronel Jarbas Passarinho fez um apelo à imprensa para contribuir com a tranquilidade da Seleção e disse que o patriotismo do ex-técnico João Saldanha é tão forte que fará com que ele também colabore nesse silêncio temporário.¹⁰⁶

Embora, como explica a professora Lívia Magalhaes, em seu livro “Com a Taça nas Mãos”, “As circunstâncias da demissão de Saldanha não foram totalmente justificadas até hoje, e permanece um tema controverso na memória sobre o período.” Naquele momento, o foco não era apenas a seleção brasileira que iria disputar a Copa do Mundo, e que de alguma forma tinha a necessidade de vencer, mas de cobrar e mostrar as dirigentes da Confederação e do Conselho do Desporto Nacional que o governo está atento e acompanhando todos os passos da seleção. A *Revista Placar* de 27 de março de 1970 deixa isso claro no artigo “Intervenção no futebol, depois da Copa”.

O futebol brasileiro pode matar ou morrer na Copa do Mundo, não importa: seja qual fôr o resultado, o govêrno federal já decidiu intervir na CBD (Confederação Brasileira de Desportos) através do CND (Conselho Nacional de Desportos) para investigar os muitos anos de denúncias e a causa de tantas crises e brigas no comando da Seleção. A primeira providência já foi tomada pelo Ministro da Educação e Cultura, Jarbas Passarinho. Êle pediu que

¹⁰⁶ Jornal do Brasil, 20/03/1970, capa.

o General Elói Meneses, presidente do CND, confirme ou negue uma entrevista em que dizia ser contra a convocação de Saldanha desde o começo. Confirmando, o general deverá ser afastado imediatamente, por “descumprimento do dever profissional de advertir tempestivamente o govêrno sôbre o assunto”. Isso porque o CND é um órgão governamental e o único meio pelo qual o govêrno pode intervir no CBD, um órgão privado. E o interesse do ministro é tanto que o provável substituto de Elói Meneses já está escolhido: Cláudio Medeiros, diretor da Caixa Econômica Federal, gaúcho, filho do Ministro Poti de Medeiros, e apontado no início do govêrno Médici como um dos possíveis chefes da Casa Civil. Por enquanto a CBD está sofrendo uma intervenção “fria”, iniciada logo depois da conversa de Jarbas Passarinho com Havelange e Elói Meneses, em Brasília, na quarta-feira da semana passada. Nesse dia, Passarinho exigiu o fim da “Crise-Saldanha” de qualquer maneira. Não pediu o afastamento do técnico, nem de Antônio de Passo, nem de ninguém. Exigiu só o fim da crise, que Havelange pensou acabar derrubando Saldanha. O alvo principal do govêrno, então era Antônio de Passo, chefe da delegação e diretor de futebol da CBD. Os assessores de Presidente Médici e Ministro Passarinho eram os principais acusadores. Durante muitos dias pressionaram o govêrno dizendo que Antônio de Passo está-se beneficiando do futebol em proveito próprio e “deteriorando sua liderança perante os jogadores da Seleção pelo abandono em que subitamente deixou João Saldanha”. Os assessores não se conformavam com a traição de Antônio de Passo, que um dia antes da queda de Saldanha jurava fidelidade ao técnico – os assessores até já tinham apontado o homem que deveria ocupar o lugar de Passo na Seleção e na CBD: Eric Tinoco Marques, comandante do Exército e coronel de cavalaria. Foi quando o Presidente Médici, torcedor do Grêmio e admirador de Dario saiu do silêncio e pediu paz, até o fim da Copa do Mundo.¹⁰⁷

Na primeira convocação da seleção brasileira depois da saída de João Saldanha do comando técnico, o que se tinha era a certeza de que um nome estaria nesta lista: o de Dario, fato que foi consumado e que a imprensa não cansava de lembrar, como vista na manchete do dia 21/3/1970, do *Jornal do Sports* “Dario. A fera exigida até por Médici”. O lobby presidencial deu certo Dario, atacante do Atlético – MG estava nos escolhido para representar o Brasil em 1970, embora não tenha entrado em nenhuma partida em campos mexicanos.

¹⁰⁷ Revista Placar, 27/3/70, número 2. p. 7.

ADMIRAÇÃO DE MEDICI É PREOCUPAÇÃO DE DARIO. – A minha responsabilidade na seleção é muito maior do que pensam, pois sou considerado por muitos como o jogador preferido do Presidente Médici e o único representante do Atlético Mineiro.¹⁰⁸ “Dario na seleção é a solução”. “A seleção precisa de Dario” – são algumas das faixas que Dario, como comentarista de uma rádio mineira no segundo jogo do Brasil contra a Argentina, viu penduradas nas arquibancadas do Estádio Mário Filho. O Presidente Ernesto Garrastazu Médici, na Tribuna de Honra ao lado de João Havelange, apoiava aquelas faixas e foi um dos primeiros a dizer que o atacante do Atlético Mineiro deveria ser convocado para lembrar os tempos de Vavá nas Copas de 58 e 62.¹⁰⁹

João Saldanha, após sua saída publicou uma carta aberta que falava dos problemas que aconteciam internamente e prejudicavam o ambiente do futebol e solicitou uma audiência com o Ministro da Educação Jarbas Passarinho, fato que se concretizou no dia 25/3/1970, mostrando mais uma vez a intenção do governo em acompanhar de perto e de opinar sobre diversas questões que envolviam o esporte de maior popularidade no Brasil.

Numa reunião que interessa ao Govêrno Federal para o conhecimento dos problemas que envolvem o futebol brasileiro, o Ministro da Educação, Sr. Jarbas Passarinho, conversa hoje, às 11 horas, com o ex-técnico da Seleção da CBD, João Havelange. O encontro foi pedido pelo técnico e teve o interesse do Ministro, para o qual o futebol é assunto nacional, situado acima das paixões clubísticas e particulares, e motivo de promoção do país no mundo inteiro...Além dos vários temas a serem discutidos, o coronel Jarbas Passarinho pedirá a João Saldanha que evite as afirmações que possam contribuir para criar polêmicas nos meios esportivos.¹¹⁰

¹⁰⁸ Jornal do Brasil, 21/3/1970, p.18.

¹⁰⁹ Jornal dos Sports, 21/3/1970, p. 3.

¹¹⁰ Jornal do Brasil. 25/3/1970, p. 22.

O encontro ficou marcado pela cordialidade, Saldanha em nenhum momento fez críticas a membros da comissão técnica ou jogadores da seleção brasileira. Na oportunidade, o ex-técnico apresentou proposta que visavam à melhoria do futebol brasileiro que chamou de “Proposta para Estudo de Medidas em Defesa do Futebol Brasileiro, que versavam sobre direitos trabalhista, comerciais, educacionais e profissionais dos atletas e agentes do esporte”. No fim, o ministro Jarbas Passarinho encerrou o assunto Saldanha:

*O Ministro pediu ao técnico que “sobreponha os interesses do Selecionado Nacional às suas mágoas e que procure contribuir para a existência de um clima de cooperação e entendimento capaz de beneficiar nossa representação”. Manifestou a sua confiança no “patriotismo” de João Saldanha, esperando que, ao exercer sua profissão de comentarista esportivo, êle o faça em termos “impessoais” e visando apenas a contribuir, com os seus conhecimentos, para uma maior eficiência da Seleção Brasileira. – É importante salientar que o Sr. João Saldanha demonstrou sua compreensão para com o objetivo do Ministro Jarbas Passarinho de dar à Seleção todas as condições necessárias para que ela bem represente nosso país no exterior – diz nota oficial, distribuída após o encontro. A nota afirma ainda que o Ministério da Educação não poderia, estando a ele subordinado o Conselho Nacional de Desportos “ficar alheio ao que ocorre na vida esportiva nacional”. Está por isto, acompanhando os preparativos do Selecionado, como o vinha fazendo antes da crise surgida com a demissão do Sr. João Saldanha. O presidente da CBD continua sendo – e não poderia deixar de ser – o responsável direto por todos os preparativos da Seleção. Isso, no entanto, não impede que o Govêrno, tomando ou vindo a tomar conhecimento de irregularidades que ocorram ou venham a ocorrer, use todos os poderes que a legislação do CND lhe concede em benefício do desporto nacional, porque este é o seu dever.*¹¹¹

Para assumir o comando da seleção foi confirmado o treinador Mario Jorge Lobo Zagalo, que estava no grupo de treinadores que auxiliavam a extinta COSENA. Ele tinha apoio dos jogadores e dos militares e fez

¹¹¹ Jornal do Brasil, 26/03/1970, p. 27.

modificações pontuais no time, dando liberdade para que os jogadores opinassem nos treinos e escolhessem aqueles que iriam jogar como titulares. Como chefe da delegação foi escolhido o major-brigadeiro Jerônimo Bastos, que tinha vínculo com o comando do Serviço Nacional de Informação e era assessor direto do major Ipiranga Guarany, responsável por montar o esquema de segurança. Ou seja, os militares definitivamente continuavam com profissionais em todos os setores da seleção brasileira de futebol.

Muito louvável e oportuno o interesse do Governo Federal em acompanhar não mais como observador distante, e sim como participante ativo, o que acontece na seleção brasileira. O futebol, hoje, transcende como nunca a simples espera da diversão esportiva. Transformou-se em assunto de atenção nacional. Não me recordo, em 20 anos de profissão, de ambiente mais motivado, até com tendências excessivamente passionistas, do que esse que estamos vivendo, fato que se compreende em face do esfriamento público de outras preocupações. Acho, portanto, que a convocação dos Srs. João Havelange e Elói Menezes pelo Ministério da Educação, e a passagem desses mesmos dirigentes pelo Palácio Presidencial para outras conversas íntimas, foram, da parte do Governo, providências úteis. Se o futebol tem tanta relevância nacional, é preciso que ele sensibilize todas as camadas, para que, reciprocamente, haja comunicação emocional do que ocorre, ou, quando necessário, cobrança de responsabilidade em função do sentido popular. Foi, por tudo isso, natural que as autoridades governamentais fizessem um misto de recomendação e apelo de paz, depois da agitação provocada pela queda de um técnico e a investidura de outro. O futebol chega a irracionalizar certas posições que convém sejam controladas, se o objetivo sincero das correntes que opinam e influem é, de fato, o Brasil chegar ao México em condições de disputar a Copa do Mundo.¹¹²

2.4 A paixão de um presidente por futebol.

Emílio Garrastazu Médici assumiu a Presidência da República no dia 30 de outubro de 1969, depois que o Colégio Eleitoral, composto apenas por

¹¹² Jornal dos Sports. Um dia de Bola, por Achilles Chirol, 21/3/1970, p. 3.

gerais de quatro estrelas, o escolheu para substituir Costa e Silva que estava doente, vindo a óbito. O General torcia para o Grêmio de Futebol Porto Alegre, mas nutria paixão pelo Clube de Regatas do Flamengo, era visto constantemente na tribuna do Mário Filho assistindo aos jogos e ouvindo seu rádio de pilha. O futebol contribuiu para que sua imagem fosse simpática aos olhos populares e se afirmasse nas camadas populares.

Com Médici, as relações entre política e futebol se intensificaram. O general era um fanático do esporte, e fazia questão de divulgá-lo, assim como a Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), órgão responsável pela propaganda oficial. Para a AERP, o dueto futebol e Médici caiu como uma luva na construção de uma imagem positiva do líder e de sua aproximação com os setores populares. A seleção também seria bastante utilizada, principalmente após a conquista do tricampeonato, quando associou-se a vitória em campo com o próprio modelo de país.¹¹³

A Copa do Mundo de 70 aumentou e redimensionou a popularidade do presidente Médici, que além do futebol, ganhava apoio por ter conseguido emplacar e aumentar o poder de consumo da população e modernizar o país, num período de conhecido como o Milagre Econômico. A intenção do chefe do governo foi, sempre, associar sua imagem a fatores que impulsionassem sua popularidade e a seleção brasileira, devido ao seu apelo popular, a sua característica de envolver todas as classes sociais foi um forte aliado neste objetivo.

De fato, as Copas do Mundo são o momento máximo de expressão do nacionalismo através do futebol, pois é quando as nações são ratificadas em cada seleção nacional, e a metonímia

¹¹³ MAGALHAES, Livia Gonçalves. Futebol em tempos de ditadura civil-militar. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, 2011.

de considerar a seleção de futebol pela nação que representa “muitas vezes serviu como arma ideológica a serviço de uma outra metonímia, mais perversa –aquela em que um governo se apresenta como nação (...) símbolos nacionais de diferentes ordens se fundem, bandeiras, hinos, cada elemento tomado peça em uma unívoca ideologia da superioridade nacional sobre o resto do mundo”... É importante esclarecer que não consideramos as Copas do Mundo como parte de um projeto nacional destas ditaduras, mas sim um momento específico em que os militares de ambos os países utilizaram um elemento típico do imaginário nacional de suas sociedades em um sentido político. Assim, o mundo dos esportes foi um espaço utilizado pelos dois regimes para reproduzir ideias e modelos de um determinado tipo de sociedade.¹¹⁴

Ministros e a propaganda oficial do governo contribuíram para alavancar a imagem do presidente, como um homem comum e preocupado com o Brasil. A intenção era transformar Médici em um nacionalista que estava no poder para transformar a vida do brasileiro. Por isso, difundiu tanto a publicidade de que a população iria assistir à transmissão da Copa do Mundo de 1970 pela televisão, aproveitando o futebol como forma de promoção do progresso e modernização do país e criando a loteria esportiva, a famosa Loteca. A intenção era relacionar as vitórias do futebol, como vitórias do Brasil e do modelo militar.

Médici era efetivamente um torcedor. Sua popularidade estava profundamente ligada ao futebol, mas ia além. Ligava-se, antes, ao contexto mais amplo do Milagre, ao combate à subversão e ao terrorismo e às promessas de abertura política ao final do seu mandato. O futebol, era, neste quadro, um dos principais elementos que compunham a conjuntura do Milagre visto aqui em sua complexidade, como uma percepção otimista – alguma vezes até megalômana – quanto ao presente e ao futuro do país¹³. Nesse sentido, não seria razoável que a propaganda oficial não investisse no gosto do Presidente pelo futebol, sobretudo tendo em vista o contexto de auge daquele esporte no país. Assim, a imagem do torcedor/homem comum – que começava a delinear-se desde 1969 e ganhava contornos mais nítidos ao longo

¹¹⁴ MAGALHAES, Livia Gonçalves e CORDEIRO, Janaina Martins. *O Poder na Torcida: Consenso, Futebol e Ditadura no Brasil (1970) e na Argentina (1978)*. Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História – UFJF, 2016, p. 4.

de 1970 – foi reforçada pela conquista definitiva da Taça Jules Rimet.¹¹⁵

O sequestro do embaixador alemão Ehenfried Von Hollenben, que aconteceu durante a disputa da Copa do Mundo foi qualificado por Médici como o ato realizado por “subversivos”, que estavam agindo em território nacional como terroristas, contrários ao desenvolvimento social, econômico e esportivo no país. O governo afirmou, ainda, que esse ato causou uma comoção junto aos jogadores brasileiros e que atrapalhava o desempenho da seleção nos gramados do México.

A Copa do Mundo de 1970 flagrou o regime militar no momento em que este se propunha a ser o garante da segurança e da paz internas para o desenvolvimento do país – o que, trocando em miúdos, significava esmagar todos os movimentos de subversão da ordem, ao mesmo tempo em que se desenrolava uma campanha cujo objetivo era destituir os brasileiros de sua condição de indivíduos, reunindo-os sob o manto indiscutível da nacionalidade. “O primeiro caminho para a valorização do homem brasileiro é a integração de todos no esforço nacional”, anunciava Médici em 10 de março de 1970, na aula inaugural da Escola Superior de Guerra. Esse “esforço nacional” justificava o arbítrio e a distorção da realidade e, ao mesmo tempo, criava as condições para a explosão de ufanismo que se seguiria à conquista da Copa do Mundo.¹¹⁶

O título da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1970 ajudou definitivamente que o regime civil-militar consolidasse os seus ideais de grande nação, em franco desenvolvimento social e econômico. O povo saiu às ruas e vibrou com a vitória do futebol, como a vitória do brasileiro. A música “Pra frente Brasil” embalou as comemorações e o adesivo “ame-o ou

¹¹⁵ GUTTERMAN, Marcos. Médici e o Futebol: a utilização do Esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do regime militar – Proj. História, São Paulo, 2004, p. 275.

¹¹⁶ GUTTERMAN, Marcos. *Médici e o Futebol: A utilização do esporte mais popular do Brasil pelo Governo mais brutal do regime militar*. Proj. História, 2004, p. 267.

deixe-o” apareceu nos vidros dos carros. Médici viu tudo isso, e aproveitou a euforia contagiante para elevar ainda mais a sua popularidade, que atrelada ao desenvolvimento econômico e os gols de Pelé, Jairzinho e Tostão afirmaram sua carreira presidencial.

*Uma Pedrinha na Chuteira. Não ofereçam presentes por antecipação à seleção brasileira. O maior presente que podemos oferecer aos nossos jogadores é assistência e interesse efetivos do nosso Presidente Médici, um desportista nato e militante...Que maior presente poderão receber as feras da nossa seleção, que esse carinho quase paternal do presidente Médici? ...Temos pelo Ministro Mario Andreazza uma admiração mais profunda de que qualquer macaca-de-auditório pelo Roberto Carlos. Essa admiração se estende ao Ministro Jarbas Passarinho que, como nós, são desportistas natos e sabem que todo o nosso esforço visa dar ao Brasil, através do desporto, uma consciência nacional e um espírito patriótico capaz de maiores sacrifícios. Se o presidente Médici conclama a nossa seleção a lutar pelo trunfo, é que algo de útil é praticado para elevar ainda mais o nome do Brasil. Um desportista não luta por medalhas e presentes. A maior recompensa de um desportista e a sua consagração pelo povo e o reconhecimento dos poderes públicos. Não pedimos medalhas e presentes para os defensores da seleção nacional. Pedimos sim, aos defensores da seleção nacional, que ofereçam o maior de todos os presentes ao Presidente Médici: a conquista da Copa do Mundo -70. O Presidente Médici merece esse sacrifício, que representará a alegria de 65 milhões desportistas conscientes do Brasil... E esse trunfo deve ser oferecido ao Presidente Médici, desportista nato e torcedor número um da seleção canarinho. Com humildade e raça, a Copa do Mundo, como o petróleo, é nossa.*¹¹⁷

2.5. A Copa do mundo de 1970.

A Copa do Mundo de 1970 aconteceu de 31 de maio até 21 de junho, no México que disputara com a Argentina o direito de sediar o torneio. A competição teve partidas em Guadalajara, León, Cidade do México, Puebla e Toluca. Pela primeira vez uma seleção do continente africano ganhou o direito de participar do Mundial. Dezesesseis seleções classificaram-se para a

¹¹⁷ Jornal dos Sports. Coluna do Zé de São Januário. 6/6/1970, p. 9.

fase final: União Soviética, Bélgica, Itália, Suécia, Inglaterra, Romênia, Tchecoslováquia, Alemanha Ocidental e Bulgária, México, El Salvador, Uruguai, Brasil e Peru, Israel e Marrocos. Pela primeira vez, substituições foram permitidas em Copas do Mundo. Cada time poderia fazer duas alterações durante o jogo e foi a primeira a apresentar o uso dos cartões amarelo e vermelho para advertências e expulsões.

Presidente Médici envia bons votos. O Brigadeiro Jerônimo Bastos, Chefe da Delegação Brasileira à Copa do Mundo recebeu ontem, através da Embaixada do Brasil, mensagem do Presidente Garrastazu Médici para em nome do Governo e do povo brasileiro, "externa fraterna saudações às delegações de todos os países participantes IX Copa do Mundo, com os votos de que a competição possa servir ao ideal de entendimentos entre os povos". A Seleção Brasileira, o Presidente da República pediu ao Brigadeiro que fizesse chegar "expressões do meu incentivo para que sejam felizes e dignos do grande povo que da distância os acompanha a cada momento dessa disputa".¹¹⁸

A delegação Brasileira que viajou para representar o país na Copa do Mundo do México tinha a presença de diversas personalidades ligadas diretamente ao governo militar.

Chefe da delegação: brigadeiro Jerônimo Bastos, secretário da chefia, na verdade chefe da segurança, major e funcionário ligado ao SNI Roberto Guarani, assistente administrativo: Valter José dos Santos, delegados: Silvio Pacheco, Abílio de Almeida e José Ermírio de Moraes Filho, cozinheiros: Edgar Barbosa e Mário Rocha, tesoureiro: Sebastião Martinez Alonso, jornalista: Aquiles Chirol e administrador José de Almeida.

Comissão técnica: presidente: Antônio de Passo, supervisor: Claudio Coutinho, técnico: Zagalo, treinador e preparados físico: Admildo Chirol, preparador físico: Carlos Alberto Parreira, médico: Lídio Toledo, auxiliar médico: Mauro Pompeu, assessor da presidência: Tarso Herédia de Sá, massagista: Mário Américo.

¹¹⁸ Jornal dos Sports. 1/6/1970, p. 4

Jogadores: Félix, Joel, Leão, Fontana, Brito, Clodoaldo, Rivellino, Carlos Alberto Torres, Baldocchi, Piazza, Everaldo, Paulo César Caju, Tostão, Marco Antônio, Ado, Edu, Zé Maria, Dadá Maravilha, Gérson, Roberto Miranda, Jairzinho e Pelé.

*Seleção viaja confiante e incentivada pela torcida. Até o entusiasmo da torcida que compareceu em grande número ao aeroporto do Galeão, e a emoção dos familiares e amigos, muito não contendo o choro, a delegação brasileira seguiu, por volta das 23h45, de ontem para a cidade mexicana de Guadalajara, onde irá lutar por uma vaga nas quartas-de-final, estreando no dia 3 de junho contra os Tchecos. Os torcedores lotaram completamente o aeroporto carregando bandeiras e levando até uma charanga, que ajudou a animar bastante o ambiente e aumentar também a confusão.*¹¹⁹

A seleção brasileira foi uma das primeiras a chegar em território mexicano, sendo recebida por mais de 3000 pessoas no aeroporto. A equipe teve um mês de preparação antes da estreia contra a Tchecoslováquia. No período de treino foi acolhida pela população local, que lota as dependências do centro de treinamento, e tinha sempre um objetivo. “Viemos ver o Pelé”.

Na estreia, o Brasil, embora fosse considerado o favorito no confronto pela imprensa esportiva, não gerava confiança nos torcedores. Logo no início os brasileiros tomaram um susto, quando os tchecos abriram o placar, mas no fim do jogo só alegria. A seleção venceu de goleada, 4x1, com gols de Rivelino, Pelé e dois de Jairzinho. Era o início da caminhada para o título. O presidente Médici, não perdeu a oportunidade, e mandou recado reafirmando a posição do governo e a necessidade da conquista.

Seleção recebe parabéns de Médici por telefone. Logo após o término da partida de ontem, o Brigadeiro Jerônimo Bastos falou por telefone internacional. Contou o Brigadeiro que a conversa foi na cabina telefônica do próprio estádio de Jalisco e que o Presidente da República do Brasil tinha comunicado anteontem à

¹¹⁹ Jornal do Brasil, 2/5/1970, p. 20.

*noite, através de seus assessores que queria conversar com ele 15 minutos após a partida. Contou o Brigadeiro que o Presidente Médici não parou de falar. – Ele me deu os parabéns- disse o chefe da delegação brasileira- que o nosso time é de macho e que a nossa vitória foi justíssima. – Ele mandou parabéns para todos e em especial para Brito e Everaldo...Sobre o time Médici falou quatro vezes o nome de Zagalo e mandou também para ele abraços efusivos. – Por fim – disse o Brigadeiro – ele mandou parabéns a todos da delegação, com os votos que continuem assim disciplinados porque todos os brasileiros contam com o título.*¹²⁰

A segunda partida do Brasil na Copa do Mundo foi cercada de muita expectativa pela crônica esportiva e por toda a população. A seleção enfrentaria a então campeã, a seleção da Inglaterra. Em um jogo amarrado e disputado com muita marcação e disputa pela bola, terminou com a vitória do Brasil por 1 x 0 com gol de Jairzinho. Essa partida ficou marcada por fatos que estão gravados na história do torneio: a defesa do goleiro inglês Gordon Banks em um cabeçada a queima roupa de Pelé e a troca de camisa entre o capitão inglês Bobby Moore e o camisa dez. O resultado praticamente classificava o Brasil para a segunda fase. O presidente Médici enviou um telegrama para a delegação brasileira.

*Médici felicita bravura. Brasília. O Presidente Emílio Garrastazu Médici enviou ao Brigadeiro Jeronimo Bastos, chefe da delegação brasileira, em Guadalajara, México, o seguinte telegrama: “Na oportunidade da notável vitória conquistada, palmo a palmo, sobre a grande equipe inglesa, recebe e transmite, a todos os componentes da delegação brasileira, meu comovido abraço de torcedor pela demonstração de técnica, serenidade, amadurecimento, inteligência, garra e bravura”.*¹²¹

Na última partida da primeira fase, o Brasil enfrentou a seleção da Romênia e podia perder até por um gol de diferença que passaria para as

¹²⁰ Jornal do Brasil, 4/6/1970, p. 23.

quartas de final da copa. Na oportunidade, o técnico Zagalo decidiu poupar alguns jogadores, entre eles, Gerson e Rivelino. O jogo foi muito disputado e o Brasil ganhou apertado por 3 x 2, com dois gols de Pelé e um de Jairzinho. A seleção estava classificada e iria enfrentar a seleção do Peru. No Brasil, o embaixador alemão foi sequestrado e a delegação brasileira enviou apoio ao presidente.

Delegação Condena o sequestro do embaixador alemão. Guadalajara. O Chefe da delegação brasileira, Brigadeiro Jeronimo Bastos enviou ontem o seguinte telegrama ao Presidente Garrastazu Médici: "Na hora em que no campo esportivo confraternizamos com todos os povos e vimos alcançado vitórias baseadas nos princípios da disciplina e respeito, manifestamos em nome da delegação brasileira de futebol nossa repulsa pelo ato desumano de sequestro do ilustre Embaixador da nação alemã, com a perda de uma preciosa vida, ferido os laços de fraternidade de nossos povos e dando ao mundo uma imagem distorcida quanto à generosidade, fidalguia e humanidade do grandioso povo brasileiro."¹²²

O jogo contra o Peru teria como elemento especial, a presença de dois bicampeões do mundo pelo Brasil em 1958 e 62: Zagalo que era técnico do Brasil e Didi, que era o técnico peruano. Em um jogo muito disputado, onde a torcida mexicana apoiou a seleção peruana, com muitas viradas, o Brasil venceu por 4 X 2, com gols de Rivelino, dois de Tostão e um de Jairzinho. O próximo adversário na semifinal seria o Uruguai.

Médici dá milhões às feras pela Copa. Guadalajara. O Presidente Médici telefonou duas vezes para o Brigadeiro Jerónimo Bastos a fim de cumprimentar a seleção pela vitória. Aproveitando a oportunidade para mandar um abraço especial a Zagalo e comunicar que, no caso de o Brasil ser campeão e além dos prêmios já anunciados, a Caixa Econômica Federal bloqueou um depósito de Cr\$ 360 mil para ser dividido como prêmio de vitória. Os jogadores vibraram com a notícia e Gerson disse esperar que

¹²¹ Jornal dos Sports, 9/6/1970, capa.

¹²² Jornal dos Sports, 13/6/1970, capa.

*também tenham atendida sua reivindicação relativa à redução da incidência do imposto de renda.*¹²³

O jogo contra o Uruguai valendo pelas semifinais da Copa do Mundo trazia um sentimento de incerteza para todos os brasileiros. A marca da derrota na final da Copa do Mundo de 50 no Brasil voltou a ser lembrada por jornalistas e pelos jogadores uruguaios, que levantavam essa história, como forma de amedrontar os brasileiros, visto que existia uma inferioridade técnica entre as duas equipes. Realmente, a partida foi muito complicada, principalmente por que a seleção azul celeste¹²⁴ abriu o placar e os fantasmas do passado voltaram a assombrar. Mas no final com gols de Clodoaldo, Jairzinho e Rivelino, 3 x 1 Brasil e presença garantida na decisão do Mundial de 1970.

*Médici cumprimenta e deseja sorte. Guadalajara. A euforia da vitória sobre o Uruguai na concentração das Suítes Caribes culminou com o telefone do Presidente Emilio Garrastazu Médici para o chefe da delegação, Brigadeiro Jerónimo Bastos. Isso porque, o Presidente da República, não satisfeito em ter os seus cumprimentos e votos de boa sorte para domingo transmitidos aos jogadores pelo chefe da delegação, pediu ao Brigadeiro Jerónimo Bastos para chamar alguns dos verdadeiros heróis da memorável vitória. Pela ordem Carlos Alberto, Pelé, Gerson, Rivelino, Brito falaram com o Presidente Garrastazu Médici que lhes desejou pessoalmente “muita tranquilidade e boa sorte para a decisão contra a Itália”.*¹²⁵

O Brasil estava na decisão da Copa do Mundo de 1970 e teria como adversária a Itália, que, também era duas vezes campeã. Quem vencesse levaria a Taça Jules Rimet em definitivo. O jogo gerava grande expectativa na torcida brasileira que a cada vitória da seleção no torneio ia para as ruas comemorar como se fosse um carnaval antecipado. Aproveitando esse

¹²³ Jornal dos Sports, 15/6/1970, p. 2

¹²⁴ Nome dado à seleção do Uruguai.

embalo e o entusiasmo, o presidente Médici não iria ficar de fora e anunciou antes da final que iria ao aeroporto receber os jogadores fosse qual fosse o resultado.

Médici vai ao Galeão receber os jogadores. O Presidente Médici chegará ao Rio no domingo, procedente do Rio Grande do Sul, para ficar quatro dias, sendo que na terça-feira receberá os jogadores da seleção brasileira no Aeroporto do Galeão mesmo que a equipe não volte do México como campeã mundial de futebol. O Presidente Médici pretende cumprimentar pessoalmente todos os integrantes da delegação brasileira no México no próprio Aeroporto do Galeão, na terça-feira. Caso não haja alteração na programação presidencial no Rio Grande do Sul o Presidente da República assistirá Brasil X Itália no Palácio das Laranjeiras. O Governador, através do Secretário de Finanças, o Sr. Altamar Dutra de Castilhos, que seguirá para o México para assistir, no domingo, ao jogo Brasil e a Itália mandou mensagem de esperança e confiança à Seleção Brasileira.

A vitória na decisão contra a Itália foi um dos momentos mais impactantes da história do futebol. A Seleção Brasileira teve uma atuação primorosa, uma das melhores em todos os tempos e venceu a seleção italiana por 4 x 1, com gols de Pelé, Jairzinho, Carlos Alberto Torres e Gerson. Médici aproveitou a vitória e a euforia da população brasileira com o título e mandou a sua mensagem:

Logo após a vitória do Brasil, o Presidente Médici transmitiu a todo o povo brasileiro a seguinte mensagem: "Na hora em que a Seleção Nacional de futebol conquista definitivamente a Copa do Mundo, após memorável campanha, na qual só enfrentou e venceu adversários do mais alto valor, desejo que todos vejam, no Presidente da República, um brasileiro igual a todos os brasileiros. Como um homem comum, como um brasileiro que, acima de todas as coisas, tem um imenso amor ao Brasil e uma crença inabalável neste país e neste povo, sinto-me profundamente feliz, pois nenhuma alegria é maior no meu coração que a alegria de ter a felicidade de nosso povo, no sentimento da mais pura exaltação patriótica. E idêntico na vitória conquistada na fraterna disputa esportiva, a prevalência de que nos devemos armar para a própria

¹²⁵ Jornal dos Sports, 19/6/1970, p. 6

*luta em favor do desenvolvimento nacional. Identifico no sucesso de nossa seleção de futebol, a vitória da unidade e da convergência de esforços, a vitória da inteligência e da bravura, da confiança e da humildade, da constância e da serenidade da capacitação técnica, da preparação física e da consistência moral. Mas e preciso que se diga, sobretudo, que os nossos jogadores venceram porque souberam ser uma harmoniosa equipe, em que, mais alto que a genialidade individual, afirmou-se a vontade coletiva. Neste momento de vitória, trago ao povo a minha mensagem, identificando-me todo com a alegria e a emoção de todas as ruas, para festejar, em nossa incomparável Seleção de futebol, a própria afirmação do valor ao homem brasileiro. Emilio Garrastazu Médici Presidente da República.*¹²⁶

Minutos antes da vitória da seleção brasileira, o povo foi às ruas, festejou o título e, o presidente Médici confirmou a sua característica nesses tempos de copa do mundo, a de mostrar que era homem comum, um homem do povo, que não se diferenciava do resto da população.

*Médici festeja com o povo. Uma empolgação jamais vista na capital brasileira tomou conta de toda a população de Brasília, e até mesmo o próprio Presidente da República, após o terceiro gol do Brasil na decisão do mundial, ontem à tarde. O povo saiu às ruas antes mesmo do apito final portando cartazes e bandeiras com as cores verde e amarelo, saudando o tricampeonato e a maioria dirigiu –se para o Palácio do Planalto, onde os torcedores foram recebidos pelo Presidente Garrastazu Médici, também com uma bandeira nas mãos, fazendo questão de receber os abraços do povo, e comemorando com ele a conquista do título tão logo o juiz deu o jogo por encerrado. A partir daí, o carnaval improvisado tomou conta do próprio Palácio do Governo, que teve seus portões abertos a torcida. Tudo era vibração e os torcedores somente se calaram para ouvir o pronunciamento do Presidente da República, em saudação à vitória.*¹²⁷

O Brasil parou para receber os campeões do mundo de futebol, o governo decretou feriado para que a população pudesse participar das

¹²⁶ Jornal do Brasil, 21/6/1970, p. 8

¹²⁷ Jornal dos Sports, 23/6/1970, p. 10.

comemorações. As manchetes dos jornais exaltaram essa celebração que percorreu todas as cidades, tendo o ápice no Rio de Janeiro onde um milhão e meio de cariocas aguardavam os jogadores. A *Revista Placar* de 3 de Julho de 1970 dizia “A Volta dos Deuses do Futebol”, o *Jornal do Brasil* de 24 de junho de 1970 afirmava “Um milhão e meio de cariocas receberam campeões no maior carnaval da história” e o *Jornal dos Sports* falou “Brasil chora de alegria com a taça na mão”.

*A emoção com que o povo brasileiro recebeu, ontem, os tricampeões mundiais de futebol deve ser sido traduzida num instante talvez inédito na história de todos os povos abraçado a Pelé, o Presidente da República General Garrastazu Médici, chegou a chorar. O Presidente Médici que tinha chegado ao Palácio, às 12h30, desceu às 13h35m, e, às 14h25m, quando os jogadores chegaram à porta do Palácio, quebrou o esquema de segurança e o protocolo, indo ao encontro do jogadores no início da rampa de acesso, a três metros da multidão. O primeiro a descer foi Zagalo, a quem o Presidente abraçou entusiasmamente. Depois foi Carlos Alberto, erguendo a taça. O povo, aí, começou a gritar “Brasil, Brasil”, num espetáculo verdadeiramente emocionante. O Presidente agarrou Carlos Alberto e não o abraçou simplesmente. Quase o beijou e disse: “Muito obrigado por essa grande alegria”. Quando recebeu Pelé o Presidente chegou a chorar. O Rei ficou entre seus braços por algum tempo e o Presidente quase não abraça seu amigo Everaldo. Com Tostão foi à mesma alegria e a Segurança pediu, então, que o Presidente entrasse, por Carlos Alberto pois Carlos Alberto já se dirigia para o Parlatório a fim que a taça fosse erguida ao povo. O Presidente Médici comandou neste instante a festa, chamando os jogadores um a um, e pedindo que erguessem a Taça. O povo delirava e gritava o nome dos jogadores e “Brasil, Brasil”.*¹²⁸

O Governo brasileiro recebeu diversas felicitações pelo título de diversas autoridades de todo o mundo, entre elas o presidente dos Estados Unidos Richard Nixon e Médici fez questão de agradecer.

Recebo, com prazer, a mensagem de congratulações que Vossa Excelência me envia, quando da conquista pelo Brasil da Taça Jules Rimet. Esse feito resulta, como bem acentua sua

¹²⁸ *Jornal dos Sports* 24/6/1970, p. 3

*mensagem, não só o talento individual e o espírito de equipe revelado pelos nossos jogadores mas de todo um esforço coletivo. As expressivas palavras de Vossa Excelência, em aplauso à grande vitória da Seleção Brasileira de Futebol, constituem para nos motivo de particular satisfação, pois nelas reconhecemos o gesto de quem deseja compartilhar a alegria do povo brasileiro.*¹²⁹

Ainda em 1970, o governo brasileiro aproveitou para homenagear o México, marcando um amistoso contra o Brasil. Intitulado de “O Jogo da Gratidão”, o presidente recebeu as duas delegações no Palácio do Planalto e nomeou Pelé, Embaixador do Brasil no México. O jogo terminou 2 x 1 para o Brasil e no final Médici entregou a Taça da amizade para o capitão do México Peña que a ergueu como forma de agradecimento.

*Com a presença do Presidente Médici, quase todo o Ministério e o Governador Negão de Lima, Brasil e México jogam hoje, 21h30m no Estádio Mário Filho – uma partida em que o resultado não é o que mais importa. O importante será a festa: uma festa dá mais pura confraternização e, da parte brasileira, da mais vibrante gratidão. Desde a Copa do Mundo, o povo do Brasil está a dever aos mexicanos essa homenagem. Chegou a hora de pagar a dívida. O jogo será precedido de uma série de solenidades e vai ser televisionado diretamente para o México.*¹³⁰

O tricampeonato mundial coroou o futebol do Brasil como o melhor do mundo, reafirmou Pelé como o melhor jogador de todos os tempos e principalmente contribuiu para que o governo reafirmasse a imagem que queria passar do presidente Médici, a de um homem comum, do povo. A Copa de 70 acabava com vitória para todos: torcedores, dirigentes, ministros, presidente e jogadores.

¹²⁹ Jornal dos Sports, 25/6/1970, p.7

¹³⁰ Jornal dos Sports, 26/9/1970, capa.

CAPÍTULO III

O FUTEBOL DEPOIS DE 70 E A COPA DO MUNDO DE 1974

Com o fim da Copa do Mundo de 1970, o governo militar participa de diversos projetos e ações que envolviam o futebol no Brasil. O foco, não era apenas acompanhar a seleção brasileira, como perceberemos nesse capítulo, mas sim todas as esferas do esporte. Desde a criação do Campeonato Brasileiro de futebol, passando pela Mini Copa em homenagem ao cinquentenário do Brasil, a eleição de Havelange a FIFA, até a participação dos brasileiros no mundial de 1974.

3.1. A criação do Campeonato Brasileiro de 1971

O futebol brasileiro, após a conquista do tricampeonato, era notado por todos os setores da sociedade, e principalmente pelo regime militar, que percebeu um campo fértil para plantar suas filosofias. Por isso passou a acompanhar todos os torneios realizados no território nacional e em especial o torneio que reunia os principais clubes do Brasil.

Em 1970, o Torneio Roberto Gomes Pedrosa ou Taça de Prata era considerado o campeonato que reunia os principais clubes do Brasil. Ao todo participavam 17 clubes que eram selecionados a partir de sua participação técnica e financeira nos torneios estaduais, que naquele momento eram as competições de maior prestígio no país. A partir de 1971, com o propósito do

governo de criar mecanismos para uma integração nacional em favor do esporte, criou-se o Campeonato Nacional de Futebol.

*CBD CRIA CAMPEONATO NACIONAL EM DUAS DIVISÕES. Em reunião entre o presidente da CBD, Sr. João Havelange, os dirigentes Antônio do Passo e Abílio de Almeida e representantes das Federações Carioca, Paulista e Mineira, foi criado ontem o Campeonato Nacional, a ser disputado no período de agosto a dezembro, em duas categorias - a divisão extra e a primeira divisão. O vencedor da divisão extra ganhará o troféu da Taça de Prata e o título de campeão do Brasil. A nova Taça de Prata será dividida em duas séries de 10 clubes, classificando-se cinco em cada uma. Das duas séries participarão cinco clubes da Guanabara, cinco de São Paulo, três de Minas, dois do Rio Grande do Sul, dois de Pernambuco, um da Bahia e um do Ceará. O campeonato da primeira divisão será dividido em duas regiões: Norte e Centro Sul.*¹³¹

A iniciativa para a criação do torneio partiu das lideranças da Confederação Brasileira de Desportos – CBD - , com a intenção de difundir o esporte em âmbito nacional, e para isso, contava com a participação do governo federal na liberação de recursos para custear a manutenção e o desenvolvimento da competição.

*Reinvindicação junto ao Governo. Verificamos que sobre o CAMPEONATO NACIONAL, dificultado sua extensão no futuro, a outras unidades da Federação Brasileira, pesarão dois graves ônus: as taxas (aluguel de campo) que incidem sobre os jogos e o transporte aéreo da delegação (a ser pago pelo fundo de transporte, com os 5% descontados da renda) A solução desse entrave ao desenvolvimento do CAMPEONATO NACIONAL estaria na ação da CBD, juntamente com as federações, associações e imprensa esportiva, de sensibilizar as autoridades governamentais, notadamente as Suas Excelências o Senhor Presidente da República e o Senhor Ministro da Educação e Cultura para a solução dos problema que se nos afigura viável.*¹³²

¹³¹ Jornal do Brasil, dia 5/2/1971, p. 24.

¹³² Idem ao 131.

Antes da criação do Campeonato Nacional, participavam da Taça de Prata, os grandes clubes do Brasil, situados no Rio de Janeiro (Flamengo, Fluminense, Vasco e Botafogo), São Paulo (Corinthians, São Paulo, Santos e Palmeiras), Minas Gerais (Atlético- MG e Cruzeiro) e Rio Grande do Sul (Internacional e Grêmio) ou seja, aqueles que dispunham de rigor técnico e possibilidades econômicas. O interesse para a realização desse torneio eram os confrontos entre esses times que permitiria as maiores e melhores rendas possíveis. Os times brasileiros necessitavam dos lucros adquiridos a partir das rendas dos jogos para manter as viagens pelo país, os salários dos jogadores, a manutenção dos estádios e outros gastos operacionais. Por isso, a CBD não incluía a participação de clubes de pequena expressão nos países, pois não conseguiriam com as suas rendas manter-se na competição.¹³³

Com a criação do novo Campeonato Nacional era necessário um apoio efetivo do governo federal, pois a ideia era aumentar de 17 para 20 clubes, com a entrada de clubes de outras regiões do país.

O novo presidente do CND, Brigadeiro Jerônimo Bastos está realmente interessado em examinar e dar consequência aos pedidos dos clubes, que a partir da loteria esportiva deveria destinar ao desporto um percentual destinado a manutenção dos estádios e de transporte durante o Campeonato Nacional. A matéria será estudada tão logo regresso da Europa o Presidente Havelange. Provavelmente será encaminhado memorial ao Ministro da Educação e ao Ministro da Fazenda, pedindo autorização para contemplar o futebol profissional com essa ajuda. Por sinal, essa contribuição seria, quando muito, da ordem de 10% da fabulosa cota que a loteria entrega ao Conselho Federal de Desportos. Tenho a impressão que seria essa a maneira mais legítima de retribuir o papel que os clubes de futebol representam para o êxito da Loteria Esportiva. A vantagem dessa fórmula consiste, ainda, no fato que o dinheiro terá destinação específica, isto é, será destinado claramente a pagar o aluguel de cada estádio e a passagem aérea dos competidores. Assim, não haverá

¹³³ CHAIM, Anibal Renan Martinot. *A Bola e o Chumbo: Futebol e Política nos anos de chumbo da Ditadura Militar Brasileira*. São Paulo: 2014. p. 109.

*menor risco de que um clube possa aplicar mal a cota do esporte. Por outro lado, como bem observa Sr. Antônio do Passo, o dinheiro pago pela utilização dos estádios reverteria fatalmente aos cofres públicos, uma vez que quase todos os estádios pertencem a órgãos públicos.*¹³⁴

Uma inovação no regulamento de 1971 trouxe muitos problemas para a Confederação Brasileira e os clubes. O torneio previa dois grupos, com dez clubes em cada, quando os quatro de melhores campanhas estariam classificados para a segunda fase, mais dois com as maiores rendas que não estivessem classificados pelo critério técnico. Os doze classificados para a segunda fase seriam divididos em dois grupos, com os primeiros indo a final do campeonato.

Essa fórmula estava alcançando o resultado proposto, quando, no fim da primeira fase os clubes tradicionais que não estavam com boas campanhas no campo, começaram a apelar para as “arquibancadas”, mas não incentivando a presença do público nos estádios, e sim, comprando os ingressos apenas para obter o critério de maior renda. No fim dos jogos o que se via era uma grande renda, que não era condizente com o público presente no estádio.

*O problema todo de se calcular quem está bem por rendas é que o tumulto está armado... Mas quem garante que essa média não aumentará em alguns milhões no grito? Em todos os Estados apela-se “ao amor ao clube”, mas visando mesmo ao bolso do torcedor. Assim, o Flu, o Ceará, ou outro qualquer, podem chegar as finais sem jogar nada. Mas, no futebol, a quarta vaga será decidida entre Vasco, Inter, Santa e Portuguesa. Sem campanha. Com gols.*¹³⁵

¹³⁴ Jornal do Brasil, 16/2/1971, Coluna na Grande Área, Armando Nogueira, p. 25.

¹³⁵ Revista Placar. 10 de setembro de 1971. p. 2.

A confusão estava formada, os clubes inventavam rendas para conquistar a vaga na segunda fase e em alguns casos precisavam perder para se classificar. A situação ficou insustentável para a CBD, que estava pressionada a mudar o regulamento do campeonato, mas tinha o agravante do torneio estar em andamento. O governo, assistindo toda a confusão e desorganização não poderia ficar de fora e cobrou providências da direção do futebol brasileiro.

Mudança. Quinta-feira, por volta das 11h, o Ministério da Educação expediu um telex ao presidente do CND, Brigadeiro Jerônimo Bastos, pedindo providências para apurar as denúncias e irregularidades nas arrecadações da Taça de Prata e sugerindo a mudança no critério de classificação. Por volta das 18 horas, a CBD anunciava mudanças no regulamento. Simples coincidência.

¹³⁶

A Confederação tomou a decisão mais complicada, mais a única viável para aquele momento, ou seja, mudou o regulamento do campeonato. Ao fim da primeira fase, ninguém foi eliminado, todos passaram para a segunda fase, que ao final classificaria os seis primeiros de cada grupo que obtivessem mais pontos. O critério de maior renda estava abolido do futebol brasileiro.

A longa semana de loucuras. Em guerra de jacu, nhambu não mete pau (Cor. José Guilherme Ferreira, presidente da Federação Mineira.) – O negócio é o III Exército é invadir aquilo lá (Eraldo José Hermann, vice-presidente do Internacional.) – De um modo geral, o critério de rendas é justo. Clubes de massa, como o Flamengo e Bahia não podem ficar de fora. (Osório Villas Boas, “homem forte” do Bahia.)... Que posição tomou a CBD em meio à gritaria geral? Até clubes por pontos e com ótimas rendas reais, gritavam: na virada da mesa, o seu copo podia quebrar: - A CBD cumprirá o regulamento – disse, firme, Havelange, na quarta-feira, dia 8. Recebera, entretanto, um telegrama de pessoas que não

¹³⁶ Jornal do Brasil. 12 e 13/9/1971. Informe JB. p. 10.

estão diretamente ligadas ao futebol, mas cujas vozes pesam. O governador da Bahia, Antônio Carlos Magalhães, confiava que “o prezado amigo encontrará meios para evitar a frustração do público esportivo da nossa terra”, depois de pedir ação da CBD “a fim de evitar interferências malévolas no esporte nacional”. Laudo Natel, governador de São Paulo, telefonou para Havelange. Embora a conversa não tenha sido divulgada oficialmente, consta que o governador solicitou medidas saneadoras. – Não tomamos nenhuma decisão sob pressão – disse Havelange. Mas houve uma verdadeira corrida à CBD na tarde de quinta-feira, dia 9. Presidentes das Federações Gaúcha e Mineira, presidentes dos clubes, representantes de clubes, todos se acotovelavam pelos corredores do “Edifício Havelange”. Para a CBD, coincidência. Sua decisão – mudar o regulamento, “virar a mesa”- foi tomada porque “a leviandade de alguns conspurcou o nosso trabalho”.¹³⁷

O Campeonato Nacional de 1972 ficou ainda mais inchado, pois foram convidados mais seis times: Remo do Pará, Nacional do Amazonas, Sergipe de Sergipe, CRB de Alagoas, Vitória da Bahia e ABC do Rio Grande do Norte, todos favorecidos por possuírem estádios de futebol com grande dimensão, o que concentraria a presença de grande público. Os novos clubes convidados pela CBD pertenciam às regiões Norte e Nordeste do país, que “concidentemente” eram, também, as regiões que faziam parte do plano de integração nacional adotado pelo governo Médici.

Não foi preciso uma reunião formal para determinar os 26 clubes – em vez de 25 – que disputarão o Campeonato Nacional deste ano. Bastou simples contato do Sr. Abílio de Almeida com o Sr. João Havelange e o diretor de Futebol Sr. Antônio de Passo, para que tudo ficasse acertado. O 26º, pelo que ficou decidido, será o campeão do Rio Grande do Norte, e o critério foi o mesmo que justificou a inclusão do campeão do Amazonas e dos restantes: integração nacional, e possuir um Estádio para mais de 40 mil pessoas. Resolvida essa parte, a CBD está agora cuidado da revisão do regulamento que, aliás, já está concluído. Agora as cópias serão encaminhadas as Federações interessadas.¹³⁸

¹³⁷ Revista Placar. 17 de setembro de 1971. p. 10 e 11.

¹³⁸ Jornal do Sports, 25/7/1972, Coluna Câmara – Luiz Bayer. p.4.

A integração nacional continuava em pauta no futebol brasileiro e o campeonato de 1972 receberia ajuda do governo no custeio das passagens aéreas, informação difundida pelo brigadeiro Jerônimo Bastos, presidente do Conselho Nacional de Desportos. “O Campeonato Nacional é uma competição de integração nacional e daí o apoio que vem merecendo das autoridades do país”.¹³⁹

Os clubes do Nordeste, convidados para participar da competição nacional receberam ajuda importante dos governos estaduais que contribuíram financeiramente para o sustento dos clubes durante os três meses do campeonato. A direção da CBD sabendo do interesse dos políticos das diversas regiões do país, entre eles José Sarney do Maranhão, Geraldo Starling Soares de Brasília, Alberto Silva do Piauí, Colombo Sales de Santa Catarina, já articulava o aumento do número de participantes para o torneio de 1973.

*O Presidente da CBD, Sr. João Havelange, seguiu ontem para Munique, onde acompanhará o desenrolar das Olimpíadas na qualidade de membro do Comitê Olímpico Internacional. João Havelange mostrou-se muito satisfeito com a atual fase do esporte brasileiro, salientando a importância do Campeonato Nacional, que assegura aos clubes o melhor campo para os seus interesses. Recordou que em outros tempos os clubes recorreriam à ilusão das excursões, mas eles verificaram que no Brasil é onde se pode fazer o melhor profissionalismo. João Havelange elogiou o Norte e o Nordeste pela contribuição que estão dando em matéria de estádios e prometeu que para 73 um Campeonato Nacional ainda mais amplo, para cumprir as suas finalidades de certame de integração nacional.*¹⁴⁰

Em 1973 continuava com o projeto de integração nacional e a Confederação Brasileira de Futebol decidiu ampliar ainda mais o número de participantes no torneio nacional. Os dirigentes aumentaram para 40 o número de clubes participantes, com a presença de equipes do Piauí

¹³⁹ Jornal do Sports, 8/2/1972, Coluna Câmera – Luiz Bayer. p.4.

(Tiradentes), Goiás (Goiás), Mato Grosso (Comercial), Espírito Santo (Desportiva), Distrito Federal (CEUB), Santa Catarina (Figueirense) e Maranhão (Moto Club). Ao todo 20 estados da Federação estavam contemplados com pelo menos um participante no torneio.

*Amigos o Campeonato Nacional tem um defeito que é, ao mesmo tempo, uma virtude: - a abundância numérica de concorrentes. Dizia-me o Marcelo Weissmuller (que como bom Tarzan, trabalha com um mico no ombro), dizia-me ele: - "Raro é o time brasileiro que não entra no Nacional", o Denis Meneses, por sua vez, observa: - "Quarenta concorrentes". Não resta dúvida: - nunca houve um Campeonato tão numeroso. O Denis Meneses adverte: - "Quarenta, por enquanto". Segundo ele, a coisa pode ir mais longe. Mas eu dizia que tanta gente era um defeito: mas qualidade como uma prova da riqueza e vitalidade do nosso futebol. Que país do mundo poderia organizar um Campeonato de quarenta disputantes ou mais? Por outro lado, não há dúvida que a quantidade, embora arriscando a qualidade, vai arrastar novas multidões para os pequenos e os grandes jogos. Impossível negar que se trata de um torneio total. O Brasil inteiro está coberto.*¹⁴¹

O fato de não existir um critério definido para as escolhas dos clubes que participavam das edições do Campeonato Nacional, suscitava nos políticos e nos dirigentes de clubes o desejo de garantir a presença de clubes do seu estado na competição. Essa indefinição e os constantes pedidos de inclusão de novos times na competição obrigou que o governo interferisse e opinasse sobre a questão.

*O projeto de lei de autoria de Julio Viveiros (MDB-PA) que estabelece a inclusão no Campeonato Nacional de Futebol dos campeões dos certames estaduais teve manifestação contrária por parte do Ministério da Educação, que informou à Comissão de Justiça da Câmara, onde se encontra a proposição, que os critérios adotados para a inclusão dos times de futebol do Campeonato Nacional são aqueles relacionados com as condições técnicas, financeiras ou mesmo desportiva.*¹⁴²

¹⁴⁰ Jornal do Sports, 16/8/1972, Coluna Câmara – Luiz Bayer. p 4.

¹⁴¹ Jornal do Sports, 19/5/1973, Coluna Bom Dia, Nelson Rodrigues. p. 5.

¹⁴² Jornal do Brasil. dia 30/5/1973, Súmula. p. 24.

O crescimento do número de participantes no campeonato ocasionou um grande problema para Conselho Nacional de Desportos - CND: o custo. Anteriormente, antes de 1971, ano de criação do Campeonato Nacional, os clubes eram responsáveis por todos os custos, desde salários a passagens. A partir de 71, os gastos com passagens aéreas eram retirados da Loteria Esportiva e em 73 foram gastos Cr\$ 13 milhões¹⁴³ em passagens, que eram ofertadas pelo governo federal, visto que o futebol era instrumento de integração nacional.

O Campeonato de 1974 aconteceu no período anterior à Copa do Mundo da Alemanha e ficou decidido que teria a mesma quantidade de times do torneio anterior: 40. Os investimentos destinados à competição neste ano estavam reduzidos, pois era necessário utilizar o orçamento para a seleção brasileira que lutaria pelo tetracampeonato mundial na Alemanha. O aumento de clubes, ano a ano, era proporcional ao investimento disponibilizado pelo governo.

Trinta e um milhões de cruzeiros é a verba que o Conselho Nacional de Desportos vai destinar este ano aos esportes brasileiros. O plano será exposto amanhã pelo Brigadeiro Jerônimo Bastos durante a reunião daquele órgão com os presidentes de todas as Confederações do País. Pelo que sabemos, cerca de Cr\$ 10 milhões serão para a CBD e se destinam ao preparo da Seleção Brasileira para a Copa do Mundo. Os Cr\$ 21 milhões restantes são para o desenvolvimento dos esportes amadores, sendo mais de Cr\$ 5 milhões para as passagens dos clubes que disputam o Campeonato Nacional. Essa cifra é bem inferior à do ano passado, o que naturalmente leva a certeza de que não existe de agora para o futuro nenhuma possibilidade do aumento de número de clubes naquele certame.

¹⁴⁴

¹⁴³ Jornal do Brasil. 11/2/1974. p. 20.

¹⁴⁴ Jornal dos Sports. 7/2/1974. Câmara. Luis Bayer. p. 4.

Mesmo com uma eminente mudança de governo, pois Médici deixaria o cargo em março de 1974, e a tendência de uma mudança nos investimentos para o futebol, Havelange estava convicto de que deveria continuar o plano de integração nacional e de que era necessário continuar a expansão do futebol pelos diversos estados brasileiros. E mesmo, não sendo ele o presidente da CBD em 1975, o que se viu foi realmente um aumento de participantes que foi de 40 para 42.

*O Presidente da CBD confirmou ontem que este ano termina a fase experimental do Campeonato Nacional. A partir de 75, entrará em vigor um novo esquema, determinado pelas conclusões do estudo sócio-econômico-financeiro feito por uma organização especializada. O Sr. João Havelange disse que em consequência o rumo será determinado não pelo coração, mas pelos resultados do computador. "O campeão de cada Estado terá lugar assegurado. Os outros serão incluídos desde que demonstrem capacidade e desde que o Estado comporte mais de um representante. Assim, ele espera maiores arrecadações, maior desenvolvimento técnico é uma integração nacional muito mais precisa, de acordo com o Presidente Médici".*¹⁴⁵

Além dos clubes, os jogadores, também estavam na pauta do regime militar. No fim do governo Médici foram criados dois fundos que tinha a intenção de melhorar a profissão de jogador de futebol. Esses pedidos eram reivindicações que existiam desde antes da Copa de 1970 por jogadores como Pelé e Carlos Alberto Torres. A medida foi instituída pelo então Ministro da Educação Jarbas Passarinho e um mês depois da criação passou para as mãos do governo Geisel. O futebol, mas uma vez foi agraciado pelo governo Médici, mesmo que isso não tenha sido premeditado ou planejado.

O ministro Jarbas Passarinho entregou ao Presidente Médici o projeto de lei que cria, no Fundo Nacional de Desenvolvimento da

¹⁴⁵ Jornal dos Sports. 30/1/1974. Coluna Câmara. p. 4.

*Educação – FNDE – o Fundo de Assistência ao Atleta Profissional – FAAP – assegurando-lhe assistência educacional nas fases pré-profissional (amador), profissional e pós-profissional, quando for afastado da profissão. O projeto prevê, como forma de custeio do FAAP, o produto de 3% dos prêmios da Loteria Esportiva e contribuições dos atletas profissionais na base de 2% de sua remuneração mensal durante 10 meses a contar do mês seguinte ao da vinculação ao sistema.*¹⁴⁶

3.2 – Taça da Independência.

Em 1972, o Brasil comemorava os 150 anos da Independência e para essa ocasião, o governo Médici decidiu realizar diversas festividades pelo país visando a divulgação de um retorno ao patriotismo, a disciplina e sempre com o intuito de ampliar o projeto de integração nacional.

*Eventos de proporções nacionais – exaltando os esforços de integração nacional nos quais o governo se empenhava – foram previstos e realizados. Ao mesmo tempo, a festa deveria ser uma imponente evocação patriótica. Do Oiapoque ao Chuí, pessoas saíram às ruas para comemorar D. Pedro I, o príncipe da autoridade, festejando país a fora como o grande herói daquele ano. Grupos inteiros da sociedade civil manifestaram-se, querendo dar sua contribuição para aquilo que prometia ser um grandioso espetáculo cívico-patriótico; outros tantos não se ofereceram para colaborar, mas participaram, atendendo à convocação do regime para comemorar: empunhando bandeiras, portando chapéus de soldados verde-amarelos, erguendo cartazes de dizeres patrióticos, compuseram um mise-en-scène comemorativa. Outros participaram de maneira mais discreta, austera, no entanto, a recuperação da história pátria que se realizava em 1972.*¹⁴⁷

O futebol não poderia ficar de fora desta festa e aproveitando o sucesso e a repercussão do título da Seleção Brasileira de 1970, a CBD decidiu criar a Taça Independência ou Mini copa. O evento aconteceria em

¹⁴⁶ Jornal do Brasil. 8/2/1974. p. 23.

1972 e teria as mesmas regras da Copa do Mundo, organizada pela FIFA. A diferença é que as principais seleções do mundo seriam convidadas e as partidas seriam realizadas nas cinco regiões do Brasil. O intuito foi promover grandes jogos até em cidades que nunca receberam jogos da seleção de futebol.

*Torneio será uma Copa. O Sr. Abílio de Almeida voltou satisfeito da Europa, onde participou de reuniões da FIFA em que foi aprovado o Torneio Independência, que a CBD promoverá em 1972. O Diretor dos Assuntos Internacionais da CBD foi eleito membro da Comissão Organizadora da Copa de 74, na Alemanha. Disse ele que o Torneio Independência será uma realização importante com a presença das maiores seleções do mundo.*¹⁴⁸

A organização do torneio convidou as seleções da Alemanha Ocidental, Inglaterra e Itália, mas por conta do calendário europeu, elas desistiram de vir ao Brasil. Havelange viajou para a Europa no intuito de convencer as seleções a virem participar do torneio, mas recebeu a negativa pessoalmente dos dirigentes. Bélgica, Holanda e Áustria que foram convidadas posteriormente, também recusaram o convite. Apenas França, Portugal, Irlanda, Iugoslávia, Escócia, Tchecoslováquia e União Soviética aceitaram participar da Taça.

A recusa das grandes seleções enfraqueceu tecnicamente o torneio. Alguns disseram que o medo das seleções europeias era enfrentar o Brasil e serem derrotadas e outros achavam que foi a sucessão presidencial da FIFA, pois João Havelange, presidente da CBD estava em plena campanha. Mas essas hipóteses foram prontamente refutadas pela imprensa brasileira.

¹⁴⁷ CORDEIRO, Janaina Martins. *A ditadura em tempos de milagre. Comemorações, orgulho e consentimento*. Editora FGV, Rio de Janeiro, 2015. p. 10.

¹⁴⁸ Jornal dos Sports. 14/1/1971. Câmera. Luiz Bayer. p. 6.

*Uma olhadela no calendário do futebol europeu mostra que só mesmo com um sacrifício estúpido é que as principais seleções de lá poderiam vir disputar uma taça bisseria, inventada há pouco mais de um ano, quando os programas dos clubes e das seleções da Europa já estavam desde 1968. Mesmo admitindo, para argumentar, que a Inglaterra e Alemanha tivesse um tempinho para disputar a Taça da Independência, parece aceitável que os dois considerem inconveniente vir disputar um torneio internacional sem um mínimo de preparação. Afinal de contas, nós, aqui no Brasil, quando saímos a disputar qualquer taça, em qualquer lugar do mundo, sem concentrar a equipe para desintoxicação e treinamento de um mês pelo menos- quando isso ocorre, o mundo vem abaixo – todos condenam a improvisação, a precipitação. Por que, então, negar aos adversários o direito de zelar pelo seu conceito internacional. Isso está dito para argumentar, apenas, porque a grande razão do fortait inglês e alemão é, realmente, a sobrecarga do calendário deles: os alemães sairão da semifinal da Taça da Europa e possivelmente, da final, já na segunda quinzena de junho. E logo a seguir, dia 2 de julho, joga-se a última rodada do campeonato alemão, iniciando-se, aí, as férias regulamentares dos jogadores. Quanto a outra versão de que os europeus estão sabotando a candidatura do Sr. João Havelange à presidência da FIFA, francamente: o presidente Havelange, que é um tremendo político, sabe muito bem que a chance dele estaria na renúncia do Sr. Stanley Rous. No momento em que o atual presidente decidiu candidatar-se a reeleição, a vez do candidato brasileiro fica para a sucessão de 78.*¹⁴⁹

A FIFA deu todo apoio institucional para a realização da Taça no Brasil, aprovou o regulamento do torneio, mandou representantes ao Brasil para a fiscalização dos estádios e ainda prestigiou as partidas da competição. O torneio, mesmo não estando no calendário oficial da entidade foi prestigiado.

*O Presidente da FIFA regressa hoje à Europa depois de ter mantido importantes conversações com os dirigentes da CBD. Para o Sr. Stanley Rous, a Taça da Independência será de grande importância para reafirmar o prestígio da CBD. Durante o seu contato com o Vice-Presidente Sílvio Pacheco, reafirmou todo o apoio da FIFA à Mini copa, deixando os dirigentes da CBD muito satisfeitos.*¹⁵⁰

¹⁴⁹ Jornal do Brasil. 24/02/1972. Coluna Grande área. Armando Nogueira, p. 31

¹⁵⁰ Jornal dos Sports. 11/08/1971, p. 7.

Para a realização da Taça da Independência foi necessário a construção de vários estádios de futebol em diversas regiões do país. A intenção era utilizar o futebol como forma de desenvolver o projeto do governo de integração nacional, alcançando o maior número de pessoas possível. Por isso, os governos estaduais deram apoio financeiro para a construção desses estádios, o que permitiria uma divulgação de sua região e a entrada definitiva no mapa estratégico do esporte, não só em âmbitos nacional, como também internacional.

Ao todo foram utilizados 12 estádios. Os jogos da primeira fase da competição aconteceram nas regiões Norte e Nordeste, com a segunda fase acontecendo no Sul e Sudeste. Belfort Duarte em Curitiba, Maracanã no Rio de Janeiro, Fonte Nova em Salvador, Mineirão em Belo Horizonte, Morumbi em São Paulo, Beira-Rio em Porto Alegre já existiam e receberam apenas reformas. Batistão em Aracaju, Vivaldão em Manaus, Moreirão em Campo Grande, Machadão em Natal, Trapichão (Rei Pelé) em Maceió e Arruda em Recife foram construídos para o torneio. Todos com capacidade para receber grande público.

*A realização da Taça da Independência em junho-julho, em 12 estádios que variam de 50 a 200 mil lugares, foi o ponto alto da entrevista, havendo excepcional interesse pela sua disputa. Todos estavam impressionados com o elevado número de grandes estádios no Brasil e mais impressionados ficaram ao saber que a CBD terá gastos avaliados em 5 milhões de dólares e que na relação dos convidados figuram países tecnicamente menos portes do que muitos que ficaram de fora da lista. Isto para eles significa que o futebol brasileiro fez convites sem o objetivo exclusivo de garantir grandes arrecadações, e sim para oferecer um Campeonato Mundial extra, como que num teste de que poderá ser o futuro certame mundial, já que até agora são 16 concorrentes na FIFA e o Brasil reunirá 29 equipes, e se pudesse, teria os 24 projetados para o futuro.*¹⁵¹

A estimativa de custo do torneio beirava os Cr\$ 30 milhões, pois a CBD pagou cota para as equipes que participaram, custeou todas as passagens, hospedagens e hotéis, transporte pelas regiões brasileiras, além do dinheiro em prêmio que as seleções recebiam pelos resultados. A taça entregue ao campeão foi feita de ouro e era necessário pagar o imposto de renda. Havelange viajou ainda 270 quilômetros e gastou 300 horas pelo Brasil e outras partes do mundo com a organização do campeonato.¹⁵² O que se viu no fim foi um prejuízo aos cofres da Confederação, pois o torneio fracassou no público e as partidas foram de baixo nível técnico.

Já se sabe, porém que o déficit foi muito grande, mas não chega aos Cr\$ 10 milhões, conforme chegou a ser anunciado. Houve uma redução importante nos gastos e, além disso, a entidade contou com o auxílio do Conselho Nacional de Desportos.¹⁵³

O Brasil chegou à decisão do campeonato depois de empatar com Tchecoslováquia em 0x0 e vencer por 3 x 0 a Iugoslávia e 1 x 0 a Escócia. A final contra Portugal aconteceu no Maracanã, com mais de 100 mil pessoas e foi vencida pelo Brasil por 1x0, gol de Jairzinho. Como de praxe em jogos da seleção brasileira, a presença de Médici, que mais uma vez, tentou passar a sua mensagem característica, de um homem comum na presidência da República.

Como os outros, ele chegou cedo. Nervos, mudou o rádio de pilha de um ouvido para o outro 13 vezes, fumou cinco cigarros. Falou pouco, sorriu quatro vezes e deu dois socos no ar. Mas na hora do gol ele pulou como todo mundo, os dois braços levantados. E por um minuto foi só o Milito, dos idos tempos de Bagé, mas três

¹⁵¹ Jornal do Brasil. 13 e 14/12/1972, p. 22.

¹⁵² Jornal do Brasil. 11 e 12/6/1972, p. 55.

¹⁵³ Jornal dos Sports. 12/7/1972. Câmera – Luiz Bayer, p.4.

*minutos depois o Presidente Emílio Garrastazu Médici entregava a Gerson a Taça Independência. Terno cinza-escuro, camisa branca, gravata vermelha e prata o Presidente Médici chegou ainda no intervalo do Jogo Argentina e Iugoslávia...Quarenta e dois minutos e meio o Presidente pula. Os dois braços levantados. Era um torcedor simples. Igual aos 99mil que foram ao Maracanã. Mais três minutos depois representando o cargo no ato e o torcedor no abraço entregou a Gerson a Taça da Independência. E, feliz, foi um dos últimos a deixar o Maracanã. Aí foi sua vez de ser aplaudido.*¹⁵⁴

O resultado em campo foi o esperado e programado: Brasil campeão. Não importavam os prejuízos financeiros, a proposta foi alcançada, a integração nacional aconteceu com a construção de novos estádios em regiões que, até aquele momento, não tinham participações expressivas nos grandes eventos esportivos no país. Com essa configuração e a certeza de que a eleição na FIFA estava assegurada, o que se constatou é que Havelange, o idealizador do torneio, foi o grande vitorioso da Taça da Independência. E como sempre fez, dedicou essa vitória aqueles que sempre contribuíram direta ou indiretamente com seu sucesso, o presidente Médici e o ministro Jarbas Passarinho.

*Há, também, um agradecimento especial ao Presidente Garrastazu Médici, que nos acolheu quando na primeira entrevista em que relatamos todas as nossas dificuldades, os nossos problemas e também as nossas apresentações quanto ao empreendimento de organizar a Taça. Encontramos no nosso Presidente, de imediato, não apenas a compreensão, mas sim o incentivo para prosseguirmos no trabalho que tínhamos idealizado como parte dos festejos de nosso cinquentenário. O mesmo tratamento nos foi dispensado por sua Ex. o Ministro Jarbas Passarinho da Educação, que também, em todos os momentos esteve conosco. A esses homens todos, por quem temos uma total gratidão, os nossos agradecimentos.*¹⁵⁵

¹⁵⁴ Jornal do Brasil. 10/07/1972, p. 55.

¹⁵⁵ Jornal dos Sports. 18/07/1972, p. 7.

3.3 – A eleição da FIFA

Fédération Internationale de Football Association – FIFA - é a entidade máxima do futebol mundial que gere as regras e administra os torneios em todos os cinco continentes. Atualmente possui mais membros do que a Organização das Nações Unidas - ONU¹⁵⁶. A FIFA é responsável por organizar o maior torneio de seleções do mundo, a Copa do Mundo. Por esse motivo, esse cargo, extremamente político, aguçava o interesse de pessoas de todas as partes do planeta. Com João Havelange, presidente da Confederação Brasileira de Desportos – CBD, não era diferente, ele – também - queria a FIFA.

Havelange era um estrategista, pois em vários aspectos os fatos da época favoreciam a sua tentativa de assumir o maior cargo do futebol mundial. Primeiro, porque a seleção brasileira havia conquistado a Copa do Mundo de 1970 sob sua administração. Outro fator era o descontentamento da Confederação Africana, que se sentia desprezada pelo então presidente Stanley Rous, que ameaçava tirar o direito a voto de suas seleções do continente, além de sentirem-se desprestigiada financeiramente e tecnicamente.

A pretensão brasileira de presidir a Federação Internacional de Futebol Association (FIFA), manifestada ontem ao Jornal dos Sports pelo Sr. João Havelange, Presidente da CBD, talvez pareça uma tentativa de vôo muito alto na escala do esporte mundial, mas é, inegavelmente, um direito de conquista que ninguém pode negar ao futebol brasileiro. A FIFA é presidida, hoje, por Sir Stanley Ross, em seu quarto período consecutivo, também com base em razões de direito: as do prestígio, porque a Inglaterra foi o berço do futebol...A candidatura João Havelange a presidência da FIFA não é assunto novo. Já foi, levantada em anos passados, pelos mesmos motivos que a explicam agora: a liderança do futebol brasileiro. Pensou-se que, com a rebeldia do grupo africano à prolongada permanência de Stanley Ross na presidência da FIFA, abria-se campo, em 70, à indicação de outro

¹⁵⁶ A FIFA conta hoje com 211 filiados, contra 193 da Organização das Nações Unidas (ONU). Fonte Mundo Estranho Abril.

*presidente...A reação interna ao objetivo de João Havelange só pode ser integral apoio. Se o Brasil é tricampeão do mundo, adquiriu lastro de sobre para presidir a FIFA, até como reconhecimento à capacidade técnico-administrativa que êle demonstrou na Copa de 70, vencida essencialmente com arte e planejamento.*¹⁵⁷

A Confederação Sul Americana de Futebol, que representa os países da América do Sul, decidiu lançar a candidatura do brasileiro para a FIFA. A indicação de Havelange causou impacto mundial e trouxe um pouco de insegurança entre as federações, principalmente por parte de alguns países europeus que temiam a entrada de um representante de fora do velho continente. Mas, o presidente da CBD, conforme desenvolvia a sua campanha, passou a receber apoio de diversas confederações entre elas a da Alemanha, Portugal, França¹⁵⁸, Japão¹⁵⁹, Austrália, México, entre outros.

*O Sr. Havelange, conta, até o momento, com, o apoio maciço dos sul-americanos e de alguns países centro e norte americanos, destacando-se o México. De lá, de deveria sair uma candidatura rival, a do Sr. Guilherme Canedo, presidente da Federação Mexicana. Consultado, porém, pela Confederação Sul-Americana, o Sr. Canedo já respondeu oficialmente, que não será candidato e que apoiará o nome do Sr. João Havelange. Outro grupo forte que se inclina pelo nome do candidato brasileiro é o africano, exceto o bloco socialista da África que só volta de acordo com a União Soviética. Os russos, até agora, não se manifestaram sobre a candidatura Havelange. E é bem possível que continuem discretos, pois, o comando político soviético, no plano internacional, é da responsabilidade de um homem chamado Granatkin, representante da URSS na FIFA e pessoa estreitamente ligada a Stanley Rous. Seria, pois, muito importante para o Brasil, o apoio dos soviéticos pelo que eles são capazes de arrastar de todos na Europa e na África.*¹⁶⁰

¹⁵⁷ Jornal dos Sports. 11/09/1970, p.4.

¹⁵⁸ Jornal do Brasil. 14/10/1970, p.24

¹⁵⁹ Jornal dos Sports. 31/12/1971, p.12.

¹⁶⁰ Jornal do Brasil. 14 e 15/02/1971. Coluna Grande Área, p. 39.

O Torneio da Independência realizado em 1972, também foi utilizado como forma de angariar votos e apresentar para o mundo trabalho desenvolvido por Havelange no futebol brasileiro. O Jornal francês *Le Figaro* publicou matéria em seu jornal dizendo que o torneio era apenas para levantar a “bandeira de sua candidatura”.¹⁶¹ Até mesmo os jornais brasileiros destacavam isso “A pequena Copa do Mundo, a rigor, será mesmo uma grande convenção para homologar a candidatura, por sinal justa, do presidente Havelange à sucessão de Sir Stanley Rous, na presidência da FIFA”¹⁶². O governo federal, também, apoiava a candidatura de Havelange, conforme podemos constatar na declaração do então Ministro da Cultura, Jarbas Passarinho.

*Declarações do Ministro Jarbas Passarinho feitas em Brasília deixaram os dirigentes da CBD bastante satisfeitos. O Ministro da Educação falou também sobre a candidatura do Sr. João Havelange à presidência da FIFA, quando foi abordado sobre a presença da Seleção Brasileira em jogos supostamente de propaganda da referida candidatura. “Se a intenção foi tornar o presidente da CBD mais popular, acho a providência razoável. Desde que a seleção tenha contribuído de forma a trazer para o Brasil a presidência da entidade que, por todos os títulos, deve estar no Brasil e que fica em país estrangeiro porque lá nasceu o futebol. Mas agora os mestres somos nós. A sede tem que ser aqui”.*¹⁶³

Havelange teve apoio e apresentou diversas propostas que modificaram a estrutura do futebol e com isso ganhou muito adeptos. Eram elas: 1-Modificar o número de participantes da Copa do Mundo de 16 para 20 em 1978 e para 24 em 1982, com a criação de estádios com a capacidade de 50 a 100 mil espectadores; 2- Criar a Copa do Mundo Juvenil; 3 - Construção de uma nova sede para a FIFA; 4 e 5– Auxiliar as federações menos favorecidas com materiais esportivos e na construção de estádios; 6 – Intensificar cursos para árbitros, médicos, preparadores, entre

¹⁶¹ Jornal do Brasil. 13/06/1972. Coluna do Zózimo, p.3.

¹⁶² Jornal do Brasil. 31/071970. Na grande área, p. 23.

outros; 7 – Contratar esses mesmos profissionais para ministrarem cursos em países menos desenvolvidos e 8 – Criar a Copa de Clubes Intercontinentais, com a presença da Europa, África, Ásia e América do Sul.

Em 11/6/1974, dois dias antes da abertura da Copa do Mundo de 1974, João Havelange foi eleito presidente da FIFA cargo que exerceu até 1988. Nesse período aconteceram muitas mudanças no futebol mundial, algumas positivas outras negativas. Os jornais da época comemoraram essa vitória de Havelange, como sendo mais um resultado positivo conquistado pelo futebol e pelo povo brasileiro. Ernesto Geisel, novo presidente do Brasil, mandou um telegrama: “Apraz-me cumprimentá-lo por sua brilhante vitória na eleição para Presidente da FIFA, acontecimento de alta significação para o Brasil”.¹⁶⁴

*A primeira grande jogada da Copa foi ganha, de forma sensacional, pelo Brasil. Nosso candidato, o candidato do grupo sul-americano com o apoio de vários países da África, da Ásia, e até a Europa, está eleito Jean Marie Faustin Godefrois Havelange é o novo presidente da FIFA. É o primeiro dirigente não europeu que chega a esse cargo. Imagino o clima de expectativa e ansiedade que se formou durante as eleições. Segundo os despachos telegráficos, um jornalista brasileiro pensou que já havia terminado o escrutínio, após a primeira votação, e começou a chorar. João Havelange foi abordado por jornalistas e delegados depois da apuração, foi empurrado e, na confusão, perdeu os óculos e quase caiu.*¹⁶⁵

3.4. A Copa do Mundo de 1974.

A décima edição da Copa do Mundo organizada pela FIFA aconteceu na Alemanha Ocidental, no ano de 1974. A participação da seleção brasileira, atual tricampeã do torneio em 1970 no México, estava cercada de bastante expectativa e otimismo.

¹⁶³ Jornal do Sports. 25/10/1973. Coluna Câmera. Luiz Bayer, p. 4.

¹⁶⁴ Jornal dos Sports. 03/06/1974, p.12.

¹⁶⁵ Jornal dos Sports. 12/06/1974, p. 2.

*E o Brasil já começa a se preparar para a Copa de 74. Neste mês, coma viagem de Zagalo, Admildo Chirol e Lídio Toledo à Alemanha, o Brasil começa a se preparar definitivamente para tentar a conquista do tetracampeonato mundial de futebol.*¹⁶⁶

A seleção brasileira de futebol manteve Zagalo como treinador, o que remetia à memória do futebol apresentado na copa anterior. A imprensa, a torcida, as autoridades, todos, esperavam que a seleção apresentasse o mesmo estilo de jogo do tricampeonato. Isso era improvável, pois já não contava com Pelé (que tinha desistido de jogar na seleção, mesmo com insistentes pedidos de João Havelange), Tostão e Gerson, ícones daquela geração. O futebol europeu apresentava um novo estilo de jogo diferente do brasileiro, com novos esquemas táticos, o que dificultava o Brasil, que ainda apresentando o mesmo repertório de 1970.

Antes da viagem para a Alemanha, a seleção realizou amistosos no Maracanã no Rio de Janeiro, em São Paulo no Morumbi e em Brasília no Mané Garrincha. O Brasil empatou com o México (1 x 1), com a Grécia e a Áustria (0x0), venceu a Tchecoslováquia (1x0), Romênia (2x0), Haiti (4x0), Bulgária (1x0), Irlanda (2x1) e Paraguai (2x0). Embora a seleção não tenha perdido nenhuma partida, os resultados não convenceram a torcida. Os jogadores brasileiros deixaram o Brasil debaixo de muita desconfiança.

*69 dias de treinos, vaias e repetição do esquema do México. A Seleção Brasileira termina, hoje, após 69 dias, a primeira fase de preparação para a Copa do Mundo e uma é certa: se não vai viajar para a Alemanha inteiramente desacreditada como Zagalo queria, pelo menos partirá sem o excesso de otimismo da torcida.*¹⁶⁷

¹⁶⁶ Jornal dos Sports. 31/01/1973, p. 8.

¹⁶⁷ Jornal do Brasil. 12/5/1974, p. 42.

Os resultados insatisfatórios trouxeram problemas para o comando do futebol brasileiro. A imprensa começou a divulgar que assim como João Saldanha, que foi demitido antes da Copa de 1970, Zagalo, também não estaria comandando a seleção na Alemanha. Os boatos foram tão fortes que houve a necessidade da CBD ratificar seu apoio ao treinador.

*Perturbação. Para o Sr. Antônio de Passos, as notícias de caráter especulativo podem prejudicar os trabalhos de preparação da Seleção Brasileira para a Copa do Mundo. O Presidente da Comissão Técnica se referiu sobre as informações relacionadas com o suposto afastamento de Zagalo e a sua substituição por Osvaldo Brandão. “Isso não tem o menor fundamento. Ninguém pensou em tamanho absurdo. E a imaginação maldosa já em funcionamento com objetivos que naturalmente não podem beneficiar o nosso trabalho. Zagalo, queiram ou não, é o técnico da Seleção Brasileira e o será até o final da Copa do Mundo. Não adianta especular porque todos nós da Comissão Técnica estamos tranquilos e convictos do trabalho que vem sendo realizado”.*¹⁶⁸

O governo militar continuava participando “indiretamente” e acompanhando de perto tudo o que acontecia na seleção brasileira. A delegação e a comissão técnica continuavam tendo a presença de diversos personagens ligados aos militares. O Coronel Eric Tinoco diretor do MEC foi escolhido como chefe da delegação na Copa para substituir o Brigadeiro Jerônimo Bastos.

O Coronel Eric Tinoco Marques, atual diretor do Departamento de Educação e Desportos do MEC, será chefe da delegação da Seleção Brasileira que disputará o Campeonato Mundial de Futebol, na Alemanha, pois aceitou o convite formulado pelo presidente CBD, João Havelange. A escolha da chefia da delegação brasileira vinha preocupando o Sr. João Havelange desde que o Brigadeiro Jerônimo Bastos, presidente do CND, não pode aceitar, por motivos particulares, a sua indicação para o cargo que ocupou em 1970 quando o Brasil conquistou o campeonato do México...Além de atual diretor do Departamento

¹⁶⁸ Jornal dos Sports. 04/04/1974. Coluna Câmara. Luiz Bayer, p. 4.

*de Educação e Desportos do MEC foi membro do Conselho Nacional de Desportos e do Comitê Olímpico Brasileiro. Já foi o comandante da Escola de Educação Física do Exército.*¹⁶⁹

A comissão técnica que viajou para a Copa da Alemanha contava com vários membros da edição anterior. Estava presente Antônio de Passo (presidente), coronel Eric Tinoco Marques (vice-presidente e chefe da delegação e Chefe da Delegação), major Carlos Alberto Cavalheiro (supervisor), Zagalo (treinador), Drs. Lídio Toledo e Mauro Pompeu Brasil (médicos), Carlos Alberto Parreira, capitão Claudio Coutinho, capitão Raul Carlesso e Admildo Chirol (preparadores físicos), Mário Américo (roupeiro), Nocaute Jack (massagista), José de Almeida e Tasso Herédio de Sá (coordenadores administrativas), Sebastião Alonso (tesoureiro) e Ricardo Serran e Oduvaldo Cozzi (relações públicas). Além de todo o quadro diretivo da Confederação Brasileira de Desportos.

Os jogadores convocados por Zagalo agradaram a torcida e os cronistas esportivos. Os relacionados para a Copa do Mundo foram jogadores que frequentemente eram relacionados para disputar partidas amistosas pela seleção. Eram eles: Leão, Wendell, Renato (goleiros), Nelinho e Zé Maria (laterais direito), Luís Pereira, Alfredo, Marinho, e Piazza (zagueiros), Marinho e Marco Antonio (laterais esquerdos), Valdomiro, Clodoaldo, Ademir da Guia, Rivelino, Paulo César, Paulo César Caju, Leivinha, Jairzinho, César, Dirceu e Edu.

Em comparação com algumas convocações anteriores, pode-se que a relação divulgada ontem pela Comissão Técnica da CBD preencheu da melhor forma os requisitos básicos dos cronistas esportivos e dos próprios torcedores. Não houve surpresas. E assim, a lista de convocados foi muito bem aceita. Mesmo sem confirmar as diversas convocações especulativas de parte da imprensa, a Comissão Técnica desta vez ficou isenta de críticas, pelo o que foi observado, na sede da CBD, ontem à tarde. E até

¹⁶⁹ Jornal do Brasil. 21/2/1974, p. 25.

mesmo na rua a lista foi aprovada , pelos inúmeros torcedores, tão logo tinham conhecimento da relação oficial. ¹⁷⁰

Em março 1974, o Brasil era governado pelo general Ernesto Geisel, que diferentemente de seu antecessor general Médici e conforme testemunham seus auxiliares diretos “conhece futebol e é bem informado a respeito, mas torce com moderação” ¹⁷¹ O presidente não era visto em jogos, nem palpitava nas escalafões ou convocações de jogadores, mas estava atento ao que acontecia no futebol brasileiro, visto a presença de pessoas ligadas ao regime em alguns ambientes destinados a seleção¹⁷². João Havelange manteve a tradição de contar com a presença do presidente nas tribunas de honra dos estádios de futebol, mas Geisel, refutava o convite.

O presidente Ernesto Geisel agradeceu ao Sr. João Havelange, presidente da CBD, om convite que lhe foi formulado para assistir ao jogo de domingo entre o Brasil e o México, no Maracanã, mas explicou que não poderá comparecer devido a uma série de compromissos neste Capital. ¹⁷³

A primeira aparição do presidente em uma partida da seleção brasileira foi contra o Haiti. O jogo fazia parte da abertura das Olimpíadas do Exército e inaugurava o Estádio Governador Hélio Prates de Silveira, em Brasília e foi um amistoso preparativo para a Copa do Mundo. No fim, vitória de 4 x 0 do Brasil. O resultado não foi o determinante do confronto, pois o adversário não tinha tradição esportiva. O que se percebeu, mais uma vez é que o futebol e a seleção brasileira estavam na pauta de prioridades do regime militar.

¹⁷⁰ Jornal do Sports. 19/2/1974, p. 3.

¹⁷¹ Jornal do Brasil. 4/7/1974, p. 17.

¹⁷² Jornal do Brasil. 9/4/1974, p. 23.

¹⁷³ Jornal do Brasil. 30/03/1974, p. 24.

Inaugurando as Olimpíadas do Exército, as Seleções do Brasil e Haiti jogam hoje, à noite, a partir das 21 horas, com portões abertos para o público no novo e ainda não acabado Estádio Governador Hélio Prates da Silveira, cuja atual capacidade é de 60 mil expectadores. Em sua primeira apresentação na Capital Federal, a Seleção Brasileira contará com a presença, na Tribuna de Honra, do Presidente Ernesto Geisel. Vários desfiles de atletas, colégios e Forças Militares, precederão o amistoso internacional que faz parte do programa de treinamentos do Brasil Mundial da Alemanha. Todas as cerimônias que marcarão a abertura das Olimpíadas do Exército serão televisionadas diretamente de Brasília, esta noite, para todo o País, dando chance ao torcedor brasileiro de ver, não só mais um jogo-treino da sua Seleção, mas também a perfeita organização da mais importante disputa do esporte amador no Brasil.¹⁷⁴

Além dessa aparição, o presidente Geisel recebeu os jogadores e a comissão técnica no Palácio do Planalto em Brasília. A recepção fazia parte de uma tradição, pois sempre antes da seleção brasileira de futebol viajar para participar da Copa do Mundo recebia os cumprimentos do chefe de governo brasileiro, que pediu disciplina e o título.

Manutenção da excelência do preparo físico, da disciplina e da coesão como condições essenciais para o êxito da campanha da Copa do Mundo na Alemanha – foi o que o Presidente Geisel recomendou ontem aos jogadores da Seleção Brasileira que o visitaram no Palácio do Planalto. Acrescentou o Chefe do Governo, em encontro informal em seu gabinete, depois de cumprimentar a todos os jogadores da Seleção Brasileira que o visitaram no Palácio do Planalto. Acrescentou o Chefe do Governo, em encontro informal em seu gabinete, depois de cumprimentar a todos os jogadores e dirigentes, que a Seleção podia seguir tranquila sua viagem, certa de que a “retaguarda aqui estará para apoiar-los e acompanhá-los na torcida, vibrando, sentindo e aplaudindo –lhes o êxito”...Com o Presidente Geisel estavam os Chefes dos Gabinetes Civil e Militar, Ministro Golbery do Couto e Silva e General Hugo de Andrade Abreu, mais o Chefe do SNI, General João Batista Figueiredo, e Ministro Nei Braga, da Educação...O Presidente da República dirigiu-se então aos jogadores, com as seguintes palavras: - Esta Seleção, certamente, é a melhor do Brasil no momento. Houve uma série de jogos-testes, e vocês são o grande resultado de um trabalho de observação técnica. Quero frisar a nossa confiança pelo esforço de todos vocês, que terão uma luta bastante árdua, enfrentando

¹⁷⁴ Jornal dos Sports. 21/4/1974, p. 12.

*equipes de grande valor. Estamos certos, porém, de que não faltará o esforço comum para que seja alcançando o melhor resultado. O Presidente Geisel pediu então para dar-lhe três conselhos, baseado em sua experiência pessoal. Acrescentou: A base primeira do êxito de vocês é o preparo físico, que está muito e deverá continuar assim, Em segundo, deve ser mantida a disciplina, e finalmente, a coesão, em detrimento do individualismo prejudicial. – Só a coesão de todos – prosseguiu aliada às habilidades individuais de cada um, produzirá, o resultado desejado. Sigam confiantes porque a retaguarda aqui estará para apoiá-los. Vamos vibrar, sentir e aplaudir o que vocês fizeram. Sejam felizes.*¹⁷⁵

O ministro da Educação e Cultura Nei Braga, também, estava acompanhando os caminhos traçados pela direção da seleção brasileira e participou ativamente com reuniões e visitas antes da viagem da delegação para a Alemanha. No dia 28/3/1974 recebeu em seu gabinete a direção da CBD, composta por João Havelange, Antônio de Passo, Abílio de Almeida e Eric Tinoco e no dia 29/3/74, o presidente do CND Jerônimo Bastos e o Coronel Otávio Teixeira, diretor-substituto do DED/MEC.

No dia 9/4/1974, o ministro esteve na concentração da seleção no Retiro dos Padres no Rio de Janeiro e na oportunidade conversou com os jogadores e a comissão técnica, deixando uma impressão de “otimismo e cordialidade”¹⁷⁶ Outro que manteve seu papel de acompanhante e participante fiel da seleção brasileira de futebol foi o brigadeiro Jerônimo Bastos presidente do Conselho Nacional de Desportos CND.

Meus caros amigos da Seleção Brasileira de Futebol: Ao ser iniciado o X Campeonato Mundial de Futebol, quando caberá a vocês a nobre e árdua tarefa de defender o glorioso título de Tricampeões do Mundo, cumpro meu dever enviando –lhes minha mensagem de incentivo, minha palavra de fé e de confiança, minha certeza, mais do que esperança, de que cada um de vocês saberá cumprir condignamente a honrosa missão que lhes foi confiada. Evoco a inesquecível jornada de 1970, no México, quando tive a ventura de chefiar a briososa delegação campeã, que deu ao mundo exemplo de altivez desportiva, de disciplina, de supremacia técnica, reflexos do alto nível em que, felizmente, já se

¹⁷⁵ Jornal do Brasil. 17/5/1974, p. 23.

¹⁷⁶ Jornal do Brasil, 10/4/1974, p. 24.

*situam os desportos em nosso País. Circunstâncias especiais impediram-me de acompanhá-los nos campos da Alemanha, mas na qualidade de Presidente do Conselho Nacional de Desportos, aqui estou em comunhão de sentimentos, com todos os brasileiros, vivendo com vocês todas as emoções e peripécias desse ingente confronto de técnica, tática e aptidão física de nossos valorosos atletas com os dos países mais avançados nas Ciências e Tecnologia. Que Deus inspire à todos no esforço adequado à supremacia do nosso desporto, durante o qual todos os brasileiros estarão presentes em espírito, como incentivo à atuação de cada um, em que depositam inteira confiança.*¹⁷⁷

O Brasil viajou para a Alemanha no dia 16/5/1974 e a manchete do *Jornal dos Sports* mostrava o clima que a imprensa colocou em torno da participação da seleção no Mundial “Seleção embarca, às 22h. Vai Começar a guerra da Copa”. A estreia aconteceu no dia 13/6/1974, contra a seleção da Iugoslávia, o placar foi decepcionante um 0 x 0 e diferentemente do que aconteceu durante todos os jogos na Copa de 70, a delegação não recebeu, ao fim do jogo, a ligação do presidente. Afinal, Médici não estava mais no poder e Geisel mantinha apenas uma diplomacia inerente ao cargo que exercia.

*O Presidente Ernesto Geisel ontem telegrafou ao Sr. João Havelange, cumprimentando-o pela eleição para a presidência da FIFA, assistirá o jogo Brasil e Iugoslávia na Granja do Riacho Fundo, acompanhado apenas de seus familiares.*¹⁷⁸

A segunda partida 0x0 com a Escócia, foi mas um resultado decepcionante. O Brasil corria o risco de ficar de fora das semifinais e jogava um futebol abaixo da expectativa; afinal, como o atual campeão podia estar tal mal? Por sorte, na última rodada enfrentou uma seleção estreante e com pouca experiência mundial, a africana do Zaire. No fim vitória por 3x0 com gols de Rivelino, Jairzinho e Valdomiro e a classificação para a outra fase.

¹⁷⁷ *Jornal dos Sports*. 13/06/1974, p. 8.

O presidente eleito da FIFA Sr. João Havelange, foi recebido ontem pelo Presidente Geisel, a quem fez um relato sobre a situação da Seleção Brasileira na Alemanha, acentuando o clima de coesão e disciplina dos jogadores, além de agradecer ao Chefe do Governo pelo telegrama sobre sua recente eleição para a presidência da entidade internacional. Acrescentou o dirigente que ainda anteontem manteve um contato telefônico com os Srs. Antônio do Passo e Eric Tinoco, e eles lhe garantiram que o espírito dominante entre os jogadores da Seleção Brasileira é o da vitória, que tudo estava transcorrendo bem e que o Brasil chegaria às finais da Copa do Mundo.¹⁷⁹

Havelange estava satisfeito com o desempenho do Brasil na Copa, embora não pudesse expressar uma opinião contundente, afinal representava todas as seleções do mundo, como presidente da FIFA. Mas isso não impedia o seu relacionamento com a alta cúpula do governo militar. Antes da fase final do Mundial da Alemanha esteve no Brasil e comentou seu encontro com o presidente Geisel, que continuava apoiando a seleção brasileira.

Estou muito feliz pela campanha da Seleção Brasileira. Espero e acredito que chegue à final, porque já fez por merecer pelo trabalho que se realizou e pela alma com que estão lutando os nossos jogadores...Fiquei emocionado com a acolhida que me dispensou o Presidente da República. Foi um encontro do qual guardarei as melhores recordações. O Presidente é um grande amigo dos esportes e estou muito feliz, assim, como todo o esporte brasileiro. Repito que foi um encontro que me emocionou. O Presidente Geisel conhece os problemas dom esporte e isso significa que o esporte continuará desfrutando do seu apoio, sempre importante, e do qual não podemos prescindir jamais, por parte do Governo do País.¹⁸⁰

Na semifinal, o Brasil enfrentou a Alemanha Oriental e venceu por 1x0, com gol de Rivelino. O resultado trouxe esperança e expectativa para a imprensa e a torcida brasileira. Pela primeira vez em campos alemães,

¹⁷⁸ Jornal do Brasil. 13/06/1974, p. 22

¹⁷⁹ Jornal do Brasil. 26/6/1974, p. 21.

¹⁸⁰ Jornal dos Sports. 03/07/1974. Câmara. Luiz Bayer, p.4.

apareceu o futebol da seleção tricampeã, renovava-se a esperança pelo título.

A segunda partida foi contra a rival da América do Sul, a Argentina, mais uma vitória 2 x 1, gols de Rivelino e Jairzinho, que colocava o seleção Brasileira a uma vitória da grande final.

O adversário no terceiro jogo foi à Holanda, que era considerada a sensação da competição, chamada de “Laranja Mecânica” e comandada pelo grande astro Johan Crujff. O Brasil não resistiu ao melhor futebol dos europeus e perdeu por 2 x 0 ficando de fora da final da Copa do Mundo. O sonho do tetracampeonato mundial chegava ao fim. A decepção foi grande e a Confederação Brasileira preocupada com a recepção que a torcida daria aos jogadores e a comissão técnica, na sua chegada ao Brasil no dia 9/07/1974, preparou um forte esquema de segurança, coordenado pela polícia. No fim, o que se viu foi uma recepção calma e tranquila, tanto no Rio quanto em São Paulo, a seleção não empolgava, nem revoltava mais a torcida.

O forte esquema de segurança montado para proteger o desembarque da Seleção Brasileira, ontem, no Galeão, foi praticamente inútil. Os jogadores e a Comissão Técnica foram recebidos por pouco mais de 50 torcedores, todos muito calmos, interessados apenas em distribuir abraços e recolher autógrafos. Mas tanto abraços quanto autógrafos foram raros...Ao todo jogadores e demais membros trouxeram 350 volumes (quase duas toneladas) de bagagem e não foram recebidos por qualquer autoridade federal ou estadual. Apenas por alguns familiares e pelo zagueiro Brito, campeão do Mundo em 1970, no México.¹⁸¹

Na volta ao país, Havelange precisou lidar com diversas acusações contra a administração financeira dos recursos destinados pelo governo à Confederação para serem usados na Copa do Mundo de 1974. Diversos setores da sociedade, principalmente políticos cobravam a prestação de

¹⁸¹ Jornal do Brasil. 10/07/1974, p. 24.

contas dos gastos. No fim, o ex-presidente da CBD apresentou o resultado, mais a sua relação com o regime militar estava abalada.

*Segundo o Presidente da FIFA, o que se tentou fazer contra ele e contra a própria CBD foi criar um clima de incerteza e desconfiança perante a opinião pública, com a divulgação de que a CBD teria gasto com a Copa-74 uma quantia aproximada de Cr\$ 35 milhões, o que segundo ele, não corresponde a verdade dos fatos, de modo algum. – Infelizmente ainda acontece coisas desse tipo em nosso País. Informações imprecisas e tendenciosas como estas, onde se pode perceber perfeitamente um fundo de falsidade e inverdades, só podem ter como objetivo nos incompatibilizar com os torcedores e com as próprias autoridades. Mas uma coisa quero deixar bem claro: a nossa prestação de contas para com o Governo, por intermédio do CND, será exclusivamente em torno da verba que recebemos, que foi Cr\$ 10 milhões.*¹⁸²

O ministro Nei Braga, assim que terminou a Copa do Mundo de 1974 exigiu mudanças no futebol brasileiro. Na pauta das discussões estava a participação da seleção no mundial, a reformulação do campeonato nacional e a realização dos jogos Pan-Americanos de São Paulo. Na mesa de reuniões participaram o presidente da CND Jerônimo Bastos e o chefe da delegação na Alemanha Eric Tinoco Marques. A intenção do governo era modificar profundamente o esporte brasileiro.

*Cumprimento a Seleção que chega, dirigentes e atletas. Sei que tudo fizeram mais uma vez para trazer a Copa para o Brasil. Não foi possível. Outros países tiveram uma sorte, e também, apresentaram um grande futebol. Cabe-nos receber com humildade a eliminação que nos coube e tirar lições do acontecido. Todos estamos tristes com o resultado, mas sabemos que enfrentamos adversários cuja evolução no futebol foi quase inacreditável. Uns ganham, outros perdem, mas não cabe desestímulo, descrença: cabe-nos, isso sim, tirar desse campeonato os ensinamentos que trouxe...Não cabe ao Ministro, é lógico, a direção do futebol. Cabe entretanto, a palavra de conforto e as sugestões que se fizeram necessárias para o aprimoramento das estruturas desse esporte que é profundamente popular.*¹⁸³

¹⁸² Jornal dos Sports. 20/07/1974, p. 3.

O governo decidiu criar um órgão com a intenção de controlar o esporte brasileiro, desde o amador ao profissional. A proposta de um “mini-ministério” ligado ao Ministério dos Esportes e Cultura teve o objetivo de decidir os calendários esportivos, distribuir a verba destinada pelo governo, punir, premiar e intervir em qualquer associação. Segundo discurso do governo a intenção do órgão não era intervir e sim ordenar o esporte brasileiro, pelo menos esse era o discurso.

Ao confirmar ontem a criação de um órgão centralizador do esporte, e um fundo esportivo autárquico, Néelson Melo e Souza, presidente do Grupo de Trabalho designado pelo Ministério da Educação, disse que a primeira preocupação do Ministro Nei Braga é saber onde e como foram aplicados os Cr\$ 300 milhões recebidos da Loteria Esportiva, nos últimos anos. – Na verdade, a criação de um órgão faz parte do processo que elaboramos e entregamos ao Ministro. Ele funcionará como um setor ordenador, capaz de distribuir a verba, orientar na sua aplicação e exigir resultados. Mas, intervir, não.¹⁸⁴

Embora na mesma matéria, o representante do Ministério contradizer o seu discurso de não intervenção.

Dar condições aos clubes, para que melhorem suas praças esportivas e conseqüentemente seus atletas é uma das prioridades do Grupo, que considera este o problema fundamental para a preparação da Juventude. – O Brasil tem milhares de clubes. É dinheiro do povo. Portanto, vamos pensar neles, dando-lhes condições e orientação, mas cobrando os resultados. Quem não mostrar que usou bem a verba estará cortado.¹⁸⁵

Até mesmo a CBD, que era um órgão particular, devia respeitar as novas regras instituídas. Coronel Olavo Teixeira, Coronel Erica Tinoco e o

¹⁸³ Jornal do Brasil. 11/07/1970, p. 26.

¹⁸⁴ Jornal do Brasil, 16/08/1974, p.24.

¹⁸⁵ Idem 184.

Brigadeiro Jerônimo Bastos foram os responsáveis por montar essas diretrizes. O futebol brasileiro estava, agora, mas do que nunca militarizado, disciplinado e a seleção brasileira, também estava no programa.

*Pretende o novo órgão controlar de forma indireta, a Seleção Brasileira tornando-a um complemento dos clubes de um modo geral e não o veículo da falência destes. Assim o Selecionado obedecerá a um critério de trabalho do qual ninguém saíra prejudicado...Diz Eric Tinoco que muitos dos itens acrescentados no Plano do novo órgão se originaram em fatos que testemunhou na Seleção Brasileira que disputou o Mundial na Alemanha. Ele acha que “certas coisas não podem acontecer novamente, pois representam um mau exemplo para a juventude”.*¹⁸⁶

Havelange, eleito presidente da FIFA, decidiu não mais continuar a frente da CBD e oficializou sua saída para o Ministro Nei Braga, embora a Confederação fosse uma entidade particular e não pública, o político Havelange precisava da “benção” do governo.

*- Falei ao Ministro Nei Braga da impossibilitada de continuar acumulando as duas presidências pois, além de ficar de fora do Brasil por longo tempo, a posição que ocupo na FIFA não permitiria uma trabalho melhor. Fiz questão de dar ciência ao Ministro, não só porque ele é a maior autoridade do esporte como, também, porque somos velhos amigos.*¹⁸⁷

A sucessão da CBD desde o início teve a presença do governo, como afirmou João Havelange “Logo que o Ministro – revele o nome do candidato eu levarei sua indicação à Federação Metropolitana de Natação, para que está oficialize a candidatura.”¹⁸⁸ O presidente da Federação de Futebol de Brasília Wilson Andrade decidiu concorrer ao cargo na CBD, mesmo sabendo que não era a opção do regime.

¹⁸⁶ Jornal do Brasil. 13/08/1974, p. 22.

¹⁸⁷ Jornal do Brasil, 22/11/1974, p. 24.

¹⁸⁸ Jornal do Brasil, 04/12/1974, p. 26.

*Corajoso, exibicionista ou ingênuo? Essas são as perguntas que Wilson Andrade, presidente da Federação de Futebol de Brasília, passou a responder, desde que ontem a tarde, deu entrada na CBD com seu pedido de registro para disputar as eleições da entidade, contra o Almirante Heleno Nunes hoje apontado com candidato do governo. – Não sou candidato de oposição ao Almirante Heleno Nunes. Sou apenas uma opção. Afinal de contas, nem todos devem estar certos que o candidato já lançado e apoiado pelo MEC é a melhor solução.*¹⁸⁹

Antes mesmo da eleição, Wilson de Andrade retirou a sua candidatura depois de uma conversa com João Havelange em Porto Alegre. Heleno Nunes, assim, era candidato único na eleição da CBD e assumiu o cargo em 1975.

*- O “doutor” Havelange me convenceu de que não seria bom candidatar-me contra um home do Governo. Eu não poderia ficar alheio aos seus apelos e razões. Resolvi retirar minha candidatura e inclusive apoiei o Almirante Heleno Nunes – explicou Wilson de Andrade. E para confirmar o que disse, lançou um manifesto datilografado em duas laudas em que defendeu com todas as forças o nome de Havelange salientando que “a indicação de Heleno Nunes não se revestiu de aspectos intervencionistas”.*¹⁹⁰

No mesmo manifesto confirmou que o Ministro Nei Braga participou efetivamente da sucessão.

*Não achamos correta a tentativa de envolvimento do Sr. Ministro Nei Braga no episódio sucessório, pois como homem público da mais alta expressão, com uma apreciável bagagem de serviços prestados ao país, ele não iria negar o seu passado e desservir o esporte nacional agora.*¹⁹¹

¹⁸⁹ Jornal do Brasil, 11/12/1974, p. 25.

¹⁹⁰ Jornal do Brasil, 26/12/1974, p. 24.

¹⁹¹ Idem 190.

Com a eleição de Heleno Nunes começaram as mudanças esportivas. O Campeonato Nacional, organizado pelo CBD, continuava a aumentar o número de clubes. A frase “onde a ARENA vai mal, mais um time no Nacional” ficou famosa depois das eleições de novembro 1974. E o campeonato em 1975, o primeiro depois da copa teve 42 clubes.

O almirante Heleno Nunes declarou ao Jornal do Brasil que o próximo Campeonato Nacional terá 42 clubes, e que, embora o problema esteja nas mãos do diretor de Futebol, Andre Richer, deixou ao Ministro da Educação, Sr. Nei Braga, a decisão para a escolha do último convidado. – Na realidade, este Campeonato ficou totalmente desvirtuado, deixando de ser uma competição esportiva para tornar-se uma disputa política. Esta herança, herdada pelo Ministro Nei Braga e por nós, deixa-nos em uma situação bastante delicada – disse Heleno Nunes.¹⁹²

O futebol depois da Copa de 1974 foi pautado pelo governo militar que interferiu até onde pode e enquanto esteve no poder, seja politicamente ou mesmo esportivamente, alavancando sua popularidade e seus projetos.

¹⁹² Jornal do Brasil, 12/03/1975, p. 24.

CONCLUSÃO

Como afirma o jornalista esportivo da *Entertainment and Sports Programming Network* – ESPN - Mauro Cesar Pereira “Futebol é a maior invenção do homem”, talvez essa seja uma frase vazia e sem sentido, afinal, o planeta terra possui muitos objetos que foram criados e transformaram a vida das pessoas. Mas ao olhar o futebol, e tudo o que movimenta temos que concordar que mexe com interesse do coletivo.

A FIFA divulgou que a Copa do Mundo de 2014 foi assistida por 3,2 bilhões de telespectadores espalhados em todas as partes do planeta. Esses números comprovam a adesão e a interação existente entre público e o esporte, ratificando a sua grande popularidade. O futebol não é apenas um entretenimento que passa na televisão domingo á tarde, ou às quartas-feiras a noite, não é apenas o chutar a bola para o seu filho em uma praça ou na praia, e mais do que isso, e mexer com o imaginário, com nossas próprias reflexões e ideologias.

Mais do que nossas ciências políticas, econômicas, filosóficas e sociais; mais do que a nossa arte e literatura; o futebol é que tem proporcionado à área privilegiada por onde passam os temas do nosso destino futuro enquanto jornada popular e esperançosa...Pois no futebol (e nos eventos esportivos em geral), temos a oportunidade clara e concreta de passar de um código ideológico para um código visual. Auditivo, tátil corporal e de odores, totalizando a própria experiência humana.¹⁹³

Eu, como um apaixonado por futebol, que decidi cursar a faculdade de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, para ficar mais próximo e familiarizado com o esporte, me incluo nessa gama de torcedores que vivem esse sentimento diariamente.

¹⁹³ MATTA, Roberto da. *Universo do Futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek. 1982.

Realmente o futebol foi tema de interesse do regime militar durante os anos em que esteve no poder. Podemos notar a efetiva participação dos ministérios e do próprio chefe do governo em decisões importantes que mexiam com o planejamento do esporte no Brasil. Mas usar o futebol como mecanismo do regime sempre foi o planejado? Não. E respondo com dois ditados populares: “unir o útil ao agradável” e “juntar a fome com a vontade de comer”.

O futebol já era agente participante da sociedade brasileira, desde antes dos militares. A Copa do Mundo de 1950, foi prova disso: o Brasil não era governado por generais, mais movimentou a paixão e o imaginário de toda a sociedade. A sua influência e afinidade com a população vai além de conceitos ideológicos, sociais, econômicos e principalmente políticos. O regime percebeu isso e apenas colocou em prática a sua posição de governança, aproveitando o que o futebol dispunha como instrumento mobilizador de massa, carimbando a sua presença e marcando os seus conceitos ideológicos.

No fim, o futebol cumpriu a pauta do governo militar, e mesmo indiretamente, serviu para legitimar as ações do regime. A fama, sucesso e paixão do brasileiro pelo esporte serviram como estopim perfeito e legítimo. O que podemos perceber é que os militares aproveitaram a oportunidade e o sucesso esportivo para angariar seguidores e legitimar a sua filosofia. Sem cerimônia, muitas vezes sorrateiramente e silenciosamente, mas eficaz e imponente.

Os militares, não estão no poder a mais de 50 anos, hoje vivemos em uma democracia e o futebol é o futebol, ele por si só tem o poder gerador de mover massas e ideologias, não importando a sua raça, crença, poderio financeiro ou militar. Essa paixão nacional continua, ainda hoje, mexendo com a vida social do brasileiro e continuara por muitos anos. Não importando o regime ou ideologia política.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ARAÚJO, Maria Paula. SILVA. Izabel Pimentel e SANTOS. Desirée dos Reis. **Ditadura militar e democracia no Brasil : história, imagem e testemunho** - 1. Ed. – Rio de Janeiro : Ponteio, 2013

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer: Futebol, Política e Identidade Nacional**. Rio de Janeiro: Mauad. 2002.

BARROSO, Raphael Graciano e COUTINHO, Renato Soares. **No Campo do adversário: Futebol e Identidade Nacional nos anos de 1960**. Revista Eletrônica Novo Enfoque, 2013.

CHAIM, Anibal Renan Martinot. **A Bola e o Chumbo: Futebol e Política nos anos de chumbo da Ditadura Militar Brasileira**. São Paulo: 2014

CHIRIO, Maud. **A política nos quarteis**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011

CORDEIRO, Janaina Martins. **A ditadura em tempos de milagres: comemorações, orgulho e consentimento**. Rio de Janeiro: FGV. 2015.

COSTA, Ana Beatriz e MALCHER, Maria Ataíde. **Futebol e Identidade Nacional**. UFPA, 2010

DA MATTA, Roberto. **Exploração: Ensaios de Sociologia Interpretativa**, Rio de Janeiro, Rocca, 1985

DA MATTA, Roberto (org.). **Universo do Futebol**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

FRANZINI, Fábio. **Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)**. Rio de Janeiro. DP&A, 2003.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil Republicano. Vol.2**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

FICO, Carlos. **Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar**. Revista Brasileira de História. 2004.

FILHO, Mário. **Negro no Futebol Brasileiro**. 2ª ampliada. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

GASPARI, Elio. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras. 2002

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2010.

GUTERMAN, Marcos. **Médicos e o Futebol**: A utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do Regime Militar. *Projeto História*, 2004.

MAGALHAES, Livia Gonçalves. **Futebol em tempos de ditadura civil-militar**. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, 2011.

MAGALHAES, Livia Gonçalves e CORDEIRO, Janaina Martins. **O Poder na Torcida: Consenso, Futebol e Ditadura no Brasil (1970) e na Argentina (1978)**. Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História – UFJF, 2016, pág. 4.

MAGALHAES, Livia. **Com a Taça nas Mãos**. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2014.

MARINHO, Maria Gabriela Silva Martins d Cunha e OLIVEIRA, Sonale Diane Castro de. **O Governo Geisel (1974-1979): O Ápice da Disputa pelo Poder entre “Duros” e “Moderados” e sua expressão memorialista entre os militares**. Antíteses, 2015

MATTOS, Cláudia. **Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MELO, Vitor de Andrade. **Cidade Esportiva- primórdios do esporte no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. Relume Dumará:FAPERJ,2001.

MEYHI, José Carlos Sebe Bom. **“Esporte e Sociedade: O caso do Futebol Brasileiro”**. In: Futebol e Cultura: Revista SP Cultura nº 1. José Carlos SebeBon Meihy e José Sebastião Wilter (orgs); Secretaria de Estado e Cultura de São Paulo, 1982

MOSTARO, Felipe Fernandes Ribeiro. **O futebol-arte na imprensa nacional: a construção de um estilo de jogo**. Artigo publicado dia 24/10/2014.

MOTTA, Rodrigo Pato Sá; Reis, Daniel Aarão; Ridenti, Marcelo; (org.). **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2014.

NAPOLITANO, Marcos. 1964: **História do Regime Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

NAPOLITANO, C.; LUVIZOTTO, C.; LOSNAK, C. e GOULART, J (orgs). **O Golpe de 1964 e a Ditadura Militar em Perspectiva São Paulo**, Cultura Acadêmica, 2014.

QUADRAT, Samantha Viz; ROLLEMBERG, Denise. **História e Memória das Ditaduras do Século XX**. Rio de Janeiro, 2015.

PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma Derrota**. Porto Alegre: L&PM, 2000

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura e Democracia no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

REIS, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Pato Sá. **A Ditadura que mudou o Brasil. 50 anos do golpe de 1964**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. Editora Zahar. Rio de Janeiro. 2005.

RODRIGUES, Nelson. **À Sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Cia das Letras, 1993,

ROLLEMBERG, Denise. **A ditadura civil-militar em tempos de radicalizações e barbárie, 1968-1974**. In: Democracia e ditadura no Brasil. Rio de Janeiro: EduERJ, 2006

SALVADOR, M. A. S., & Soares, A. J. **A memória da Copa de 70: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional**. Campinas: autores Associados. 2009.

SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo: uma história institucional da CBF**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

SOARES, Antônio Jorge G. 1999. **Futebol, Raça e nacionalidade no Brasil. Releitura da história oficial**. UGF, tese de doutorado.

SOARES, A. J., Helal, R., & Santoro, M. A. **A invenção do “futebol-arte”: as narrativas jornalísticas sobre a seleção de 70**. *Contemporânea*, 3(2), 2004.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil**. São Paulo: Conquista das Letras. 2008.